

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Allana Fernanda Gonçalves Dias

**O AMOR ON-LINE E SUA FUNÇÃO PARA UMA ADOLESCENTE:  
uma versão contemporânea do amor cortês?**

Belo Horizonte

2024

**Allana Fernanda Gonçalves Dias**

**O AMOR ON-LINE E SUA FUNÇÃO PARA UMA ADOLESCENTE:  
uma versão contemporânea do amor cortês?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nádia Laguárdia de Lima.

Belo Horizonte

2024

150	Dias, Allana Fernanda Gonçalves.
D541a	O amor on-line e sua função para uma adolescente [manuscrito]
2024	: uma versão contemporânea do amor cortês? / Allana Fernanda Gonçalves Dias. - 2024.
	100 f.
	Orientadora: Nádia Laguárdia de Lima.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia
	1. Psicologia – Teses. 2. Amor – Teses. 3. Adolescência - Teses. 4. Fantasia - Teses. 5. Cultura digital - Teses. I. Lima, Nádia Laguárdia de . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE ALLANA FERNANDA GONÇALVES DIAS

Realizou-se, no dia 29 de fevereiro de 2024, às 14:00 horas, Via Plataforma Zoom: <https://zoom.us/j/93340212909?pwd=eE40UGQ5Sk1iRkE0UFEyUjJkUm9YZz09>, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *O AMOR ON-LINE E SUA FUNÇÃO PARA UMA ADOLESCENTE: Uma versão contemporânea do amor cortês?*, apresentada por ALLANA FERNANDA GONÇALVES DIAS, número de registro 2021704631, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Nádia Laguárdia de Lima - Orientador (UFMG), Prof(a). Jacqueline de Oliveira Moreira (PUCMG), Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha (Faculdade de Medicina/UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Jacqueline de Oliveira Moreira, Usuário Externo**, em 08/03/2024, às 14:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nadia Laguárdia de Lima, Professora do Magistério Superior**, em 12/03/2024, às 19:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane de Freitas Cunha Grillo, Professora do Magistério Superior**, em 13/03/2024, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3092857** e o código CRC **25135046**.

*Ao meu amor, Thiago, que de um modo único me ensina a beleza do amor e do tempo; e aos meus pais, que me conduziram a entrar pela porta do amor, nos primórdios da vida.*

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto do meu envolvimento e desejo com o tema do amor e da Psicanálise, que são indissociáveis e com os quais me deixo atar cada vez mais. Um trabalho sobre o amor que foi feito a partir do laço com vários outros, não poderia ter sido de outro modo.

Agradeço primeiramente a Deus, a quem tomo como pessoa, que me ensina sobre o amor mais do que qualquer outro.

À minha orientadora profa. Nádia Laguárdia, que, desde a graduação, me possibilitou, com sua transmissão viva, impecável e cuidadosa, abrir o caminho do meu desejo pela Psicanálise. Agradeço-a também por ter apostado neste trabalho durante todo o mestrado, por suas leituras refinadas, bem como suas preciosíssimas contribuições de crucial importância para que esta dissertação, aos poucos, fosse adquirindo forma.

Às professoras integrantes da banca de qualificação, Andréa Guerra e Jacqueline Moreira, pela minuciosa leitura do projeto e valiosas contribuições, essenciais para que este trabalho fosse construído. E à profa. Cristiane Grillo, que gentilmente aceitou o convite para compor a banca para o momento final deste trabalho.

Ao professor Márcio Rimet Nobre, pela revisão extremamente cuidadosa e por suas sugestões fundamentais durante a conclusão da pesquisa.

Ao meu companheiro de vida, Thiago, pela sua presença e dedicação, me oferecendo suporte, escuta e cuidado em todas as fases do mestrado, criando as condições para que eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa quando precisei. Você é inigualável, minha inspiração diária.

Ao meu pai, Ismael Dias, que despertou em mim, desde a infância, o amor pelo saber e o interesse pela leitura e pela escrita. E à minha mãe, Adriene Dias, que sempre me incentivou afetuosamente na busca e na construção do conhecimento. Tenho um amor imensurável por vocês!

À minha amada irmã, Ellen Dias, agora em terras longínquas, mas que, mesmo de longe, torceu por mim e esteve presente durante todo o processo do mestrado.

À minha tia Arlete que pôde me abrigar em sua casa em Belo Horizonte quando precisei para realizar as aulas presenciais na UFMG, nestas idas e vindas da cidade de Mariana, onde atualmente resido.

À querida e eterna professora tia Lúcia, da pré-escola, com quem aprendi a ler e a escrever minhas primeiras palavras, e que me surpreendeu recentemente, entregando-me meu primeiro livro lido, guardado consigo durante todos esses anos para me entregar em momento oportuno.

Às minhas queridas amigas Carol Marra, Áquila Bruno, Raquel Nunes, Débora Alencar e Ariane Cabanelas pela bonita amizade e por caminharem comigo e me acolherem no percurso do mestrado. Cada uma, a seu modo, foi fundamental para que este trabalho pudesse se concretizar.

À querida Ronnara, que ofereceu seu incentivo generoso ao meu ingresso no mestrado, sobretudo ao contribuir para que eu percebesse meu desejo pela transmissão e pela pesquisa em Psicanálise.

À psicanalista Marina Del Papa e Allisson Vasconcelos, cujas trocas foram importantes para meu ingresso na pós-graduação.

À pesquisadora Juliana Berni, que contribuiu com uma sugestão essencial para a construção desse trabalho.

Aos demais integrantes do grupo de Pesquisa *Além da Tela: Psicanálise e Cultura Digital* pelas contribuições que direta ou indiretamente me inspiraram no processo de escrita da dissertação, em especial às colegas Mariana Sabino e Cíntia Demaria.

Aos servidores da SEJUSP, que me possibilitaram a flexibilização da minha jornada de trabalho como psicóloga para que eu pudesse me dedicar ao mestrado, particularmente à Renata Barbosa, Rodrigo Monteiro e Tiago de Pádua, que gentilmente me orientaram nos trâmites desse processo.

À minha analista, pelo seu trabalho impecável de escuta, que me ajudou a atravessar esse percurso de forma mais leve.

Às pessoas que confiam ou confiaram suas análises à minha escuta, no espaço clínico de onde surgiu meu interesse pelo tema desta pesquisa.

O amor, sabe-se, deve ser reinventado  
[Arthur Rimbaud, 1873]



## RESUMO

Dias, Allana F. G. (2024). *O amor on-line e sua função para uma adolescente: uma versão contemporânea do amor cortês?* Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Esta pesquisa, a partir de um caso clínico de uma adolescente que vivenciou um vínculo amoroso por longo tempo com outra adolescente nas redes sociais, objetiva identificar a função desse laço de amor: operaria como um apoio à construção da fantasia de complementaridade entre os sexos para a adolescente? O caso nos suscitou a formular um segundo questionamento: esse amor seria uma manifestação contemporânea do amor cortês no espaço virtual? A partir do método psicanalítico, a vinheta clínica nos permite ir além do caso, interrogando as condições da nossa época atravessada pela cultura digital no contexto da adolescência. A contemporaneidade é marcada por especificidades que dificultam a construção da fantasia. Por um lado, há o levantamento do véu em uma era esvaziada de ideais. Por outro, a pressa e a urgência modificam os modos de se enlaçar ao outro. Neste contexto, o cenário virtual apresenta condições propícias para a liquidez do amor, já que as conexões e desconexões ocorrem em velocidade crescente neste espaço. A busca por um parceiro no espaço digital é atravessada pelo capital, e, portanto, tem a forma de uma transação econômica, regulada pela lei da oferta e da procura. Esse discurso impõe um declínio da fantasia e uma aceleração tempo. O amor cortês contrapõe a essa lógica na medida em que possibilita a criação de um véu e uma dilatação do tempo, viabilizando as condições necessárias para a construção da fantasia. O espaço virtual propicia um cenário favorável para que o sujeito mantenha o amor à distância, inalcançável e idealizado. Concluímos que o amor on-line, além de operar como um apoio para a construção da fantasia no primeiro tempo lógico da adolescência, é uma versão contemporânea do amor cortês para uma adolescente. Desse modo, por mais que o amor se apresente em declínio em nosso tempo, foi possível verificar que algo de um “ideal de amor” pode se preservar entre os jovens.

**Palavras-chave:** amor cortês; adolescência; fantasia; tempo; cultura digital.

## ABSTRACT

This research, based on a clinical case of an adolescent girl who experienced a long-term romantic bond with another adolescent girl through social media, aims to identify the function of this love bond: does it serve as a support for constructing the fantasy of complementarity between sexes for the teenager? The case led us to formulate a second question: is this love a contemporary manifestation of courtly love in the virtual space? Using the psychoanalytic method, the clinical vignette allows us to go beyond the case, questioning the conditions of our era influenced by digital culture within the context of adolescence. The contemporary period is marked by specificities that hinder the construction of fantasy. On one hand, there is the lifting of the veil in an era emptied of ideals. On the other, haste and urgency modify the ways of connecting with others. In this context, the virtual scenario offers conducive conditions for the liquidity of love, as connections and disconnections occur at an increasing speed in this space. The search for a partner in the digital realm is influenced by capital, thus taking the form of an economic transaction regulated by supply and demand. This discourse imposes a decline in fantasy and an acceleration of time. Courtly love opposes this logic by enabling the creation of a veil and a dilation of time, facilitating the necessary conditions for fantasy construction. The virtual space provides a favorable setting for individuals to maintain a distant, unattainable, and idealized love. We conclude that online love, in addition to operating as a support for the construction of fantasy in the first logical period of adolescence, represents a contemporary version of courtly love for a teenager. Thus, despite love appearing to decline in our time, it has been possible to observe that aspects of an "ideal of love" can still be preserved among young people.

**Keywords:** courtly love; adolescence; fantasy; time; digital culture.

## RÉSUMÉ

Cette recherche, à partir d'un cas clinique d'une adolescente qui a vécu un lien amoureux de longue durée avec une autre adolescente sur les réseaux sociaux, vise à identifier la fonction de ce lien amoureux : servirait-il de soutien à la construction de la fantaisie de complémentarité entre les sexes pour l'adolescente? Le cas nous a amenés à formuler une seconde question : cet amour serait-il une manifestation contemporaine de l'amour courtois dans l'espace virtuel ? En utilisant la méthode psychanalytique, la vignette clinique nous permet d'aller au-delà du cas, en interrogeant les conditions de notre époque traversée par la culture numérique dans le contexte de l'adolescence. La contemporanéité est marquée par des spécificités qui rendent difficile la construction de la fantaisie. D'une part, il y a la levée du voile dans une époque vidée d'idéaux. D'autre part, la précipitation et l'urgence modifient les modes de lien avec autrui. Dans ce contexte, le scénario virtuel présente des conditions propices à la liquidité de l'amour, puisque les connexions et déconnexions se produisent à une vitesse croissante dans cet espace. La recherche d'un partenaire dans l'espace numérique est traversée par le capital, et prend donc la forme d'une transaction économique, régie par la loi de l'offre et de la demande. Ce discours impose un déclin de la fantaisie et une accélération du temps. L'amour courtois s'oppose à cette logique en permettant la création d'un voile et une dilatation du temps, rendant possibles les conditions nécessaires à la construction de la fantaisie. L'espace virtuel offre un scénario favorable au sujet pour maintenir l'amour à distance, inaccessible et idéalisé. Nous concluons que l'amour en ligne, en plus d'opérer comme support à la construction du fantasme dans la première période logique de l'adolescence, est une version contemporaine de l'amour courtois pour une adolescent. Ainsi, bien que l'amour soit en déclin dans notre époque, il a été possible de constater que quelque chose d'un "idéal de l'amour" peut encore se préserver chez les jeunes.

**Mots-clés:** amour courtois; adolescence; fantaisie; temps; culture numérique.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Função exponencial .....	18
Figura 2 - Vera Bugatti: anamorfose de espelho cilíndrico com retrato .....	41
Figura 3 - Nó olímpico .....	42
Figura 4 - Os quatro discursos.....	64
Figura 5 - Esquema do matema discursivo.....	64
Figura 6 - Discurso capitalista .....	65
Figura 7 - Função do amor on-line para uma adolescente.....	82

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: O AMOR NA CULTURA DIGITAL.....	20
1.1 O declínio da fantasia na atualidade e os seus efeitos sobre o amor .....	20
1.2 O amor adolescente na cultura digital .....	27
CAPÍTULO 2: O AMOR CORTÊS NA PSICANÁLISE .....	33
2.1 O surgimento do amor cortês.....	33
2.2 O amor na psicanálise.....	34
2.3 O amor cortês em Freud .....	36
2.4 O amor cortês em Lacan.....	38
CAPÍTULO 3: O TEMPO E SUA RELAÇÃO COM O AMOR NA ADOLESCÊNCIA .....	45
3.1 A aceleração do tempo na atualidade.....	45
3.2 Os “meses do amor” .....	47
3.3 O amor adolescente em tempos acelerados .....	49
3.4 A noção de tempo lógico em Lacan.....	53
3.5 A construção da fantasia no tempo lógico da adolescência.....	55
3.6 O declínio da fantasia na era da aceleração .....	57
3.7 O tempo de espera no amor cortês.....	59
CAPÍTULO 4: ADOLESCENTES E MODOS DE RESISTÊNCIA À COOPTAÇÃO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS VIA AMOR .....	63
4.1 O declínio do amor no capitalismo digital .....	63
4.2 Amor cortês na atualidade?.....	73
4.3 A função do amor on-line para uma adolescente.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	85
REFERÊNCIAS .....	87

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa surgiu da escuta clínica de uma adolescente que vivenciou um laço amoroso com outra adolescente através das redes sociais. Nos intrigou o fato deste relacionamento ocorrer estritamente no ambiente virtual, durante dois anos e meio, incluindo um tempo inicial de amizade, sem que a adolescente manifestasse qualquer interesse em encontrar-se pessoalmente com a namorada. O caso nos levou a interrogar a função desse laço amoroso para esta adolescente.

Lina<sup>1</sup> é uma adolescente de treze anos, a mais nova de uma família com duas filhas. A mãe procura a psicanalista movida pela angústia decorrente da possibilidade de a adolescente gostar de meninas e pelo fato de ela sentir “aversão a homens”. O silêncio de Lina, que não lhe conta tudo, inquieta a mãe, que desconhece os efeitos subjetivos que seus constantes conflitos com o marido poderiam provocar na jovem.

Nas sessões iniciais, Lina introduziu temáticas ligadas às suas vivências da adolescência. Comentou que adolescentes normalmente têm dúvidas quanto à sexualidade, relatando que essa hesitação já lhe ocorreu, mas que passou a se identificar como “pansexual”. Ao ser indagada sobre o significado dessa nomeação, ela diz se tratar de alguém que “não ama o outro pela aparência física, mas pelo seu caráter, pelo que a pessoa é por dentro”.

Lina revelou ter um relacionamento amoroso com outra adolescente, Ana<sup>2</sup>, de quatorze anos, que residia em uma região do país bem distante da que ela mora. Elas nunca chegaram a se conhecer pessoalmente e se relacionavam através das redes sociais. Era seu primeiro namoro, já que o que tinha antes, segundo ela, “não eram namoros, apenas namoricos de criança”. As adolescentes se conheceram logo no início da pandemia da covid-19. Apesar de ser bastante investida nesse relacionamento, Lina não manifestou o desejo de encontrar-se pessoalmente com a namorada.

O início do relacionamento surgiu por meio da rede social TikTok, quando a outra adolescente, ao perceber que Lina curtia e comentava os mesmos vídeos que ela, abordou-a em uma conversa privada. Inicialmente surgiu uma amizade entre as jovens, e cerca de um ano e meio depois, Ana se declarou à amiga, quando iniciaram um namoro à distância que se prolongou por aproximadamente um ano.

---

<sup>1</sup> Nome fictício para preservação da identidade da paciente

<sup>2</sup> Nome fictício para preservação da identidade da adolescente.

A adolescente parecia ver na parceira alguém semelhante, e apresentou uma imagem bastante idealizada desse relacionamento:

*“Somos muito parecidas, somos doces, gostamos das mesmas séries, filmes, livros e vídeos no TikTok e no caso dos gostos diferentes que temos, como uma banda musical, tratamos com muito respeito as diferenças, sem julgamentos, conversamos, não brigamos como meus pais”.*

Lina contrastava a sua relação amorosa com a de seus pais e com a dos pais de Ana: *“eles deveriam se separar. Os pais dela são amargos. A mãe vive em um relacionamento abusivo”*, e, se referindo aos próprios pais, observa/comenta: *“eles poderiam se comunicar em vez de brigarem. São imaturos. Acho que eles se amam, mas de um modo que não é normal”.*

Relata que após comentar com a mãe sobre seu namoro, ela demonstrou bastante resistência e pediu à filha que rompesse o vínculo amoroso. Porém Lina decidiu manter o relacionamento virtual escondido dos pais. A adolescente descreveu seus pais como muito invasivos:

*“Eles não confiam em mim, acham que eu não tenho caráter, nem opinião, invadem meu espaço e me arrancam o celular. Eu sempre apago todas as conversas que tenho com minha namorada para eles não verem. Isso é muito chato. Eles não deveriam fazer isso! Queria ter privacidade. Imagina se eu fizesse o mesmo com eles?”.*

No decorrer das sessões, Lina anunciou que os adolescentes têm interesses, questões e assuntos que se diferem daqueles dos adultos. Com ironia, declara que oferece variados conselhos amorosos para outros/as adolescentes, revelando ser a “conselheira Lina”, a “tia do conselho”. Este saber que ela supunha deter sobre o amor foi construído, segundo a jovem, a partir da sua convivência com os pais. A adolescente experimentava uma significativa angústia diante dos constantes conflitos entre eles, que muitas vezes culminavam em agressões físicas. Ela não podia compreender como os pais, após uma briga, passavam a se abraçar e a se beijar. Lina interpretou do seguinte modo essa parceria amorosa: *“eles se gostam, mesmo com as brigas... É como o meu cachorro, que é bruto, mas eu gosto dele, apesar disso”.*

Assim, mesmo sem ter experimentado um relacionamento corpo a corpo, Lina assumiu o papel de “conselheira amorosa”, ou seja, a de quem tem a fórmula da complementaridade entre os sexos. Ao contrário do relacionamento conturbado dos seus pais, o laço amoroso que construía com Ana, segundo Lina, era “perfeito” e lhe fornecia um “apoio emocional” nesse momento da adolescência. Ao mencionar a resistência dos pais em relação a seu namoro, disse

que há várias formas de se matar uma pessoa, e que é possível “matar alguém por dentro”, tirando o seu apoio emocional.

Este caso clínico levou-nos a interrogar qual seria, para Lina, a função deste relacionamento, mantido à distância. Buscamos investigar se esse amor, mediado pela tela, poderia operar como um apoio à construção da fantasia no tempo lógico da adolescência. Tomamos como ponto de partida o pressuposto de que haveria, na atualidade, um levantamento do véu que sustenta o enigma da sexualidade (Lacan, 1974/2003a; Cosenza, 2015).

O desvelamento generalizado da inconsistência do Outro que caracteriza nossa época, é marcado pela supremacia do empuxo ao gozo e conseqüente enfraquecimento da lógica do desejo. Além disso, a aceleração das trocas sociais promovida pelo discurso capitalista e pelo uso contínuo das redes sociais digitais, tem capturado o tempo psíquico, com efeitos sobre o laço social e sobre o processo de iniciação sexual dos adolescentes.

A partir desses pressupostos, interrogamos se, por meio de um amor mantido à distância, Lina buscaria sustentar o enigma da sexualidade, a partir da instauração de um tempo suspensivo, um intervalo necessário para a emergência do sujeito do desejo e o seu enlaçamento ao Outro. Nesse caso, haveria um modo singular de operar no tempo, e que permitiria a reconstrução da fantasia.

A idealização do objeto amoroso no caso Lina despertou nosso interesse pela temática do amor cortês, suscitando um novo questionamento: esse amor virtual seria uma versão contemporânea do amor cortês?

O levantamento bibliográfico sobre o tema, apontou a inexistência de uma concepção universal de amor. Em uma pesquisa realizada com adolescentes sobre manifestações de amor na atualidade, Lima et al (2014) constatam que apesar da multiplicidade, brevidade e fluidez dos laços amorosos atuais, os adolescentes permanecem “sonhando com a complementaridade entre os sexos” (p. 29). É o que Lina parece nos mostrar, ao estabelecer um laço amoroso virtual que sustenta o sonho de complementaridade entre os sexos.

As redes sociais constituem hoje um espaço privilegiado de interação social, especialmente entre os adolescentes. Segundo informações da pesquisa *Tic Kids Online Brasil*, desenvolvida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC)<sup>3</sup>, cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, entre 9 e 17 anos, eram usuários de internet no Brasil em 2019, o que corresponde a 89% do total de indivíduos com essa faixa etária. A pesquisa também mostrou que 88% dos adolescentes de 13 e 14 anos faziam

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 14 ago. 2022.



uso da rede no país, alcançando 96% dos adolescentes na faixa de 15 a 17 anos. Os dados investigados pelo CETIC apontam para um número crescente de adolescentes que acessam a internet e fazem da rede um espaço de comunicação, interação social e encontro amoroso.

Os dispositivos tecnológicos são produtos do mercado e seus efeitos sobre a subjetividade não podem ser negligenciados. O aparelho capitalista, com sua veloz engrenagem, associado ao desenvolvimento tecnológico, leva ao apagamento da dimensão subjetiva, com incidências sobre as questões do amor.

Segundo levantamento bibliográfico que realizamos, as pesquisas publicadas sobre o tema do amor on-line são escassas, evidenciando a importância dos estudos sobre as implicações das interações digitais no laço amoroso, especialmente no período da adolescência. De acordo com França (2016), “o diálogo entre as conexões virtuais e a psicanálise, não por acaso, tem se apresentado como uma via importante de interpretação da cultura e do sujeito em nossos tempos” (p. 139). A autora alega que a internet tem produzido novidades nas relações amorosas e nos vínculos de amizades, ao transpor as referências tradicionais de intimidade.

Os efeitos subjetivos do uso intenso das tecnologias digitais e das redes sociais pelos adolescentes se presentificam na clínica e na escola. As escolas têm demandado a intervenção dos psicólogos junto aos adolescentes, a partir dos sintomas relacionados aos usos desses novos dispositivos.

Mesmo reconhecendo as mudanças sociais e subjetivas promovidas pela lógica capitalista articulada à digitalização da vida, a psicanálise se volta para o uso que cada sujeito faz dos objetos tecnológicos digitais.

Enquanto a ciência privilegia um saber universal, objetivado, inequívoco, a psicanálise valoriza o caso a caso, o saber construído por um sujeito, atravessado pela dimensão inconsciente. A pesquisa em psicanálise está atenta àquilo que falha, ao equívoco que se manifesta no discurso. O “objeto de que trata a psicanálise é, então, o inconsciente, revelado no real da língua” (Pinto, 1999, p. 12). Ao reintroduzir o sujeito na pesquisa, e conseqüentemente, a dimensão inconsciente, a psicanálise desmascara a impossibilidade de se alcançar uma verdade totalizante pretendida pela ciência clássica, uma vez que o inconsciente aponta para a subtração de um saber (Guerra, 2022). Neste movimento subversivo, a psicanálise desvela o gozo embutido no saber-todo como ideal científico.

Desde os primórdios da psicanálise, Freud (1922-1923/1976) fez coincidir tratamento e investigação no método analítico, sustentando que “a psicanálise é uma notável combinação, pois compreende não só um método de investigação da neurose, como também um método de tratamento baseado na etiologia assim descoberta” (p. 207). De acordo Figueiredo e Vieira

(2002), isso significa que esses dois eixos são indissociáveis no campo psicanalítico: a psicanálise não se sustenta ou se restringe somente à clínica, sem um rigor teórico, nem tampouco somente ao exercício investigativo conceitual, que seria excessivamente especulativo. É nesta indissociabilidade, apesar de não-toda e assimétrica, que esta pesquisa se insere.

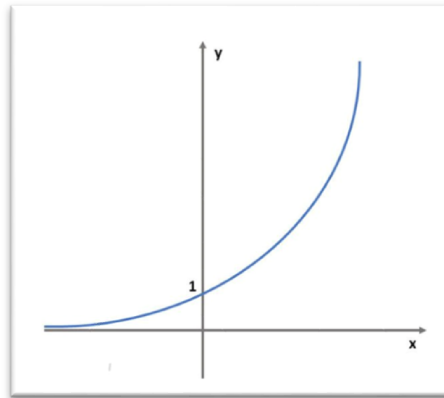
Em sua prática clínica, Freud transcrevia os relatos clínicos e fazia inferências destes relatos, construindo a teoria psicanalítica. Tal construção se deu a partir de fragmentos de memória do analista que ouvia associações livres, por vezes sem sentidos (Guimarães & Bento, 2008). Desse modo, tanto o uso de vinhetas clínicas quanto as transcrições integrais de uma sessão, podem servir de dados para uma pesquisa em psicanálise (Iribarry, 2003).

Em nossa pesquisa, o caso clínico operou como causa para a investigação, orientando o caminho teórico. Recortamos elementos do que apontam para a função e modalidade do laço amoroso estabelecido pela adolescente, de modo que não trabalharemos com a construção do caso clínico, mas com reflexões teóricas realizadas a partir de uma vinheta clínica.

Vorcaro (2010) identifica duas funções do caso clínico: a primeira é a função da literalidade do escrito, na medida em que é somente a partir de uma narrativa literal do caso que há o reconhecimento da dimensão singular da clínica. A escrita literal, a partir de uma operação simbólica de redução, tem um papel de um certo esvaziamento do imaginário de quem escuta. Para a autora, ao imprimir o caso na grafia pode-se destituir, em certa medida, esse imaginário consistente que visa encobrir o real. A segunda função seria a de “*exponenciar* o saber adquirido com os ensinamentos do caso, tornando-o capaz de interrogar, reformular, distinguir ou ultrapassar o que já foi explicitado pela generalização teórica psicanalítica” (Vorcaro, 2010, p. 15, grifo nosso). O significante exponenciar orienta-nos na discussão metodológica, uma vez que, para além da singularidade que se presentifica no inconsciente de cada um, a pesquisa propõe a construção de um saber que se pode extrair do caso.

Se pensarmos o termo exponenciar a partir da matemática, veremos que se trata de “elevar” o número a uma potência, uma multiplicação a partir de uma base numérica, que torna o valor maior, mas sempre mantém em sua estrutura a base do número que o originou no cálculo aritmético.

Conforme percebemos na Figura 1, representando uma função exponencial, parte-se de um ponto 1 e se alcança outras proporções, mais amplas, se expandido para outro espaço do gráfico. Então, a partir do ponto originário, é possível alcançar outro lugar – não o universal – sem perder o fio condutor que o originou.

**Figura 1- Função exponencial**

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/funcao-exponencial/>.

A vinheta clínica nesta pesquisa pode ser situada como o ponto 1 da Figura 1, como o ponto de partida, um caso que, apesar de único, não se reduz a ele mesmo, alcançando dimensões mais amplas. A vinheta clínica nos permite ir além do caso, interrogando as condições de nossa época atravessada pela cultura digital, especialmente no contexto da adolescência. Portanto, “exponenciar o saber” não significa pretender alcançar uma universalidade, mas sim, a partir do singular, buscar atingir proporções mais amplas.

A questão que orienta esta pesquisa, como antecipamos, é se o amor virtual poderia ser um apoio à construção da fantasia para uma adolescente. Interrogamos ainda, se ele poderia ser pensado como uma manifestação contemporânea do amor cortês.

Para responder a estas questões, organizamos a dissertação nos seguintes capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos uma reflexão sobre o amor no contexto da cultura digital, a partir da interlocução da psicanálise com autores dos campos da sociologia e da filosofia. Procuraremos demonstrar como o declínio da fantasia que, dentre outros fatores, se relaciona com uma supressão temporal como uma marca da era digital, incide no campo amoroso. Além disso, abordaremos as relações amorosas virtuais a partir do cenário líquido em que elas se constituem.

No segundo capítulo, realizaremos um breve percurso histórico do amor cortês e introduziremos a discussão sobre o amor na psicanálise para, posteriormente, acrescentar uma reflexão sobre as menções do amor cortês feitas por Sigmund Freud e por Jacques Lacan, ao longo de suas obras. Será possível notar como essa modalidade amorosa apresenta características próprias que se contrapõem ao cenário líquido em que o amor se insere na atualidade.

No terceiro capítulo, será abordada a incidência da aceleração do tempo, inerente ao capitalismo digital, sobre o amor na adolescência. Trabalharemos também o tempo lógico como condição para a construção da fantasia, fundamental na travessia da adolescência. No final do capítulo, trataremos ainda da dimensão da temporalidade no amor cortês.

No quarto capítulo, será discutido o declínio do amor diante da hegemonia do discurso capitalista, que também se presentifica no cenário digital. No tópico seguinte, analisaremos a possibilidade do amor on-line como uma forma de amor cortês na atualidade. Por fim, delimitaremos a função do amor on-line para uma adolescente.

## CAPÍTULO 1: O AMOR NA CULTURA DIGITAL

*“Belo não é o brilho instantâneo  
do espetáculo, do estímulo imediato,  
mas o pós-luzir silencioso,  
a fosforescência do tempo; [...]*  
*A transparência não fosforesce.”*  
[Byung-Chul Han]

A fantasia e o tempo estabelecem uma relação importante e necessária que será demarcada ao longo da dissertação. Será, sobretudo, a partir dessa associação que traçaremos o caminho para responder às questões desta pesquisa, sempre atrelado ao campo amoroso. Assim, como panorama inicial deste trabalho, para introduzir a reflexão sobre o amor na cultura digital, apresentaremos as ideias de alguns filósofos e sociólogos, que trazem uma leitura do amor na contemporaneidade a partir dessa relação com o tempo e a fantasia, estejam eles associados ou considerados isoladamente. Posteriormente, será realizada uma discussão introdutória do tema do amor na cultura digital, inclusive com autores da psicanálise, pensados também a partir do contexto da adolescência.

### 1.1 O declínio da fantasia na atualidade e os seus efeitos sobre o amor

O imperativo de transparência em nossa época, sustentado pelo capitalismo neoliberal e pelas tecnologias digitais, cerca os mais diversos âmbitos da vida humana. O filósofo Guy Debord (1967/1997) já anunciava a emergência de um ideal social de transparência na sociedade do espetáculo, que integra a produção do sistema econômico capitalista, sua condição e seus fins. Para o autor, na era do consumo, a relação entre as pessoas passa a ser mediada por imagens; toda vivência é afirmada e reduzida à aparência, havendo uma degradação da realização humana, que se desloca do ser para o ter, e deste para o parecer. Nessa perspectiva, tudo é aparência e só o que é visto pode ser legitimado.

Na supremacia do espetacular, ou se identifica com a vida aparente e sem profundidade, ou se está fadado ao desaparecimento. Toda experiência vivida diretamente se transforma em representação. A imagem se torna a realidade em si, o que se evidencia mais fortemente na cultura digital. Um ideal abstrato de vida passa a ser objeto de contemplação passiva, substituindo a realidade efetivamente vivida. O mundo se apresenta invertido, o verdadeiro é tido como falso, ou, como nomeia o Debord (1967/1997), “é o coração da irrealidade da sociedade real” (p. 23). Neste modelo de monopólio da aparência, somente o que é visível,

exposto e exibido é considerado bom. Dessa forma, a sociedade espetacular apresenta-se como uma “positividade indiscutível e inacessível” (Debord, 1967/1997, p. 24).

Na mesma perspectiva, Byung-Chul Han (2017a), em *Sociedade da Transparência*, aponta que no cenário capitalista tudo é submetido a uma “coação expositiva” (p. 17), e apenas o que é encenado é capaz de gerar valor. Trata-se de uma sociedade exposta, pornográfica, em que tudo se volta para fora, desvelado, despido, desnudo. O excesso de exposição sufoca a fantasia e transforma tudo em mercadoria, que fica à mercê da “corrosão imediata”, sem qualquer mistério. As coisas aparentes não desaparecem no escuro ou no silêncio, mas se “volatizam naquilo que é mais visível do que o mais visível: a obscenidade” (p. 18).

Para o filósofo, a sociedade da transparência também se torna inimiga do prazer, pois a dimensão prazerosa exige certo jogo imaginativo e narrativo, no antes e depois, um adiamento temporal que vai contra a lógica imediatista, em tempo real (Han, 2017a). A fantasia é imprescindível na economia do prazer, pois esta só se pode realizar a partir da dimensão da imprecisão e da falta de clareza. O pornô aniquila não apenas a dimensão do Eros, do amor, mas também do sexo. A imposição da exposição resulta na alienação do próprio corpo, coisificado, transformado em objeto expositivo e otimizado.

A transparência das coisas também é inimiga do laço amoroso, uma vez que é justamente a falta de transparência do outro, esse mistério encoberto, que mantém viva a relação. Nesse cenário, o amor, isolado da dimensão do vazio que lhe é próprio e do não saber, ou, como nomeia Han, “sem a lacuna do ver” (2017a, p.10), torna-se reduzido ao cálculo e é pornográfico.

A sociedade da transparência também se desdobra numa sociedade positiva, segundo Han (2017a), na medida em que tenta eliminar qualquer negatividade, reduzindo tudo ao cálculo e à operacionalidade. No campo amoroso, a sociedade expositiva e positivada, tende a negar qualquer possibilidade de sentimento doloroso. O amor se equipara a um arranjo de sentimentos agradáveis, de complexas excitações, sem consequências e sofrimentos. Desse modo, nesses tempos neoliberais o amor é “domesticado” e “positivado para a fórmula de consumo e conformidade” (Han, 2017a, p. 11), em que qualquer fagulha de desconforto deve ser evitada.

Em sua obra *Agonia do Eros*, Han (2017b), retomando a ideia da sociedade da transparência, declara que diante da *hight definition* informacional, o excesso de informações ao qual somos expostos faz com que nada possa ficar indefinido. No entanto, a fantasia se situa justamente em um espaço indeterminado. Assim, a informação e a fantasia seguem caminhos opostos. O excesso de informação não deixa espaço para a imaginação, uma vez que a hipervisibilidade não concilia com a força imaginativa. Neste contexto, a pornografia destrói a

informação visual e maximiza a fantasia erótica, na qual nada pode ser visto do romance dos amantes.

Diante do excesso de informações visuais, até a fotografia, que dá testemunho do que se passou, ao ser tomada integralmente pelo valor expositivo e negar toda negatividade, todo enigma e mistério que a envolve, ganha uma nova temporalidade. Não há espaço para nenhuma “tensão narrativa”, ou como coloca Han (2017a, p. 18), nenhuma “dramaticidade de romance” nas imagens expostas. O imperativo de transparência também extrai o cheiro das coisas, “o perfume do tempo” (p. 39), que se torna reduzido e esvaziado de toda e qualquer narratividade. O empobrecimento semântico e o enfraquecimento das narrativas de espaço e de tempo se tornam “obscenos” (p. 39). Para Han (2017a), a beleza de algo só pode ser extraída a posteriori e, citando Proust, “o gozo imediato” (p. 39) não está apto para o belo.

Ainda de acordo com o filósofo (Han, 2017b), não existe mais espaço para um “demorar-se contemplativo” (p. 35), mas há uma coerção para que nos tornemos superatentos e vigilantes, cerceando a possibilidade de cobrir os olhos, pois ao abri-los já não encontramos mais a mesma imagem. Tanto a hipervisibilidade quanto a velocidade das informações recebidas dificultam o processo do fantasiar.

Diante da enorme quantidade de imagens hipervisíveis, hoje já não é possível fechar os olhos. Também a mudança veloz das imagens não nos concede mais tempo para isso. Fechar os olhos é uma negatividade que não se coaduna bem com a positividade e hiperatividade da sociedade acelerada de hoje (Han, 2017b, p. 34-35).

A hipervisibilidade é o telos da sociedade da transparência, é seu estado desejado e ansiado que, de acordo com Han (2017b) se alinha com uma sociedade que está sempre vigilante e atenta a essa vitrine de exposição que ela mesma convoca. A perda do mistério e do enigmático também impactam nas relações, uma vez que, com a transparência, dissolvem também as fantasias sobre o outro. Para o autor, “a crise atual da arte e também da literatura pode ser reduzida à crise da fantasia, ao desaparecimento do outro, ou seja, à agonia do Eros” (Han, 2017b, p. 35).

A tendência da sociedade do consumo é a eliminação das diferenças, da “negatividade”. Tudo tende a ser nivelado e transformado em objeto de consumo. A transparência é simétrica e, portanto, rechaça todas as relações assimétricas (Han, 2017a). De acordo com o autor, os limites postos enquanto edifícios eliminatórios e excludentes “não movem mais as fantasias, pois não geram o outro” (Han, 2017b, p. 35). Ao contrário, percorrem o inferno do igual, que segue apenas as leis econômicas. No inferno do igual, que visa equiparar progressivamente a

sociedade atual, “já não mais nos encontrarmos com a experiência erótica” (Han, 2017b, p. 6), que implica incluir uma certa assimetria e exterioridade em relação ao outro.

As ameaças que incorrem sobre o amor nos últimos tempos, segundo Han (2017b), não são o efeito apenas da liberdade infinita de possibilidades para a eleição de parceiros, nem somente da ampliação da “tecnologia da escolha” e da racionalização do amor, como coloca Eva Illouz (2012, citada por Han, 2017b), em seu livro *Warum Liebe weh tut* [Por que o amor machuca]. O autor acrescenta que o que também sufoca o amor é a "erosão do Outro" (p. 6), o seu desaparecimento associado a uma narcisificação, que atinge todos os âmbitos da vida. Não há espaço para a alteridade, para o que está fora, além de si mesmo, o que agoniza Eros.

Alguns filósofos que analisam a contemporaneidade, consideram que nessa época de libertação sexual, de estímulo à exibição pública dos corpos e à pornografia, os laços sociais tornam-se instáveis, as conexões sociais superficiais, sem profundidade, como uma forma de defesa contra o amor. Para o filósofo francês Gilles Lipovetsky (1983/2005), o indivíduo torna-se dessubstancializado, tendendo a um desprendimento emocional diante da ameaça dos riscos impostos pela instabilidade das relações. Ele passa a ser desprovido da capacidade de sentir o vazio emotivo. O pavor da decepção e das paixões amorosas incontroladas leva-o a uma fuga da dimensão afetiva, criando uma espécie de defesa íntima contra os sentimentos. Desse modo, os relacionamentos interindividuais no cenário pós-moderno inclinam-se a conexões sem profundidade, protegidas da possibilidade de que o indivíduo se sinta vulnerável, favorecendo a independência afetiva.

As ideias progressistas do *cool sex* e das relações livres são tentativas de evitar, segundo Lipovetsky (1983/2005, p. 56) toda tensão emocional que possa advir das relações, atingindo um estado de indiferença. Um desprendimento que visa tanto se proteger das decepções amorosas, quanto dos próprios impulsos emocionais que poderiam afetar o equilíbrio interior do indivíduo. Segundo o autor, a libertação sexual, o feminismo e a pornografia também atuam na tentativa de construir barreiras contra as emoções, mantendo os afetos à distância. É o fim da cultura sentimental, do *happy end*, do melodrama e o advento de uma cultura *cool*, onde prevalece a indiferença nas questões do amor, na tentativa de proteger os indivíduos de suas paixões.

Para Lipovetsky (1983/2005), a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir emoções, e a fuga de experiências amorosas intensas, estão por toda parte. Quanto mais se promovem possibilidades de encontro amoroso, quanto mais livres e emancipadas se tornam as relações amorosas, mais distante se torna o desenvolvimento de uma conexão intensa. O aumento das



expectativas também leva os encontros amorosos na atualidade a se tornarem mais raros e breves.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2004), em *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*, considera que as relações virtuais parecem feitas sob medida para o cenário líquido em que a modernidade se constitui, já que os laços amorosos virtuais se fazem e desfazem em velocidade e volume crescentes. Há uma facilidade tanto para entrar, quanto para sair dos relacionamentos, acompanhado da promessa de que essas conexões e desconexões, permeadas de inúmeras “possibilidades românticas”, são a “mais satisfatória e a mais completa” (Bauman, 2004, p. 8). Essas conexões amorosas em rede se apresentam de modo “inteligente e limpas, fáceis de usar, compreender e manusear” (p. 8) e se diferem da “coisa autêntica, lenta e confusa” (p. 8) dos relacionamentos pré-virtuais, como nomeia o autor.

Quando as relações ameaçam evaporar-se, com a probabilidade de se tornarem insustentáveis, a tendência é substituí-las pelas redes, o que pode dificultar o estabelecimento das parcerias amorosas. De acordo com Bauman, as relações virtuais passam a estabelecer o padrão que direciona todos os outros relacionamentos. Nestes moldes da conectividade, até a linguagem se modifica. Quase não se fala mais em “relacionar-se” ou “relacionamentos”, mas em conexões, “conectar-se” e “ser conectado” (2004, p.8).

Nessa cultura consumista – que facilita o acesso ao produto pronto para uso imediato – o prazer passageiro e a satisfação instantânea, que não exigem empenhos a longo prazo, são incorporados nas parcerias amorosas. O amor se apresenta como a oferta de uma promessa ilusória e sedutora que se equipara a outras mercadorias. Vende-se a garantia de se poder constituir a experiência amorosa de modo indolor, sem ansiedades e esforços, no apertar de um botão. A facilidade de desengajamento e de ruptura nos relacionamentos, contudo, não torna os riscos menos prováveis, apenas estes se manifestam de modo diferente. Os relacionamentos continuam suscetíveis de desencadear ansiedades (Bauman, 2004).

Esse cenário líquido é primorosamente representado no longa argentino *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*, de 2011, dirigido por Gustavo Taretto. O filme aborda os constantes desencontros amorosos dos personagens Martín e Mariana, que se conheceram virtualmente. O roteirista enfatiza a presença do universo virtual na esfera amorosa, denunciando a solidão compartilhada no cenário urbano hiperconectado. O longa apresenta as reflexões e interrogações dos personagens: “Esses fios servem para nos aproximar ou nos distanciar?”, “A internet me aproximou do mundo, mas me distanciou da vida”, comentam os personagens, denunciando o fato de que as conexões em rede nem sempre favorecem o laço social e amoroso.

No filme, Mariana, recém-saída de um relacionamento amoroso, apaga todas as fotos nas redes sociais que marcaram aquela história, na ilusão de abolir, com esse ato, a dor provocada pelo término. Ela busca, com apenas um clique, desfazer-se de todos os registros e rastros que pudessem lembrá-la do passado, eliminando, assim, parte da sua história e memória, na tentativa de suprimir o luto necessário à elaboração da perda. Uma tentativa certamente frustrada.

Apesar de serem vizinhos, uma muralha, uma “*medianera*” – aquele lado esquecido dos edifícios, sem janelas, também chamados de paredes cegas, normalmente usados para propagandas comerciais – distanciavam Mariana e Martín. Essa muralha pode ser pensada representando o discurso capitalista, que cria uma barreira para as coisas do amor. Em uma sociedade marcada pelo predomínio do discurso capitalista, há um apagamento da dimensão da alteridade. Nas redes sociais, acompanhamos as reverberações narcísicas da nossa cultura. Cada um cria sua conta no Instagram, no Facebook, no TikTok, para construir e vender a própria imagem, numa autopromoção que visa o maior número possível de curtidas. Assim, buscam se manter fechados no próprio espaço, em suas bolhas digitais, circunscritos em salas de espelhos que refletem a própria imagem, indefinidamente.

O apagamento da alteridade implica no apagamento da dimensão do amor. No discurso capitalista, o outro é tomado como um objeto de consumo, que pode ser substituído por uma máquina, um aplicativo, como pode ser percebido em uma das cenas em que Mariana tem uma relação sexual com um manequim. Ela mesma se percebe como um manequim exposto, “imóvel, silenciosa e fria”, totalmente desprovida de afetos.

Foi possível observar no longa que quando os protagonistas conversam no *chat*, não há espaço para o mal-estar. Tudo deve ser respondido imediatamente, sem intervalos, de forma objetiva, sem espaço para dúvidas, reflexões, silêncios. Exige-se uma resposta imediata do outro, uma “garantia” da sua presença, de modo ininterrupto.

Para Bauman (2004), o relacionamento amoroso tradicionalmente requeria o cultivo e o preparo, e também o espaço de um intervalo, uma dilatação do tempo, o adiamento da satisfação. Tudo isso é inteiramente rechaçado no mundo da velocidade e da aceleração. Tal como nos comerciais que anunciavam o surgimento dos cartões de crédito, agora não é preciso esperar para satisfazer os desejos. O impulso é o elemento direcionador das conexões, reproduzindo os padrões dos *shopping centers*, sem que se exija muitas habilidades do consumidor. Do mesmo modo que outros bens de consumo, as parcerias devem ser “consumidas” instantaneamente e utilizadas uma única vez, para que depois possam ser descartadas.

Na era dos “relacionamentos de bolso”, a distância não é mais obstáculo para iniciar um contato, e inaugurar um contato também não é um motivo para se permanecer nele. As relações podem ser encerradas apenas no apertar de um botão, sem deixar rastros ou sombras permanentes, tornando os laços flutuantes, frágeis e flexíveis. A proximidade topográfica se tornou antiquada e, diferentemente desta, os vínculos virtuais não necessitam ser estabelecidos de antemão e não resultam necessariamente em um enlaçamento amoroso permanente. Centradas no “negócio à mão”, estão protegidas contra um envolvimento maior, ao qual o relacionamento corpo a corpo, “difuso e voraz” está sujeito. Desse modo, o amor na contemporaneidade, sobretudo o amor que se mantém exclusivamente on-line, não escapa à lógica do mercado (Bauman, 2004).

Para Slongo (2016), estamos diante de novos laços de amor e novos arranjos familiares. O discurso “até que a morte nos separe”, que outrora sustentava as parcerias, esmoreceu. A queda dos ideais que orientavam gerações inteiras em outras épocas, somada à mercantilização da vida, tem produzido um ceticismo crescente no homem ocidental, provocando uma mudança discursiva em relação ao amor. A esfera amorosa tende a uma depreciação contínua, um movimento que parece adquirir o estatuto de sintoma atual, como um novo recurso encontrado pelos sujeitos frente a divisão entre amor e gozo.

A convocação do gozo nas redes sociais deixa pouco espaço para o desejo, para as coisas do amor. Há um levantamento do véu em torno do enigma da sexualidade. Lacan, no *Seminário Mais ainda* (1972-73/1985) é categórico ao dizer que “tudo é exibição de corpo evocando o gozo” (p. 121) e em *Meu Ensino* (1967-1968/2006) também declara: “a sexualidade é alguma coisa mais pública” (p. 26).

Na mesma perspectiva, Serge Cottet (2008) revela que a sexualidade, antes velada, circunscrita a um gozo clandestino, abre espaço a uma exposição pública da intimidade. Para o autor, a atualidade é marcada pela permissividade e precocidade da relação sexual, revelada principalmente entre as meninas. As informações ofertadas aos adolescentes sobre a sexualidade surgem acompanhadas de todas as inovações tecnológicas das últimas décadas. O sexo “cai nas redes” e está fadado a sofrer o destino do “hiperconsumo e da lei da economia de mercado: desempenho, velocidade e concorrência” (Cottet, 2008, p. 3, tradução livre). O imaginário sexual dos jovens na atualidade é permeado de imperativos que remetem a uma “balcanização do consumo” (p. 3, tradução livre).

A banalização da relação sexual tende a apagar o ideal do amor e isso se verifica entre os adolescentes. As práticas de gozo contemporâneas, voltadas para um gozo cru e desvelado, cada vez mais despojadas de um relato, se inscrevem numa lógica discursiva que pretende

executar uma ascese no campo do amor, uma tentativa de desfazer o incômodo despertado pelo amor. Busca-se encontrar no amor uma lei universal, uma certeza, que possa operar para todos. A inundação de imagens pornográficas na rede, com sua promessa de gozo imediato, pretende levar à destituição da dimensão impossível do amor. Nesse sentido, os sujeitos encontram cada vez mais dificuldades para se orientarem no campo amoroso em um cenário onde os corpos estão cada vez mais ausentes (Ventura, 2021).

Neste cenário, acompanhamos um declínio do amor. Prevalecem a banalização do sexo e o desencantamento do amor. Na era esvaziada de ideais, o adolescente, diante da precariedade ficcional, vai do excesso do ato à paralisia do tédio. E o amor emerge como um brilho momentâneo, um “lampejo” (Barreto & Hagze, 2021, p.4).

## **1.2 O amor adolescente na cultura digital**

O surgimento da internet contribuiu de forma decisiva para a liquidez dos laços (Bauman, 2004). O cenário virtual apresenta condições propícias para a liquidez do amor, marcada por conexões e desconexões em velocidade crescente. Essa forma de laço social proporcionado pelas conexões virtuais extrapolou os domínios das plataformas digitais, como vimos, e se tornou um modelo cultural de relacionamento amoroso.

Estamos imersos na cultura digital, que se refere às novas formas de trocas culturais que caracterizam a sociedade contemporânea, reflexo do processo de digitalização. As informações, antes analógicas, passam a ser codificadas para a linguagem numérica de dados discretos, operados a partir de combinações dos algarismos 0 e 1. O desenvolvimento dessa nova linguagem tem colaborado para o advento de inúmeros aparatos tecnológicos que lhe oferecem suporte.

A expressão “digital” passou a abranger mais do que os dados discretos ou os dispositivos tecnológicos que operam como apoio à sua transmissão (Nobre, 2020). O digital engloba também o modo novo como a sociedade se configura, marcada pela comunicação instantânea, pela onipresença da mídia e pela conexão em âmbito global, que integram uma parcela considerável das experiências contemporâneas. Desse modo, o “digital” aponta para um conjunto complexo de fenômenos que se estendem cada vez mais em nossas vidas e indicam a existência de uma cultura (Nobre, 2020).

Para o filósofo e sociólogo Pierre Lévy (1996), o virtual não se refere apenas ao espaço definido pelas redes de computadores, mas demarca uma desterritorialização de presença e de tempo. Esse modo de organização particular inaugura uma lógica de espaço temporal que

permite a aproximação de pessoas distantes fisicamente. Com o advento dos dispositivos tecnológicos digitais, está cada vez mais difícil distinguir a fronteira entre os universos on-line e off-line.

Segundo Laurent (2017), a internet modifica drasticamente a maneira pela qual cada um se conecta ao mundo. Ela configura-se como um novo “órgão” que dá ao corpo a ilusão de completude, por ofertar um acesso imediato e ilimitado ao mercado globalizado. Freud comentou, em *O mal-estar na civilização* (1930/1996b), que os objetos propostos em sua época – carros, aviões, óculos, telescópio, microscópio, telefone, a escrita – atuam como uma espécie de aperfeiçoamento dos órgãos para a eliminação dos obstáculos, como complemento à precariedade do corpo. Na cultura digital, os objetos tecnológicos digitais estão cada vez mais acoplados aos corpos, ao ponto de não ser mais possível separá-los.

A internet provoca um retorno a uma condição infantil, ao narcisismo, quando se acredita no Um, na possibilidade de satisfação plena, “uma ilusão fundamental de que o homem é escravo” (Laurent, 2017, p. 1). O espaço virtual se apresenta com novos modos de enlaçamentos e pode se configurar narcisicamente, em uma dimensão prevalentemente imaginária, como se os internautas estivessem isolados em “câmaras de ecos” (p. 1), ouvindo somente reverberações da própria opinião.

No espaço virtual, cria-se a ilusão de proximidade e intimidade, mesmo diante da distância geográfica, apontando para um processo de desterritorialização. Contrapondo-se aos princípios de materialidade da sociologia clássica, o espaço virtual faz com que o encontro face a face deixe de ser condição imprescindível para os vínculos estabelecidos nas redes (Dela Coleta, Dela Coleta & Guimarães, 2008).

A natureza das interações on-line também dissolveu os limites estabelecidos entre o público e o privado. O espaço privativo perdeu espaço para uma exposição pública da intimidade na internet. Como coloca Han (2017a), “a intimidade é a fórmula psicológica da transparência” (p. 41). A imposição da transparência resulta na revelação de sentimentos e emoções íntimas que se desnudam no espaço virtual. As mídias sociais e os sites de busca consolidam um espaço de proximidade absoluto. Neste espaço íntimo habitam apenas os semelhantes, e a diferença é excluída.

A tentativa de eliminação das distâncias no espaço digital produz repercussões no campo amoroso. As possibilidades de interações românticas nas redes sociais se transformam em um imperativo de exibição da intimidade do casal, que se submete a certo grau de transparência, com a exposição de imagens íntimas ao público. Neste movimento, há uma exaltação da individualidade, que se exhibe ao olhar do outro. Os relacionamentos amorosos são expostos

publicamente para transmitir uma ideia de felicidade e complementaridade entre os sexos (Moreira et al., 2017).

As redes sociais tornaram-se o principal veículo de socialização e de busca por parcerias amorosas e sexuais na atualidade. Se inicialmente o público que acessava as redes de relacionamento amoroso era marcado predominantemente por pessoas que apresentavam dificuldades de contato social, agora o seu público abrange os mais variados perfis de usuários. O sistema de busca de parceiros amorosos nas plataformas de relacionamento amoroso tem suas semelhanças, não à toa, com qualquer produto vendido virtualmente. Nessas plataformas, é possível filtrar pessoas por cor, tamanho, peso, preço, permitindo sustentar a fantasia de se poder “fabricar” alguém conforme os desejos individuais, de encontrar um complemento ideal, que não decepcionará. A escolha amorosa passa a ser realizada de modo alienado, a partir de processamentos de dados cruzados de um software que oferece a combinação perfeita, levando à ilusão de um encontro ideal (Dessal, 2019).

Para a psicanálise, a despeito do desdobramento que uma relação amorosa iniciada nas plataformas digitais possa produzir, se ela durará ou se desmanchará em um intervalo muito curto de tempo, ela será sempre malsucedida, na medida em que o reencontro com o objeto perdido é impossível, e as conexões sempre serão marcadas por fraturas e desencontros. Nenhum objeto amoroso será capaz de restituir plenamente a satisfação original, por mais que, inconscientemente, o sujeito tente encontrá-la. Neste contexto, a internet torna-se cenário fértil para a ilusão de complementaridade entre os parceiros. Ela opera como uma espécie de versão “ultramoderna das crenças mágicas”, capaz de criar a cilada da realização plena das fantasias que cada um projeta na tela (Dessal, 2019, p. 35, tradução livre).

De acordo com Akimoto (2021), os jovens da atualidade fazem parte da geração dos “nativos digitais”, sendo os primeiros a nascerem imersos neste novo mundo. Por terem crescido envolvidos no universo tecnológico, os efeitos subjetivos do uso desses dispositivos para esse público tornam-se mais complexos e imprevisíveis, impossibilitando a realização de qualquer análise genérica ou reducionista da relação que eles estabelecem com a virtualidade. O autor propõe a busca por uma faísca do sujeito no campo ainda escuro do universo digital.

Assim, as redes sociais se configuram como parte determinante do universo social do adolescente. No redespertar das pulsões, os adolescentes tendem a buscar por seus parceiros amorosos e, na contemporaneidade, essa busca ganha uma nova particularidade: ela passa também a ocorrer no espaço virtual. Uma maior facilidade em fazer contatos através das redes sociais torna esse ambiente fascinante para este público.

Os encontros virtuais muitas vezes têm prevalecido em detrimento do encontro corpo a corpo, presencial. No despertar sexual as redes podem emergir como um ensaio ao amor, um modo do adolescente obter coragem. Nesse sentido, relata uma adolescente, em sua análise, sobre sua maior facilidade de se relacionar amorosamente no meio digital, alegando que no encontro corpo a corpo sente vergonha diante das brincadeiras amorosas entre os jovens: “*meu rosto cora, não dá para disfarçar*”. O que parece tentar esconder, através das redes, é a dimensão desejante que se presentifica no corpo. Ao contrário da “proteção” das telas, no encontro presencial, o corpo não deixa fingir e algo do real sexual se evidencia nesse rubor.

Nas redes, o corpo pode se apresentar de outro modo: “*diante da paquera, eu fico vermelha, mas o outro não vê*”, relata esta adolescente. O corpo [velado], quando incluído na cena do digital, se mostra em imagens, em pedaços, *nudes*, de um modo fugaz, intacto, com filtros. Algo do real do corpo sai de cena no enquadre do olhar do outro e o que se apresenta é puro semblante, regulado pelos ideais impostos pelas redes. Assim, as telas são como um espelho, e as relações amorosas são marcadas por uma prevalência da dimensão imaginária de imagens controladas e prefiguradas.

Se falta a coragem, nas redes é possível vivenciar o amor ou namoricos através de *likes*, troca de imagens fugazes, uma fresta do corpo que pode aparecer em instantes e logo desaparecer, seja através do Instagram, Facebook, Snapchat, WhatsApp, TikTok ou mesmo o Tinder, em alguns casos de adolescentes, por não terem a idade mínima necessária para ter acesso ao aplicativo (dezoito anos). Se não der certo, apaga-se tudo e desaparece sem deixar pistas ou explicações. É o conhecido *ghosting*, termo em inglês derivado de *ghost* [fantasma], e que já foi incorporado pelo dicionário britânico Collins desde 2015. Fenômeno muito presente no campo das relações amorosas estabelecidas na virtualidade – e não apenas entre os adolescentes –, caracterizado pelo encerramento abrupto de um contato, que deixa o outro no “vácuo” ou simplesmente bloqueia e some, sem aviso prévio ou explicações. Este é um reflexo da descartabilidade das relações amorosas da atualidade, descritas por Bauman (2004), e que não é sem efeitos subjetivos. Curiosamente, o símbolo de umas das redes que ainda é muito acessada pelos adolescentes para criarem vínculos, o Snapchat, é um fantasma, e não por acaso, uma vez que o “desaparecimento” marca essa rede, as fotos e mensagens evaporam em instantes, tão logo sejam visualizadas.

Nestes espaços virtuais os adolescentes têm um vocábulo próprio para o amor no digital, todos apontam para uma certa fugacidade das relações amorosas. A vaporização e a fluidez dos laços amorosos se evidenciam nessa diversidade de nomes para o amor que circula entre os adolescentes, quando o *match* acontece: “poliamor, o que se fecha em relações abertas, o da

aliança, o ficante, o fluido, o antiromântico, o amor “pá, pum!”, [...] amantes-amigues, laço poroso, plural [...] a “pegação” (Barreto & Hage, 2021, p. 4). Para Miller (2016), a entrega de corpos, a prevalência do “se dar” e do “se pegar” (p. 21) evidenciam a ausência da relação sexual no real.

Recentemente também se destaca um novo modo de se relacionar amorosamente no digital que vem sendo tendência entre os jovens, o chamado *situationship* [estar em uma situação], termo difundido nas redes sociais e também já incorporado pelo dicionário Oxford Languages, em 2023<sup>4</sup>. Trata-se de um contato indefinido e casual, sem formalidades e perspectivas futuras. É marcado pela efemeridade e existem vivências sexuais, mas não implica compromisso. Podemos encontrar essa expressão na música, na TV e, sobretudo, em redes como TikTok e Twitter. No TikTok é possível perceber muitas interações e engajamentos em vídeos com a *hashtag* #situationship. Um modo de se relacionar atravessado pela virtualidade, muitas vezes reduzido a práticas sexuais, que se esquia dos riscos e do envolvimento afetivo, evidenciando o amor líquido que vimos em Bauman (2004).

Por outro lado, ao contrário, alguns jovens, imersos em suas telas, podem apresentar certa indiferença em relação ao sexual, como um modo moderno de relacionamento não-sexual, que visa extrair o menor efeito possível do “encontro” com o outro. Segundo Cottet (2008), mais do que uma arte inventada para viver na nova era, essa indiferença sinaliza uma defesa contra o vazio, um sintoma do jovem contemporâneo. Segundo Lima (2009), a internet promove tanto o acesso ao outro, quanto uma interdição, uma vez que na ausência do contato corpo a corpo, o adolescente pode adiar o encontro com o outro sexo, mantendo a ilusão de completude em relação ao amor.

Com dificuldades em se orientar no campo da falta, o sujeito na atualidade tende a não consentir com o acontecimento amoroso, uma vez que a falta é sua condição estruturante. No lugar disso, o amor passa a ser substituído por um laço mais flácido e fugaz. A dimensão amorosa também se desbota quando se tenta torná-la uma fórmula universal, diante de uma pluralidade de amores (Ventura, 2021).

Diante desse contexto social, algumas indagações podem ser colocadas, considerando o amor entre os adolescentes: como os adolescentes vivem o amor na era digital? O amor à distância, mediado pela tela e sustentado no tempo, poderia ser uma forma de resistência à liquidez dos laços contemporâneos? Caso se trate de uma resistência, em que medida este modo

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2023/>



de relação mediada pela tecnologia e sem encontro de corpos poderia ser tomado como uma nova versão do amor cortês?

Para responder a tais indagações, passaremos, no capítulo seguinte, a trabalhar com este tema caro tanto a Freud quanto a Lacan: o amor cortês.

## CAPÍTULO 2: O AMOR CORTÊS NA PSICANÁLISE

*“Meu Deus! como é possível  
Que quanto mais longe de mim, mais a desejo”*  
[Aimeric de Belenoi]

### 2.1 O surgimento do amor cortês

O termo “amor cortês” foi criado por Gaston Paris, em 1883, para definir um modo específico de laço amoroso existente na era medieval, marcado pela exaltação do amor, não o amor pleno, mas um amor indelevelmente insatisfeito (Soares, 2021). O amor cortês surgiu no século XII, através dos trovadores do sul da França, e no século seguinte se fez presente em Portugal e na Galícia, pelas cantigas de amor. A tese é de que esse novo amor nasce como uma reação contrária a anarquia dos costumes feudais que vigorava na época (Rougemont, 1988).

No século XII o casamento circunscrevia-se exclusivamente a um meio de obter riquezas a partir da aquisição de terras como dotes ou heranças. Nessa lógica de interesses, quando os negócios fracassavam, a mulher era repudiada. O amor cortês promove uma ruptura com esse costume, ao dissociar amor e casamento, cultivando uma fidelidade que vai além de formalidades conjugais. O casamento significava apenas a união de corpos, enquanto o “Amor” pressupunha a castidade, como entoa o trovador de Toulouse, Guilhem Montanhagol (1233–1268) (Rougemont, 1988): *E d'amor mou castitaz* [do amor vem a castidade]. O amor é “o eros supremo, é a projeção da alma para a união luminosa, para além de todo amor possível nesta vida” (p. 63).

Neste tipo de amor o objeto amado é inacessível e, por isso, quem ama se coloca a serviço da pessoa amada, em sofrimento, e até mesmo morrendo de amor. O amor cortês é sustentado por um modo singular de relação entre o amante e a amada, que se prefigura com características próprias, como humildade, fidelidade e segredo (Ferreira, 2004). O nome da Dama deve ser mantido em sigilo, oculto aos olhos de todos, a fim de preservar o sentimento amoroso por muito tempo. Se a identidade da amada é descoberta, o amor deixa de se desenvolver e começa a entrar em declínio. Assim, o temor de perder o amor sustenta o segredo (Soares, 2021). Na fidelidade, além de se opor à instituição do casamento, resiste também à satisfação do amor. Uma das regras do amor cortês é impossibilitar que a paixão se concretize na realidade. Na falta de obstáculo, ele é inventado, como no romance de Tristão e Isolda; há um prazer na privação do objeto amado, em nome do amor pelo próprio amor, embora isso também resulte em sofrimento (Rougemont, 1988).

Uma característica marcante e intrigante deste modo de amar é que o objeto amado só pode estar na condição de privação, é um amor que se inscreve na dimensão da falta. O amante, no entanto, se abstém do objeto amado, mas não do amor, e o que se ama é o próprio amor. Toda organização significativa do amor cortês gira em torno da inibição da sexualidade e da representação da mulher como um enigma inescrutável. O objeto amado, a Dama, é revestido de onipotência (real) e de dom (simbólico), e ganha atributos divinos (Ferreira, 2004).

A idealização da Dama contrastava com a visão da mulher da época medieval, subjugada, reduzida ao papel da maternidade. No amor grego, a centralidade se encontra nas virtudes viris do homem, no seu heroísmo, temeridade e bravura. No amor cortês, no lugar do heroísmo do guerreiro, apresenta-se o heroísmo poético. A figura central passa a estar na Dama, o cavaleiro lhe oferece palavras de amor e poesia. O homem se torna seu servo, como em uma relação de suserania e vassalagem. Desse modo, o amor cortês inaugura uma nova concepção da mulher, que passa a ser tomada como causa (Soares, 2021). No lugar idealizado, ela só pode ser amada na condição de abstinência sexual, uma barreira criada que visa velar o impossível da complementaridade entre os sexos, como veremos (Ferreira, 2004).

## 2.2 O amor na psicanálise

O amor é um dos temas centrais da teoria psicanalítica. No artigo *Sobre o narcisismo: Uma introdução*, Freud (1914/1996c) afirma que um indivíduo que ama se priva de uma parte do seu narcisismo. A libido objetal atinge sua alta quando o sujeito se encontra apaixonado e parece desistir do seu próprio ser a serviço do amor ao objeto. Segundo ele, o sujeito apaixonado investe a maior parte de sua libido no objeto amado, levando a um rebaixamento do amor-próprio. Neste sentido, o objeto amado é sempre passível de idealização.

O estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões. Exalta o objeto sexual transformando-o num ideal sexual. Visto que, com o tipo objetal (ou tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada (Freud, 1914/1996c, p. 107).

Para Lacan (1972-1973/1985), o amor está presente em todo o discurso analítico. Ele explorou o tema sobretudo no *Seminário, livro 8: A transferência* (1960-1961/2010). Neste seminário, ao abordar *o Banquete de Platão*, o autor insere o amor de transferência como condição para a análise, e assinala que a própria natureza da transferência é uma experiência amorosa. Em sua célebre afirmação “o amor é dar o que não se tem” (p. 49) descrita neste

seminário, Lacan esclarece que o que se *tem* para oferecer no amor é justamente uma falta. O amante projeta sua falta sobre o amado e esse oferecimento da falta é precisamente aquilo que inaugura a dimensão do amor.

Ainda neste seminário, Lacan (1960-1961/2010), anuncia que *agalma*<sup>5</sup> é o que enlaça os amantes, na medida em que implica a relação com o desejo. O que caracteriza o sujeito que endereça seu amor ao outro é aquilo que lhe falta, mas o que falta a um não se encontra oculto no outro. Por isso, o encontro amoroso não é complementar, pois cada um busca no outro o objeto de sua própria fantasia.

Em *O Seminário 20, Mais, ainda*, a partir da proposição da tábua da sexuação, Lacan (1972-73/1985) demonstra a impossibilidade de complementaridade entre os sexos. Ele descreve duas modalidades de gozo: uma masculina e outra feminina. Do lado masculino, o gozo é circunscrito pelo significante fálico, é finito e localizável. Do lado feminino, o gozo se apresenta como infinito, não podendo ser circunscrito pelo significante fálico. Os dois modos de gozo determinam duas formas de amar: a fetichista, do lado masculino; e a erotomaníaca, do lado feminino. Não há coincidência entre o que um busca no Outro, pois, de um lado o que se busca é o objeto fetiche e, de outro, o objeto erotômico (Lacan, 1972-1973/1985).

Assim, há um desencontro entre o masculino e o feminino nos campos do amor e do gozo, um mal-entendido, já que eles não experimentam o amor da mesma forma. Neste sentido, Lacan aponta para a inexistência da relação sexual que está colocada para todos. O encontro com o sexual, que acontece de modo singular na trajetória de cada um, sempre se caracteriza como o encontro com o impossível (Lacan, 1972-1973/1985).

Diante da impossibilidade, resta apenas “o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 198). Nos encontros amorosos, por um instante o sujeito pode ter a ilusão de que é possível que a relação sexual possa se escrever. No entanto, todo encontro se constitui como um desencontro, na medida em que as relações serão sempre assimétricas, lançando o sujeito no desamparo fundamental e na incompletude, que constituem todo ser falante.

Ainda no *Seminário 20*, Lacan nos diz que o amor “ignora que é apenas o desejo de ser Um, que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos dois sexos” (p. 14). Para o autor, o gozo é solitário, e de Dois não se faz Um. Os corpos copulam porque as palavras copulam: “[...] um corpo, isso se goza. Isso se goza por corporizá-lo de maneira significativa” (Lacan,

---

<sup>5</sup> Termo grego originado de “*agallo*”, que significa enfeitar, ornamentar. *Agalma* remete à ideia de um objeto apresentado como uma joia rara, com um brilho que atrai, mas que permanece ali, como objeto inalcançável.

1972-1973/1985, p. 35). Assim, o objeto que causa o desejo não é nenhum parceiro em particular, apenas a contrapartida do sujeito na fantasia. O verdadeiro parceiro do sujeito não é o outro, mas o *objeto a*, anônimo e desconhecido. Ele causa o desejo, mas como indeterminado (Soler, 2012).

Ao longo da sua obra, Lacan aborda o tema do amor em suas dimensões imaginária, simbólica e real. No *Seminário I, os Escritos Técnicos de Freud* (1953-1954/1986), o amor-paixão é localizado no plano imaginário, fazendo referência ao amor de transferência freudiano. Esse amor é narcísico e se dirige ao outro como objeto a partir de uma relação especular. Lacan também o nomeou de amor-engano ou amor-ilusão, por sustentar a ideia de uma fusão com o outro, em uma tentativa de fazer *Um*. Neste tipo de amor, ama-se a própria imagem, aquilo que o sujeito gostaria de ser, o eu ideal.

Ainda no *Seminário I*, Lacan diferencia o amor-paixão do amor como dom ativo, que se dirige ao objeto amado para além do que ele parece ser, ou seja, de sua falta a ser, apesar de visar o outro, não o toma em sua particularidade. O amante se volta para o outro com o objetivo de ser amado por tudo o que é e saturar sua falta estrutural. Essa vertente do amor se sustenta no plano simbólico.

Já no *Seminário 20*, o amor é compreendido por Lacan (1972-1973/1985) em sua função de recobrir o real, fazendo suplência à não-relação sexual. Localizado do lado do sujeito desejanter, esse amor se dirige ao Outro a fim de produzir sentido àquilo que é impossível de simbolizar. Em um só tempo, recobre e aborda o real, o furo estrutural, por isso, se insere na dimensão real do amor.

Além de pensar o amor a partir dos três registros, Lacan destaca diferentes modalidades da esfera amorosa, dentre elas, o amor cortês – que já havia sido trabalho por Freud no caso da jovem homossexual – e que elegemos como um dos temas centrais desta pesquisa.

### **2.3 O amor cortês em Freud**

O amor cortês já havia sido identificado por Freud, ainda que não o tenha designado por essa nomeação, em uma de suas analisandas, descrito no texto *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (1920/2020). Trata-se de uma adolescente homossexual de dezoito anos, de elevada posição social, bonita e inteligente, como definiu Freud, cujo pseudônimo é Sidonie Csillag.

A jovem se apaixonou devotamente por uma mulher, dama da sociedade, cerca de dez anos mais velha que ela e designada como uma “cocota” pelos pais de Sidonie, por manter

relações com homens e com uma mulher casada. No entanto, a fama pejorativa da dama não interferia na adoração de Sidonie pela mulher e, a despeito de ser um amor proibido e vigiado pelos pais, ela aproveitava as raras oportunidades de se encontrar com a amada para observar seus hábitos, lhe enviar presentes e esperá-la por horas em locais por onde ela transitava. O amor idealizado tirou da jovem os demais investimentos, como seus estudos, sua vida social e os prazeres próprios da juventude. As poucas amigas com quem mantinha contato serviam-lhe como confidentes de seu amor proibido.

Os pais de Sidonie ficavam aturdidos com o fato de sua filha não ser meticulosa em se exhibir publicamente com a dama, negligenciando sua honra própria, apesar de também tentar dissimular com muitos esforços os encontros que tinha com sua amada. Certo dia, o pai encontra com a filha em companhia da dama e lhe lança um olhar furioso. Imediatamente, a jovem corre, joga-se por cima do muro e se precipita em direção à linha férrea próxima de onde estava, mas sobrevive. Depois deste ato, a dama, que já se mostrava inacessível, não mais aceitou as investidas de Sidonie, passando a tratá-la como uma amiga.

Um tempo após a tentativa de suicídio, os pais levam a filha à Freud, demandando que este lhe traga de volta à “normalidade”. O pai estava enfurecido com suas tendências homossexuais e escolhas amorosas e queria reverter suas inclinações naturais. Na análise, a adolescente demonstrava que não tinha pretensões de mudar sua homossexualidade ou de abdicar da amada. Para Freud, a jovem, a partir da forma de laço que estabelecia com a dama adorada, encarnava o tipo masculino de amor, desprezioso, que pouco espera e nada pede. Segundo Freud (1920/2020) trata-se de um tipo de escolha objetal que se dirige à mãe e não ao pai, conforme a trama edípica familiar, uma escolha que aponta para um ideal de mulher, mas também para um ideal de homem. Ademais, a má reputação da dama era uma condição para o amor de Sidonie, que não lhe causava horror, mas apenas certa compaixão e o ímpeto de “salvá-la”, como ocorre em algumas modalidades de amores masculinos.

Para além desse devotamento, chamou a atenção de Freud o fato de que a jovem mantinha intacta sua “castidade genital” (1920/2020, p. 165), o que apontava para a “pureza de um amor” que repudiava qualquer possibilidade do ato sexual. Por mais intenso que fosse os sentimentos de Sidonie pela dama, esta nunca lhe concedera nada, além de beijar-lhe a mão. A jovem também rejeitou, sem hesitação, possibilidades amorosas mais concretas, como ocorreu entre ela e outra jovem homossexual de sua idade. Esta situação sinaliza que a adolescente parecia se esquivar do encontro com o outro sexo e se dirigia a um amor impossível, uma vez que a dama amada se mantinha numa posição inacessível, aconselhando a jovem, a cada

encontro, que desistisse desse amor. Ao descrever este caso, Freud localiza a presença do inconsciente na dinâmica que envolve a esfera amorosa, e isso inclui o amor do tipo cortês.

#### 2.4 O amor cortês em Lacan

É possível localizar várias referências ao “amor cortês” na obra lacaniana. Em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*, Lacan (1956-1957/1995) apresenta esse amor como um modo muito específico de realização amorosa, que se presentifica na cultura e na história repetidamente, de modo totalmente consciente. Ele aponta que o amor cortês “implica uma elaboração técnica muito rigorosa da abordagem amorosa, que comportava longos estágios de contenção na presença do objeto amado, visando à realização deste mais-além que se busca no amor, o mais-além propriamente erótico” (p. 87). Lacan (1995) explica que o que esse modo amoroso alcança está “mais-além do curto-circuito fisiológico” (p. 87) e que se atinge algo pelo “uso deliberado da relação imaginária como tal” (p. 88). O amor cortês é compreendido por Lacan neste seminário como um amor que se satisfaz para além da dimensão erótica e fisiológica, que se sustenta a partir da instância imaginária, e pode subsistir mesmo privado por longos períodos da presença do objeto amado.

Nesse mesmo seminário, em *O primado do falo e a jovem homossexual*, retomando o caso de Freud, Lacan (1956-1957/1995) aponta para o fato de que não se trata de uma relação homossexual comum, apesar de nas parcerias heterossexuais também haver uma variedade nos modos de se estabelecer o laço amoroso. Para ele, Freud já tinha apontado a especificidade desse tipo de escolha de objeto ao se referir a um amor do tipo platônico ou *miinnliche*, que remete à ideia de um amor cortês. Também fez uso de termos como *Schwärmerei*, que, segundo a tradição alemã, significa “a exaltação que está no fundo da relação” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 109).

De acordo com Lacan (1956-1957/1995), Freud também localiza a relação da jovem com a dama, “no mais alto grau da relação amorosa simbolizada, colocada como serviço, como instituição, como referência” (p. 109). Para Lacan, trata-se de um amor que não demanda nenhuma outra satisfação além do “serviço à Dama” (p. 109), é um amor sagrado, naquilo que se tem de mais devotado. É uma modalidade amorosa que está para além de uma atração ou necessidade, que além de dispensar a satisfação, visa a não-satisfação. Um modo de amar, nessa dimensão idealizada, se constitui, segundo Lacan, a partir da instauração da falta na relação com o objeto. Isso significa que o amor que a moça devota à dama tem a marca do desejo para

além da mulher amada, visa algo diferente dela. No amor idealizado, que Lacan nomeará de “extremo do amor”, o que se busca na mulher é justamente o que lhe falta: o falo.

Em *O Seminário, livro 10: a angústia*, Lacan (1962-1963/2005) retoma o caso da jovem homossexual e a função do amor cortês. Citando o próprio Freud, relata que a jovem se dirige à amada como um cavalheiro que tudo sofre e contenta-se com o pouco que recebe do outro a quem endereça seu amor, que é superestimado quanto mais não oferece uma recompensa. Lacan (1956-1957/1995) mostra que Freud localizou esse tipo de amor no registro da experiência masculina. A jovem abandonara o cultivo de seu narcisismo, seus cuidados, sua coqueteria e sua beleza, para se transformar no cavalheiro servidor da dama.

Essa dama, ela vai tratá-la, com efeito, num estilo altamente elaborado de relações cavalheirescas e propriamente masculinas, com uma paixão oferecida sem exigência, desejo, nem mesmo esperança de retribuição, com o caráter de um dom, o amante se projetando para além mesmo de toda espécie de manifestação da amada. Em suma, encontramos aí uma das formas mais características da relação amorosa em suas formas de cultivo mais elevadas (Lacan, 1956-1957/1995, p. 123).

Em *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, Lacan (1959-1960/1988) revela que no amor cortês o objeto é elevado à “dignidade da Coisa” (p. 141), a uma dimensão sublime intangível, inclusive por alibis sociais e geográficos, sendo a impossibilidade do ato sexual substituída por este modo singular de amar, como menciona Söhnle (2015). De acordo com Lacan, o amor cortês se apresenta sociologicamente como paradoxal na medida em que é promovido a essa função de Coisa, que ao encarnar o objeto, encarna a própria ausência. Uma vez inacessível, o amante permanece desejando, sem ter acesso ao objeto amado, que fica para “sempre perdido”.

No mesmo seminário, Lacan (1988) esclarece que no amor cortês há uma “sublimação do objeto feminino” (p. 141), ou a “exaltação do amor” (p. 137), conferindo-lhe um lugar especial, superestimado e valorizado, no qual se fixa imaginariamente e obtém sua satisfação. Este lugar idealizado atribuído à dama foi construído socialmente ao longo da história, e recebeu grandes influências das artes, como a música e a literatura. Lacan demarca que o amor cortês era, em síntese, “um exercício poético” (p. 184), um modo de jogar com os ideais presentes em cada época, mesmo que eles não tivessem nenhum correspondente na realidade. Essa modalidade de amor, de caráter profundamente narcísico, recebeu influência decisiva das manifestações poéticas dos trovadores na cultura, sobretudo na construção de uma imagem idealizada do feminino.



Na arte fundada pelo trovadorismo, a mulher, tomada como dama, é elevada ao lugar de suserana e o homem, de seu vassalo. Assim, no amor cortês inaugura-se uma nova representação da mulher, que se vê elevada acima do homem (Rougemont, 1988), como também destaca Lacan (1959-1960/1988), ao revelar a etimologia do termo *Domnei*, Dama, que significa “aquela que, num dado momento, domina” (p. 187). Essa dama é apresentada no lirismo com caracteres despersonalizados, qualificada por virtudes que fogem da realidade concreta e se apresenta como um objeto que Lacan chamou de “enlouquecedor”, “um parceiro desumano” (1988, p. 187).

No amor cortês, para que o trovador alcance a condição de amante, é necessário que cumpra três estágios: Aspirante, que se consome em suspiros; Suplicante, aquele que ousa pedir; e, finalmente, Amante (Soares, 2021). No *Seminário 7*, Lacan (1959-1960/1988) aproxima essas etapas às técnicas de retenção, suspensão e do amor *interrupts*, que remete ao que Freud (1905/1974) denominou, nos *Três ensaios* [...], como algo da ordem dos prazeres preliminares. Ao dizer isso, de modo paradoxal, Lacan reconhece neste extremo do amor, marcado pela renúncia e beatitude, uma ética do erotismo, uma vez que, apesar de não alcançar o objeto sexual propriamente dito, há uma satisfação que obedece à lógica do princípio do prazer. O prazer que se sustenta é o de desejar ou, mais especificamente, o prazer de experimentar um desprazer, o que justifica a valorização das preliminares no ato de amor. No ato poético, segundo Söhnle (2015), os trovadores brincam com o prazer de vivenciar o desprazer da privação deste objeto inacessível e impessoal, a *das Ding*.

Esse modo de representar o feminino no amor cortês, como objeto enigmático e inalcançável, é expresso por Lacan (1959-1960/1988) no *Seminário 7* a partir de uma analogia com a anamorfose, uma técnica de pintura utilizada nos séculos XVI e XVII, em que a imagem, representada de modo distorcido, só pode ser vista de determinado ângulo, produzindo uma ilusão ótica. Essa técnica foi muito empregada por artistas da época para desviar a atenção do espectador de algumas cenas, a exemplo da clássica obra *Os Embaixadores*, de Hans Holbein, de 1533, que, a depender do ângulo em que é observada, permite a visualização da imagem de um crânio como que flutuando ao centro do quadro. Esta visão parece nos remeter à morte, apontando para uma dimensão do real (Ferreira, 2004).

Na anamorfose cilíndrica, mencionada por Lacan (1959-1960/1988), a imagem pintada difusamente é projetada em um cilindro que exerce a função de espelho, diante do qual há uma superfície plana com traços ininteligíveis. Em um determinado ângulo, nem sempre perceptível à primeira vista, a figura se produz de modo indecifrável, projetando sobre o cilindro uma bela imagem, enquanto algo bastante descomposto, disforme, e, por vezes, sem sentido se esparrama

em volta, conforme ilustrado na figura 2. A imagem refletida no cilindro, além de irreal, é intangível e produz enigma, estando ali apenas enquanto um significante, como ocorre na visão do feminino no amor cortês.

**Figura 2 - Vera Bugatti: anamorfose de espelho cilíndrico com retrato**



Fonte: <https://stringfixer.com/pt/Anamorphosis/>.

No seminário seguinte, *Livro 8: a transferência*, Lacan (1960-1961/2010) retoma o amor grego a partir do laço de amor dos personagens Alcebíades e Sócrates, em *O Banquete*, de Platão, para descrever as funções ocupadas em uma parceria amorosa: a do amante e do amado. Na primeira, nomeada de *érastes*, está o sujeito desejante, faltoso, aquele que no amor cortês se coloca a serviço da Dama. Já a posição do amado [*érômenos*], corresponde à de objeto de desejo, habitada pela Dama.

Nesse contexto, Lacan fará um paralelo entre o amor cortês e o amor grego a partir do termo grego *agalma*, originado de “*agallo*”, que significa enfeitar, ornamentar. *Agalma* remete à ideia de um objeto apresentado como uma joia rara, com um brilho que atrai, mas que permanece ali, como objeto, a Dama. Esse significante tem relação com uma imagem capaz de causar o desejo, o objeto *a*, que, segundo Lacan (1960-1961/2010), é o que enlaça os amantes. No entanto, diferentemente do amor grego, no amor cortês é necessário a renúncia do objeto amado (Ferreira, 2004), como vimos no amor de Sidonie.

Em *O seminário, livro 20: mais, ainda*, Lacan (1972-1973/1985) joga com a homofonia em francês *aimer* [amar] e *âme* [alma], cuja junção em português forma um termo interessante, “almorosas” (p. 91), para se referir ao modo de amar das mulheres, que “almam a alma” (p. 91). Em um jogo lexical, o psicanalista francês enfatiza: “a alma alma a alma, não há sexo na

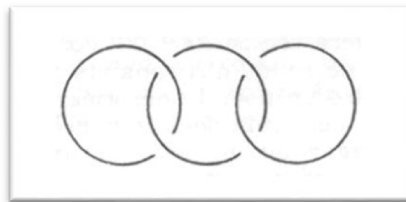
transação. O sexo não conta neste caso. A elaboração de que essa transa resulta é homossexual, como é perfeitamente legível na história” (p. 90-91), apontando para uma dimensão *ex-sexo*, extrassexo ou, como chama Lacan, “divertialmente homossexual” (p. 92), que exclui as diferenças sexuais e não inclui o gozo do Outro.

A ideia de *almorosas*, em referência ao amor das mulheres, se aproxima muito de uma das falas de Lina. Ao se identificar como pansexual, a adolescente atribui seu sentido particular ao signo da cultura: “alguém que não ama o outro pela aparência física, mas pelo seu caráter, pelo que a pessoa é por dentro”. Assim, ela ama a alma, uma alma que se assemelha à sua.

No *Seminário 20*, Lacan (1972-1973/1985) situa o amor cortês como uma invenção, um modo “inteiramente refinado de suprir a ausência da relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo” (p. 75), ou como a “única maneira de se sair com elegância da ausência da relação sexual” (p. 75).

No *seminário 21*, Lacan (1973-1974/2018) retoma o tema do amor cortês, a partir de uma modificação do nó borromeano para o nó olímpico. Segundo o autor, o amor cortês tenta escrever a relação sexual por meio de três argolas, representadas pelos registros psíquicos do real, simbólico e imaginário (p. 75), como na figura 3:

**Figura 3 - Nó olímpico**



Fonte: Lacan (2018).

O registro imaginário prevalece entre os demais, é “o fundamento do verdadeiro lugar do amor” (Lacan, 2018, p. 81), de onde o amor parte. Caso se extraia essa argola central, imaginária, as demais se desfazem, evidenciando a importância da dimensão especular e idealizada do amor cortês. Consideramos que o amor de Lina vivenciado nas telas se situa nesta vertente imaginária, como uma tentativa de fazer Um.

As reflexões lacanianas nos oferecem novos elementos para pensar o caso freudiano da jovem homossexual. Segundo Moura e D’Agord (2012), em *O amor de Sidonie: quando a amada precisa se manter inacessível*, a jovem homossexual não demandava a presença da amada, era um amor que não buscava “ganhar corpo”. A possibilidade de enlace adquire a dimensão insuportável de aproximação do desejo do Outro, e o contato precisa estar

necessariamente interdito. A fim de não correr o risco do encontro com o real, ama-se a dama à distância, apostando que ela “não queira vir para a cama” (p. 294). O que se demanda do outro não é o olhar ou a presença, mas ser privado de ser tocado por uma dimensão de real, — o que Lacan (1959-1960/2017), chamou de “ser privado de alguma coisa de real” (p. 186). Esse distanciamento é um modo de se defender frente a angústia insuportável que o encontro de corpos poderia suscitar.

Na lógica do amor cortês há uma regulação da distância do objeto amado. Mantém-se um intervalo entre os corpos a fim de suspender o contato do sujeito com o que Lacan (1959-1960/1988) chamou de Coisa. O lugar idealizado que a dama ocupa para a jovem permite esvaziar o objeto feminino de “toda substância real” (p. 186). Tal como também ocorrera em Dante Alighieri, poeta italiano da literatura medieval, que inserira no centro de suas obras literárias a pequena Beatriz Portinari, por quem se apaixonara quando eram crianças. Ainda que distantes — já que sua amada havia se casado com outro homem —, Beatriz permaneceu como causa de sua escrita desde *La Vita Nuova*, de 1293, até *A divina comédia*, produzida entre 1308 e 1320, caso em que, segundo Lacan (1988), o amor cumpriu uma função simbólica, e também sublimatória, ao transformar em poesia o amor inalcançável.

A privação do objeto possibilita que o sujeito se esquive do reconhecimento da dimensão faltante do ser. Transforma-se, então, a impossibilidade em inacessibilidade, estratégia refinada de evitar se defrontar com a não relação sexual (Moura & D’Agord, 2012).

O caso freudiano apresenta aproximações e distanciamentos do caso descrito nesta pesquisa. Nos dois, trata-se de uma adolescente que estabelece um laço amoroso idealizado com outra pessoa do mesmo sexo, a despeito da proibição de seus pais. Em ambos os casos, há uma privação do objeto com a suspensão do ato sexual. Ao colocar um obstáculo no acesso à sua “dama amada e idealizada”, cada uma, a seu modo, procura suprir a ausência da relação sexual, fazendo existir em sua fantasia a complementaridade entre os sexos. No caso de Lina, a fim de não correr o risco do encontro com o real, ama-se a dama à distância, intermediado pela tela do dispositivo tecnológico.

As diferenças entre os dois casos podem ser pensadas principalmente a partir do contexto social em que cada um se insere. De forma muito abreviada, porque dedicaremos o último capítulo a tratar dessas diferenciações, podemos dizer que a época vitoriana foi marcada pela forte repressão sexual, quando o Ideal estava localizado no zênite social. O contexto atual, em que Lina está inserida, é marcado pela ascensão do gozo e pela queda dos grandes ideais sociais. O discurso da ciência se alia ao mercado com impactos no estatuto do saber, que passa a ser tomado como um objeto de consumo. O consumo assume um lugar de centralidade na

vida social. O capitalismo informacional dá lugar ao capitalismo neoliberal, que tem como versão última uma lógica de vigilância de dados. As tecnologias digitais incidem sobre os laços sociais, introduzindo novas possibilidades de se comunicar e de se relacionar. O simbólico se mostra cada vez mais debilitado, e as identificações no espaço virtual são marcadas pelo predomínio do imaginário.

No campo sexual, é possível reconhecer muitos avanços sociais desde a época de Freud. Existe uma maior aceitação social dos relacionamentos homossexuais, mesmo que o preconceito ainda esteja presente. Os movimentos feministas e de gênero proporcionaram muitos progressos no campo dos direitos civis das mulheres e das pessoas LGBTQIA+. No campo do amor, os relacionamentos duradouros foram substituídos por relações mais líquidas, conforme vimos.

O sujeito se constitui em determinada cultura, de modo que há uma indissociabilidade entre o psíquico e o social. No entanto, o psicanalista está atento ao uso particular que cada sujeito faz dos objetos da cultura, e da função desses objetos para cada um. Neste sentido, interrogamos: qual a função desse relacionamento amoroso, mediado por uma tela, para Lina?

Como vimos, Lacan, no *Seminário 7*, destaca um modo específico de relação com o tempo no amor cortês, que envolve retenção e suspensão. Assim, analisaremos a relação entre o amor e o tempo na adolescência, para responder à seguinte questão: o relacionamento virtual de Lina seria uma nova versão do amor cortês?

### CAPÍTULO 3: O TEMPO E SUA RELAÇÃO COM O AMOR NA ADOLESCÊNCIA

*“O pássaro que julgava surpreender  
 Bateu asas e voou  
 O amor está longe, podes esperá-lo  
 Já não o esperas, aí está ele  
 À tua volta, depressa, depressa  
 Ele vem, ele vai, depois volta  
 Julgas tê-lo apanhado, ele te escapa  
 Julgas que te fugiu, ele agarra-te  
 Amor! Amor! Amor! Amor!”*  
 [Georges Bizet, *Habanera*, Ópera *Carmen*]<sup>6</sup>

*“Lá ia eu com as mãos em meus bolsos furados;  
 O paletó também se tornara irreal;  
 E sob aquele céu, Musa! eu era teu vassalo;  
 E imaginava amores nunca imaginados!”*  
 [Arthur Rimbaud]<sup>7</sup>

#### 3.1 A aceleração do tempo na atualidade

A atualidade é marcada pela sensação de aceleração do tempo. Vivemos o presenteísmo, com uma excessiva valorização do tempo presente, marcada por uma temporalidade acelerada que se apropria de todos os espaços. A sua incorporação na cultura tem como finalidade primordial "preparar os jovens para entrar no mundo tal como ele é" (Matos, 2008, p. 1). Um tempo que não se abre para a história nem para o futuro, com poucas lacunas para o sonhar. O capitalismo, que engendra essa aceleração, confisca o “espaço da experiência” e o “horizonte de expectativas”, reduzindo o tempo a um “presente perpétuo” (Matos, 2008, p. 2).

O avanço do capitalismo, associado ao desenvolvimento tecnológico digital, imprimiu à noção de progresso o sentido de uma superioridade do presente em relação ao passado. A tradição das coisas se transforma em obsolescência. O moderno, o novo, se torna equivalente à revolução científica e tecnológica. O tempo passa a ser institucionalizado aos moldes da dominação do mercado globalizado. Como vimos no primeiro capítulo, a temporalidade acelerada, imposta pelo capitalismo tardio, produz uma lógica de desengajamento em relação ao mundo compartilhado, gerando dificuldade no desenvolvimento de laços duradouros. Procura-se eliminar toda a esfera dos vínculos e dos afetos, que se tornam reduzidos ao valor

<sup>6</sup> Tradução do francês extraída do texto *O amor, um pássaro rebelde*, de Marisa Faermann Eizirik (2018).

<sup>7</sup> Primeira estrofe do poema *Vagabundagem*, que o poeta francês Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891), compôs em sua adolescência. Extraído do livro *O prazer do poema - uma antologia pessoal*, de Ferreira Gullar (2014). Também traduzido para o português por Ivo Barroso (1995), como “Minha boêmia”, do original *Ma Bohème [fantaisie]*.

de troca, regulados por um mercado de consumo permanente que induz à pressa e coage a um estado de rapidez e aceleração, o que intensifica a superficialidade dos vínculos, uma vez que é preciso tempo para cultivar os sentimentos (Matos, 2008).

Para Bauman (2001), na era da aceleração, no lugar dos objetos duráveis entram os objetos “transitórios”, destinados a serem consumidos e descartados, e a desaparecerem rapidamente. Manter algo por longo tempo, além do prazo para o descarte, se torna “sintoma de privação”, diante das ofertas que sempre apresentam substitutos novos e aperfeiçoados. A infinidade de possibilidades esvaziou a infinitude do tempo, que perde seu poder de sedução. O que passa a seduzir é a rapidez do tempo, o instantâneo.

O tempo se mostra encurtado. O “longo prazo”, mesmo que habitualmente ainda seja mencionado, é esvaziado de significado, sendo substituído pelo “curto prazo”. A transitoriedade ganha o espaço da durabilidade. Se na modernidade sólida a duração eterna era o ideal que movia as ações, na modernidade líquida a dimensão duradoura perde sua função e a instantaneidade é posicionada como seu ideal último. Ela não apenas dissolve, como obscurece e desvaloriza a duração das coisas (Bauman, 2001).

A duração se torna um risco, algo sólido e pesado, que restringe o movimento. A cultura vigente, portanto, rechaça a durabilidade das coisas. Vive-se no presente, tentando esquecer o passado sem dar credibilidade ao futuro. Para Bauman (2001) a nova instantaneidade do tempo modifica radicalmente os modos de vinculação humana, que também passam a se inserir na lógica da velocidade e da aceleração.

Lacan (1971-1972/2001) já previa os efeitos da aceleração proporcionada pelo avanço do capitalismo que, ao operar sob rodinhas, tende a forcluir a castração e, conseqüentemente, o laço social e o amor.

Garcez e Cohen (2011) apontam que essa nova relação do sujeito contemporâneo com o tempo apresenta um paradoxo. Por um lado, tem-se a pressa, por outro, a necessidade de postergar o encontro com a falta. Ambas são tentativas de evitar o encontro com o horror da castração e da morte. Na pressa, cria-se a ilusão de que os objetos possam ser sempre substituíveis, de que nada lhe falta, na tentativa de proteger o ser falante dos encontros que são sempre faltosos.

Ventura (2021), ao levantar questões sobre o amor e a erótica do tempo, escreve que na contemporaneidade o laço social se constrói a partir de uma redução do tempo operada pelo discurso. No caso do amor, ele fica “à mercê de uma escritura estranha” (p. 6), ao se afastar da dimensão temporal de outrora, o tempo de espera, do intervalo necessário para que se produza algo do silêncio, da ausência e da incerteza. O sujeito contemporâneo resiste em suportar a

espera e substitui essa experiência pelo consumo de uma satisfação imediata. Desse modo, o laço amoroso é cada vez mais cerceado pela lógica instantânea e na época em que há um imperativo pela transparência generalizada, no lugar do amor, incide o gozo.

### 3.2 Os “meses do amor”

A adolescência é considerada o tempo do amor. Momento em que os jovens despertam para a paixão, que sonham com o encontro amoroso e dedicam grande parte do próprio tempo fantasiando, falando e decantando suas experiências amorosas. Na clínica os adolescentes se ocupam, incansavelmente, de falar de amor. Segundo Corso (2004), o amor adolescente ensina sobre a necessária elaboração do sintoma infantil que é crescer: “Crescer é parir-se a partir do vazio (solidão) de cada um e da inadequação de todos para preenchê-lo. Amar é praticar a arte de descobrir e negar, repetidamente, o eterno desencontro” (p. 147). Essa inadequação ou desencontro gera dor, frustração, sofrimento, mas nela está o motor da vida, que mantém o desejo vivo. Para Corso (2004), “[...] seja exercido ou fantasiado, o amor é o espaço propício em que cada um elabora o que é necessário para garantir sua existência” (p. 147).

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1974) descreve as transformações que ocorrem no corpo durante a puberdade, destacando seus efeitos na vida erótica do sujeito. As metamorfoses que ocorrem na puberdade implicam na perda do corpo infantil, exigindo a reconstrução de uma nova imagem corporal. A puberdade é o momento de despertar para o desejo e para o gozo que transborda o corpo.

O despertar da puberdade convoca o jovem a fazer as escolhas de objeto e de posição sexuada. Nesse momento, o desligamento da autoridade dos pais é umas das operações psíquicas mais significativas e angustiantes na puberdade (Freud, 1905/1974). Freud (1905/1974) enfatiza a importância dessa transição e afirma que se faz necessário um desenlace da autoridade dos pais para que outros laços se estabeleçam. É preciso escolher um novo objeto de amor que não os pais

Freud (1914/1996c) afirma que essas escolhas amorosas podem ser de dois tipos: escolha de objeto por apoio – ou anaclítica, quando o objeto de amor é eleito a partir do modelo das figuras parentais; ou escolha de objeto narcísica, quando o sujeito elege o objeto de amor a partir do modelo de sua própria pessoa. Nos dois casos, trata-se de uma escolha apoiada nas próprias fantasias. As primeiras relações amorosas são, portanto, marcadas pelo desencontro, na medida em que cada adolescente busca no outro o objeto de sua própria fantasia.



Philippe Lacadée (2008) toma emprestadas as palavras do poeta francês Arthur Rimbaud (1991), cujos principais escritos foram produzidos durante sua adolescência, para dizer que esta é a idade dos “meses de amor” (p. 6), quando nos cabe “a tarefa de encontrar um novo objeto de amor e de inventar um novo laço social onde abrigar seu futuro” (p. 6-7). Esse caminho de eleição de um novo amor percorrido pelo adolescente, capaz de distingui-lo da criança de outrora, de suas fantasias infantis, e lhe permitir se separar do meio familiar, é efeito do tempo lógico da adolescência, e o coloca em outro caminho, o de seu desejo (Lacadée, 2008).

Desse modo, a invenção do amor, ou a “fábrica do amor”, como Lacadée (2008) intitula, não opera sem a dimensão pulsional, mas a partir do que se “joga nesse lugar do corpo” (p. 7). Como efeito disso, nessa travessia, o sujeito adolescente pode ser lançado em um lugar de exílio interior, frente ao sentimento de “vergonha” ou de “pudor” que esse real pulsional possa vir a suscitar diante do encontro com o corpo do outro, o que torna mais penosa “sua verdadeira vida” (Lacadée, 2008, p. 7).

A verdadeira vida, segundo Lacadée (2008), se situa sempre em outro lugar, está alhures, como expressa o poeta no final de seu poema *Vagabundos*: “Eu em pressa de encontrar o lugar e a fórmula”. Além da escrita, o poeta adolescente procura seu próprio caminho no exílio de sua pátria, se aventurando a “encontrar uma língua” — um “novo amor”, diferente da língua materna. Inventar essa nova língua, para um “novo corpo” é um trabalho primordial do adolescente, que busca descobrir um lugar no discurso. Para além de um espaço que lhe seja próprio, o poeta também procura encontrar uma fórmula. Seria a fórmula da complementaridade entre os sexos?

Ingressar nos “meses do amor” não ocorre “sem emoção”, já que é um tempo que não há correspondência com a fantasia de completude do adolescente, com “a parte do sonho aonde o objeto tão cobiçado havia aparecido” (Lacadée, 2008, p. 7), o “d’amours splendides j’ai rêvés”, os amores esplêndidos sonhados (Rimbaud, 1873/1985, tradução livre). Assim, o tempo do amor é também o momento de desarvoro, que é um signo interessante utilizado por Lacadée com múltiplos sentidos e que tocam a travessia da adolescência: inquietar-se, desnortear-se e fugir atropeladamente. Esse desarvoro surge diante do objeto inominável com o qual o adolescente se depara, quando a palavra do Outro não pode mais encobrir esse indizível do sexual.

Nesse momento de transição e incertezas, o adolescente pode experimentar um sofrimento “sempre moderno” frente a esse tempo lógico em que amor e pulsão se conjugam, ocasionado pela ausência de um saber sobre o que fazer diante do outro sexo. Desse modo, a estação da primavera, do amor, também pode ser a do inferno, como diz Rimbaud, um inferno

provocado pelo reencontro das pulsões sexuais, pela imersão de um real inominável que pode lançar o adolescente em um exílio interior (Lacadée, 2008).

Com as transformações que ocorrem no corpo e com a irrupção de um gozo desconhecido, indomável, o adolescente se depara com um corpo que lhe é estrangeiro. Diante dessas novas exigências pulsionais, o sintoma e a fantasia podem ofertar contorno a esse furo que atravessa o corpo, possibilitando sustentar uma imagem de si, assegurando alguma permanência ao eu, oferecendo um remendo diante dessa instabilidade provocada pelo encontro com o real do sexo.

É necessário fazer um corpo na adolescência (Stevens, 2018). Para habitá-lo, o adolescente precisa amá-lo; trata-se de uma “adoração” de seu corpo, no sentido de lhe consagrar um culto, um amor-próprio. Adorar o corpo do outro é um dos modos de se fazer um corpo na adolescência. Nesse caso, trata-se de fazer-se um corpo através de outro corpo. Ocupar um corpo é uma resposta a esse despertar dos sonhos, um modo de poder dar-lhe uma consistência imaginária, ancorada no amor. Deste modo, se não há relação sexual, existe uma relação possível com o corpo: a adoração, o amor (Stevens, 2018).

O despertar pulsional do adolescente é comparado por Lacadée (2011) a um “barulho do mar que precede a tempestade, [a um] murmúrio das paixões nascentes” (p. 68). Onde isso silencia, quando estes barulhos não são ouvidos, essa paixão nascente balbucia algo que agita o ser do adolescente. O sujeito é impulsionado a fazer uma escolha de objeto, que implica uma referência ao sexo, ao Outro sexo em sua alteridade, "sendo o amor a eleição de um outro idealizado, unário." (p. 68).

No lugar do furo no saber resultante do encontro com o real da puberdade, o adolescente pode utilizar como suplência o amor impossível. Desse modo, o ato sexual pode ser mantido à distância, como uma estratégia que visa criar obstáculo ao encontro sexual. Essa barreira promove o valor do objeto e sustenta o engodo de que seria possível fazer a relação sexual existir diante da ausência do objeto (Lima et al., 2014).

O adolescente pode criar um obstáculo para adiar o encontro com o outro sexo – instaurando um distanciamento físico e um intervalo temporal – sustentando, assim, o desejo e o amor.

### **3.3 O amor adolescente em tempos acelerados**

Em épocas de aplicativos de mensagens instantâneas e de redes sociais, em que a urgência passa a configurar a vivência dos laços, como o adolescente tem vivido o amor?

Walter Benjamin, em 1936, já anunciava os efeitos da aceleração do tempo, promovida pela revolução industrial, sobre as condições sociais na modernidade. Para o filósofo, a aceleração do tempo e a produtividade se opõem à dimensão da experiência, a *Erfahrung*, que requer uma distensão temporal cada vez mais rara. Os indivíduos não cultivam mais o que não é passível de ser reduzido, e tudo tende a ser abreviado: as narrativas, o contar das histórias e das experiências. Vemos hoje emergir as *short story*, que não mais possibilitam o espaço para a lentidão (Benjamin, 1936/1987). A experiência é substituída pela vivência pontual. Como salienta Bondía (2002):

[...] ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, é também inimiga mortal da experiência” (p. 23).

O avanço do capitalismo neoliberal associado ao desenvolvimento tecnológico desenfreado e sem rumo, marca os passos irrefletidos das sociedades contemporâneas. A sensação de aceleração do tempo desencadeada pela lógica capitalista e pelas rápidas transformações tecnológicas, comanda o ritmo da vida social, com incidências sobre o laço social e a subjetividade contemporânea. A velocidade impregna a comunicação, os relacionamentos sociais e os laços amorosos, estabelecendo também os formatos das plataformas digitais, como ocorre com os “stories” ou os “status”, que desaparecem em algumas horas, ou na disseminação de vídeos curtos, que duram segundos, no que a rede TikTok parece exemplar.

Os adolescentes são os mais atingidos pela velocidade na vivência do tempo, uma vez que o trabalho psíquico de separação dos pais que eles precisam realizar demanda um espaço no tempo. Gurski e Pereira (2016) se perguntam sobre como as condições atuais, marcadas pelo excesso da velocidade na vivência do tempo, incidem sobre a subjetividade do jovem contemporâneo. Para os autores, essa nova relação com o tempo pode produzir uma ruptura com os elos do passado e da memória e, conseqüentemente, impactar na constituição psíquica do sujeito contemporâneo, especialmente, na passagem adolescente, incidindo sobre a elaboração de suas vivências por meio da construção de narrativas. Segundo os autores, o adolescente foi invadido por uma temporalidade que é urgente, que contabiliza décimos de segundos, sendo quase improvável pensar em outros modos de vida que não perpassem a aceleração imposta pelo ritmo capitalista.

Para Jorge Forbes (2016), há um novo amor adolescente na atualidade, que se situa de modo diferente do amor infantil – baseado na extrema dependência do Outro, do Outro

provedor –, e do amor adulto, que o autor procura localizar a partir de um certo ideal de estabilidade, tendo alguma projeção do futuro. O amor na adolescência carrega em si um traço singular, mas não dissociado da época atual: sem projeções futuras ou referências no passado. Como exemplifica o autor, o adolescente é desprovido do sobrenome da pessoa amada, e muitas vezes de nome, só o apelido basta: “Quem é Maria? É Maria! Quem é Mika? É Mika” (Forbes, 2016, s.p.). Se lhe perguntarem quais as pretensões com quem se flerta, se ouve um “sei não, tô vendo”. Respostas que podem indicar como o adolescente se situa em relação ao tempo: ao se afastar da origem e da tradição e de uma perspectiva futura, reduz o amor ao momento presente (Forbes, 2016).

Por fazer morada no presente, o amor adolescente pode ser paradigmático de um amor sem as mediações do Nome-do-Pai, ao se descolar das tradições de um tempo anterior e não se apegar à segurança do porvir (Forbes, 2016). É reflexo do que o autor chama de novo amor, que surge após o declínio dos ideais, próprio do mundo desbussolado. É um amor que, segundo Forbes, faz correspondência ao título da obra do romancista Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo*, publicada em 1927, que prescinde de um *a posteriori*, de algo que se situe numa linha contínua de passagem do tempo, marcado por um antes e um depois, e que, podemos acrescentar, é também transitivo, no sentido literal do termo, transitório. Conforme destaca Forbes (2016), é um amor que não se explica, não exige uma compreensão que forneça enredos para o enlaçamento amoroso: “estamos juntos e isso basta” (s.p.). É a época dos “monólogos articulados”, de um ressoar opaco de sentidos e de fantasias, que resiste em se lançar para o futuro. É um amor inventado para este tempo, para além do Édipo e além do pai, que não se explica, nem se justifica.

Para situar o novo amor adolescente, Forbes (2016) recorre à tripartição do amor grego em *Eros*, *Philia* e *Agapè*, mais especificamente os dois primeiros. Ele representa esses dois amores topograficamente: o amor Eros, acompanhado de desejo, equivalente a uma cadeia de montanhas, sem uma linearidade, que podemos assimilar com um amor marcado por oscilações e por todo jogo libidinal que este amor implica, em um curto espaço de tempo. Já o amor Filia, o “amor amizade”, é representado num gráfico horizontal, uma planície, sem muitas curvas, que remete a uma continuidade no tempo, uma certa permanência. O autor acredita que essa divisão dos amores pode não se manter na época atual e aposta em uma nova articulação estabelecida entre Eros e Filia, a partir dessa relação inédita com o tempo, de modo “que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure” (s.p.), remetendo-se às palavras de Vinícius de Moraes.

Na mesma perspectiva, Cerqueira (2015) observa que o corpo e o gozo ganham novas dimensões em tempos acelerados. Segundo a autora, o corpo “contorna, forcluindo a dimensão sexual do seu uso, ou acelera seu movimento, empuxando-ao-gozo de um objeto sexual escolhido a dedo (Tinder!). Fast-sex: plug and play!” (p. 2). Assim, a experiência sexual entre os adolescentes se alinha à sexualidade contemporânea, ao submeterem a dimensão erótica à ordem econômica. O imediatismo dos encontros amorosos é determinado pelo “vício veloz dos gadgets” (Cerqueira, 2015, p. 2), com a mediação de poucas palavras, que antes ofertavam certa amarração aos corpos sexuados dos jovens. Há uma tentativa de fazer do gozo sexual algo que se inscreva fora do campo amoroso: “o viço sexual é vivido pelos [...] adolescentes numa zona que ainda transita pela sedução, sensualidade, erotismo, e por formas mais contraídas do drama amoroso” (Cerqueira, 2015, p. 2). São modos de amar claramente afetados pelos tempos velozes em que vivemos.

O tempo e o amor fazem uma parceria necessária, nos lembra Ventura (2021), mas na atualidade, o tempo se apresenta como uma ameaça ao amor, pois tem sido contraído. O intervalo instaura a falta necessária que torna possível a experiência amorosa. Na atualidade o laço amoroso está progressivamente mais submetido à lógica da mensagem instantânea e há uma diluição da espera em detrimento do "monitoramento constante do objeto" (Ventura, 2021, p. 9).

Para a psicanalista Maria Rita Kehl (2009), a pressa convém ao neurótico, uma vez que o tempo é uma das dimensões da falta, ele introduz a falta no psiquismo. De acordo com a autora “a demora é uma das manifestações mais incontornáveis da falta, para o sujeito” (p. 188). Queremos tudo ao mesmo tempo e agora, o tempo se torna comprimido, recheado de ofertas e demandas de gozo. A ausência de intervalos pode induzir ao engodo de que nada falta, mas “nada falta a não ser – tempo. O tecido da vida” (Kehl, 2009, p 188). Em outra época, quando o tempo não era rigorosamente contabilizado pelo monetário em um ritmo não regulado pela produtividade, o psiquismo se mantinha mais disponível para o devaneio, produzindo as condições para um tempo do sonho. O tempo vazio podia ser ocupado pela fantasia, esta, por sua vez, possibilitava a imaginação de um *devir*, que levava a desejar o futuro e esperar por ele.

Kehl (2009) acredita que possivelmente a maior perda das experiências subjetivas esteja no abandono da mente à lenta passagem do tempo, quando havia espaço para a rememoração de histórias e a permissão do tédio e do ócio, que podiam ser vividos sem tanta inquietação, experiência que ela acredita que o jovem contemporâneo visa recuperar a partir do uso de certas drogas não excitantes, na tentativa de amenizar a angústia diante de um tempo recalcado que se foi. A autora destaca, retomando Freud, que o tempo de espera inaugura a formação do aparelho

psíquico, que transcorre alicerçado em outro tempo, em um ritmo prolongado. O psiquismo se instaura a partir da espera da satisfação pelo *infans*, submetendo a urgência de satisfação das necessidades do bebê a uma certa demora. Neste momento, o recém-nascido, a fim de tentar eliminar a angústia advinda do intervalo do tempo vazio, cria uma representação do objeto a partir de uma substituição alucinatória do seio, mas que falha na satisfação da pulsão.

Freud (1911/2010), em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* postula que diante da impossibilidade da satisfação alucinatória da pulsão, o sujeito passa a representar não apenas o objeto que o satisfaz, mas também o que lhe causa desprazer, a partir de uma lógica de ausência e presença. Para Kehl (2009), esses processos subjetivos conferem ao funcionamento psíquico uma dimensão temporal, instaurada no intervalo entre a tensão da necessidade e a satisfação pulsional, o que insere uma dialética entre o tempo pulsional do sujeito e o tempo urgente da demanda do Outro.

No contexto da adolescência, diante das novas exigências pulsionais, o sujeito é convocado a realizar um intenso trabalho psíquico de elaboração desse excesso pulsional, em uma dimensão temporal que é lógica, um tempo próprio a cada um. Trata-se de um intervalo para a construção de uma resposta diante da irrupção de um gozo que o invade.

Analisaremos a noção de tempo lógico em Lacan, procurando mostrar os efeitos da aceleração contemporânea para o tempo lógico da adolescência, e, conseqüentemente, sobre a construção da fantasia, considerando sua função no processo de iniciação sexual do adolescente.

### 3.4 A noção de tempo lógico em Lacan

Em seu escrito *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*, Lacan (1945/1998) reconhece um movimento lógico implicado no tempo, uma dimensão inconsciente, que subverte sua linearidade, seu aspecto *khronos*<sup>8</sup>. O autor demarca que o sujeito advém de um intervalo, não de um lugar, um espaço, trata-se de uma estrutura temporal, que se relaciona com a experiência subjetiva do tempo para cada um.

Para pensar o tempo, Lacan parte de um sofisma: o diretor de um presídio decide libertar um prisioneiro e, para isso, propõe um problema lógico. São apresentados para três detentos cinco discos: três brancos e dois pretos. Cada um terá um deles preso em suas costas, sem o alcance do olhar de seu próprio disco, mas podendo examinar a cor dos discos de seus

---

<sup>8</sup>*Kronos* “deu origem, na mitologia romana, ao conceito de tempo cronológico, extenso e linear, que conduz as coisas a seu amadurecimento e também ao seu fim” (Kehl, 2009, p. 115).

companheiros. O primeiro a deduzir sua própria cor a partir do que viu, terá concedida sua liberdade.

A partir da análise deste sofisma, Lacan estabelece três tempos: *instante do olhar*, *tempo para compreender* e *momento de concluir*. No instante de ver o sujeito se depara com uma questão que o leva a se deslocar do lugar ocupado até então. Neste momento inicial apenas constata a situação, ou seja, apenas vê, havendo, portanto, uma impessoalidade do tempo, uma ausência de duração, um não tempo. Diante desse cenário, o sujeito precisa formular uma hipótese que o leva a colocar-se em movimento, e que o leva ao segundo tempo.

No tempo de compreender transcorre uma elaboração. Nas palavras de Lacan (1945/1998), trata-se de um “modo subjetivo de um tempo de demora” (p. 206), marcado por um antes e um depois, a partir de uma lógica de reciprocidade em que “ninguém o atinge [...] a não ser através dos outros” (p. 212), uma vez que será necessário considerar a posição dos outros para pensar a sua própria, ou seja, esse tempo de reflexão se dá a partir do laço com o Outro. O *tempo para compreender* é também um tempo indefinido, podendo exigir “todo tempo necessário”, como destaca o autor:

Mas, desse tempo assim objetivado em seu sentido, como medir o limite? O tempo de compreender pode reduzir-se ao instante do olhar, mas esse olhar, em seu instante, pode incluir todo tempo necessário para compreender. Assim, a objetividade desse tempo vacila com seu limite (Lacan, 1998, p. 205).

O terceiro tempo, momento de concluir, aponta para a precipitação da ação, uma certa urgência do momento de concluir, apoiado numa certeza que antecipa seu ato, a partir do que se viu e compreendeu, e que precipita o sujeito para a liberdade. Desse modo, o momento de concluir dura tão pouco quanto o *instante do ver*. É nesta urgência do movimento lógico, que o sujeito precipita sua saída, toma sua decisão. No entanto, como afirmam Müller e Cohen (2011), trata-se de uma pressa advinda da elaboração de uma verdade do sujeito, que se difere da pressa presente na aceleração da cultura de consumo.

Em relação ao tempo que queremos aqui destacar, o *tempo para compreender*, Lacan (1945/1998) o compara a um eclipse, pois ele se releva na “penumbra subjetiva” (p. 206), nesse ponto de transição entre luz e sombra, se movimentando em uma crescente iluminação até despontar no momento de concluir, indicando que é preciso uma travessia a percorrer até chegar ao momento final. O encontro de dois objetos celestes, formando o eclipse, ocorre numa fração de segundos, mas é preciso um antes, um tempo em movimento, que ocorre gradualmente, até que se recubra completamente o objeto e se possa dar por concluído.

A travessia a percorrer, no contexto da adolescência, é comparada por Freud (1905/1974) a um túnel perfurado em ambas as extremidades, ou seja, há um furo, uma entrada e uma saída, e um percurso a atravessar entre um ponto e outro. Veremos, a seguir, como essa passagem na adolescência pode ser pensada a partir do tempo lógico.

### **3.5 A construção da fantasia no tempo lógico da adolescência**

No *Prefácio a O Despertar da Primavera*, Lacan (1974/2003a) assinala que o encontro com o outro sexo faz furo no real, causando o trauma, o “*troumatisme*”, um hiato que permanece sempre aberto onde se escreveria a relação sexual que não existe. Assim, todo encontro é marcado por um desencontro, pois evidencia a impossibilidade da complementaridade entre os sexos. É a propósito desse desencontro que Lacan se refere à relação sexual como impossível (1972-1973/1985). Para Lacan (1974/2003a), “ninguém escapa ileso” (p. 558) ao se defrontar com o real do sexo.

A adolescência é um tempo lógico de elaboração de uma interpretação diante desse encontro com o real. Nessa perspectiva, ela pode ser tomada como um sintoma da puberdade, uma resposta à ausência de um saber sobre o sexo, à inexistência da relação sexual (Stevens, 1998). Cada adolescente elaborará uma resposta particular frente a esse real impossível de circunscrever, o que lhe possibilitará organizar sua existência, seu gozo e sua relação com o mundo.

A elaboração desta resposta ao real do sexo, que Stevens (2013) vai nomear de encontro com um “novo real”, envolve a reorientação da fantasia e a constituição de um novo sintoma, que não podem mais operar como na infância.

Para Lacan (1974/2003a), o encontro com o real do sexo promove o desvelamento daquilo que estava encoberto pela fantasia. O que esse véu esconde é a não-relação: “que o véu levantado não mostre nada, eis o princípio da iniciação” (p. 558). Antes do levantamento do véu, porém, é necessário “sonhar”, construir uma fantasia que encena a relação sexual com o parceiro: o adolescente não pensaria em uma iniciação sexual “sem o despertar dos seus sonhos” destaca Lacan (1974/2003a, p. 557).

Cosenza (2015) identifica dois tempos lógicos na adolescência a partir do texto lacaniano *Prefácio a O Despertar da Primavera* (1974/2003a). No primeiro tempo a relação sexual é elevada ao nível do inconsciente, e ganha a dimensão de enigma. Nesse tempo lógico, que ele designa como sendo o “tempo do véu”, o adolescente constrói uma fantasia como modo de fazer existir imaginariamente a relação sexual. A emergência da relação sexual no



inconsciente traz à existência uma representação imaginária e singular, um enigma, dentro de uma fantasmática. O segundo tempo lógico, que ele nomeia como o “tempo do trauma”, ocorre a partir da vivência das primeiras parcerias amorosas. Trata-se do momento em que o sujeito se depara com a inexistência da relação sexual.

A construção da fantasia no primeiro tempo da adolescência será essencial para a criação de um véu inconsciente capaz de subjetivar e regular o encontro traumático com o real do sexo. A iniciação sexual se estrutura nessa “tensão dialética entre a pressão para fazer existir a relação sexual e o encontro traumático com sua inexistência [...] entre o tempo do véu e o tempo do trauma” (Cosenza, 2015, p. 50).

A adolescência pode ser, portanto, referida aos três tempos lógicos descritos por Lacan. Ruffino (2004), ao se referir à travessia da adolescência, irá tomá-la a partir de três tempos, não cronológicos: o primeiro, que o autor nomeou de “transbordamento aflitivo do impacto” (p. 3), corresponde ao encontro com o real, sem uma elaboração ou uma compreensão sobre o que é exigido do sujeito. Assim, desnortado, ao adolescente resta somente emudecer diante deste novo real. No segundo tempo, o jovem solicita do Outro, a seu modo, a palavra que lhe falta para nomear o inominável que lhe atravessa. No terceiro tempo, o sujeito inventa uma solução própria, uma “resposta inédita às exigências pós-pubertárias” (Ruffino, 2004, p. 3), consolidando sua saída da adolescência e conduzindo-se em direção à vida adulta.

A partir dessa construção temporal de Ruffino sobre a adolescência, além das contribuições dos outros autores trabalhados, vimos como as transformações que ocorrem no corpo do púbere e o redespertar das pulsões sexuais, deslocam o sujeito do lugar que se encontrava até então – ou seja, a infância –, convocando-o a produzir um saber próprio sobre esse real inominável.

Na puberdade, localizamos o *instante de ver*, quando surge esse novo real a partir do gozo que emerge no corpo. Nesse período, as amarrações simbólicas e imaginárias que ele dispunha até então, não mais se sustentam.

Em nosso entendimento, é possível fazermos uma aproximação entre o tempo de compreender (Ruffino, 2004), o tempo de elaboração de uma resposta sintomática ao real da puberdade (Stevens, 1998; 2013), e o processo de iniciação sexual na adolescência (Cosenza, 2015). Como salienta Cosenza (2015), o tempo do véu seria um tempo de espera para a criação das condições de produção de uma fantasia inconsciente, como um modo de fazer existir imaginariamente a relação sexual. A fantasia permite o encobrimento do real e o adiamento do encontro traumático com o outro sexo. A construção da fantasia no primeiro tempo da iniciação

sexual é o recurso para a subjetivação desse encontro traumático com a inexistência da relação sexual, que caracteriza o segundo tempo da iniciação sexual.

Portanto, é necessário um intervalo de tempo para o adolescente, para a construção de uma resposta que, após formulada, precipita-o ao *momento de concluir*, para a saída da adolescência ou, como acentua Lacan (1945/1998, p. 206), trata-se do “momento de concluir o tempo para compreender”. Alexandre Stevens (2013) associará este terceiro tempo à escolha de um ideal de eu, que se constitui a partir da função paterna, capaz de orientar o adolescente e encaminhá-lo para a vida adulta, para a escolha de um nome, de um ideal, de uma profissão, de uma mulher, de um homem. Trata-se, sobretudo, da eleição (inconsciente) de um sintoma, constituído pelo significante. O sintoma e a fantasia, nos lembra Stevens, são pontos de basta, âncoras que o sujeito encontra para estabilizar sua existência.

Quando o adolescente não constrói esses pontos de basta, ele pode se precipitar ao ato. Freud (1910/1996a), no início do século 20, levanta uma discussão importante acerca do suicídio entre os jovens, e alerta que não deve ser negado aos adolescentes o direito de se *demorarem* em certos estágios (grifo nosso).

Desse modo, o tempo de compreender na adolescência é um tempo lógico, fundamental para a edificação de uma resposta singular, pelo adolescente, no encontro com o real enigmático e impossível de simbolizar que emerge na puberdade. A invenção dessa resposta sofrerá influências do contexto sociocultural em que o adolescente se insere (Lima & Lisita, 2020).

### **3.6 O declínio da fantasia na era da aceleração**

Na contemporaneidade, o tempo de compreender tem sido suprimido, podendo haver uma passagem direta entre o *instante de ver* e o *momento de concluir*. Na adolescência essa situação pode causar o que Ramírez (2020) chamou de “curto-circuito”, quando se evita o tempo de compreender, havendo maior propensão dos jovens às passagens ao ato e ao *acting out*.

A precipitação impossibilita a construção de um tempo de resposta pelo adolescente, ou a tecitura de um véu capaz de subjetivar o encontro com o real do sexo. Quanto a esse aspecto, Ruffino (2004) é categórico: “A adolescência não pode ser abreviada” (p. 4). Abreviá-la pode levar ao “aborto do processo” (p. 4), ao fracasso de um trabalho psíquico fundamental, o que não será sem efeito para o presente e o futuro do jovem.

Para Cosenza (2015), em nossa época, a operação de interdição e de velamento, sustentada pela função paterna, mostra sinais de um declínio progressivo. O próprio Lacan

(1974/2003a) destacou esse fenômeno no *Prefácio a O Despertar da Primavera*, ao dizer da dimensão pública do levantamento do véu já naquele cenário de cinquenta anos atrás. Essa operação de desvelamento, consequência do declínio da função paterna e da ascensão do gozo, se apresenta hoje como um desencantamento em relação ao sexo, seja na banalização da liberdade sexual, seja por uma indiferença e apatia amorosa de grande parte dos adolescentes em relação ao sexo, como foi visto.

Além disso, podemos destacar que a época atual é marcada por um fechamento, por vezes uma rejeição, da dimensão inconsciente, condição necessária para que o sexo adquira um valor enigmático (Cosenza, 2015). Como efeito, os adolescentes têm dificuldades para se colocarem no primeiro tempo da iniciação sexual. O impasse com que o púbere se depara na atualidade é, então, fazer existir a relação sexual, ou seja, fazer existir um Outro do Outro (Cosenza, 2015).

A ausência da iniciação sexual, a partir de uma dimensão inconsciente, pode trazer prejuízos para o adolescente no segundo tempo lógico, quando há o encontro com o real traumático. Nos primeiros encontros corpo a corpo, o adolescente se depara com um não saber sobre o que fazer diante do outro sexo, evidenciando a inexistência da relação sexual. A subjetivação do trauma inclui a construção da adolescência enquanto um sintoma da puberdade, e se apoia na fantasia.

Quando falha a função da fantasia, o adolescente pode se precipitar ao ato, em uma tentativa desesperada de subjetivação, tentando fazer consistir um Outro do Outro. Em outros tempos o obstáculo estava no levantamento do véu, após o adolescente tê-lo construído fantasmaticamente; na contemporaneidade, trata-se, antes, de fazer construir um véu, capaz de mediar simbolicamente o encontro ulterior com a crueza da pulsão. É somente no segundo tempo que o adolescente pode se encontrar com o objeto inominável, inerente à relação entre os sexos, sem que isso irrompa em atos delinquentes ou resulte em uma errância sem limite, própria da adolescência contemporânea (Cosenza, 2015).

Cosenza (2015) questiona como os adolescentes regulariam o encontro com o real, do sexo e da morte, na época do declínio do Outro, como eles podem se organizar subjetivamente ao se depararem com o real indecifrável, sem poder contar, em alguns casos, com o apoio simbólico e estruturante do Nome-do-Pai, que ordena o gozo e o orienta para um Ideal do eu.

O amor on-line, mantido à distância, pode ser uma das soluções subjetivas encontradas pelo sujeito adolescente frente a este contexto, marcado, por um lado, pela dimensão pública do levantamento do véu, por uma vacilação generalizada da fantasia, e, por outro, por uma nova relação com o tempo. Em nossa perspectiva, compreendemos que o amor mediado pela tela,

pensado a partir de uma versão contemporânea do amor cortês, tal como estabelecido por Lina, pode criar as condições necessárias para a construção de uma fantasia que faça existir imaginariamente a relação sexual.

### 3.7 O tempo de espera no amor cortês

“Quisera saber-te minha  
Na hora serena e calma  
A sombra confia ao vento  
O limite da espera”<sup>9</sup>

A dimensão da temporalidade também se presentifica no amor cortês. O cavaleiro se submete a uma suspensão do tempo e parece disposto a aguardar o intervalo que for preciso para conquistar a Dama amada, sustentando um discurso de ausência e lhe dando forma, enquanto tece, canta e espera, enquanto espera e sofre, parafraseando Barthes (1981/2000), em *Fragmentos de um discurso amoroso*.

Podemos perceber a dimensão temporal do amor cortês também no cumprimento dos três estágios: aspirante, suplicante e amante. Como vimos, Lacan (1959-1960/1988), retomando Freud, aproxima essas etapas às técnicas de retenção, suspensão e do *amor interrupts*, que são signos interessantes elegidos pelo psicanalista francês para se referir aos estágios do amor cortês, uma vez que seus significados remetem a essa temporalidade que aqui nos interessa. A retenção sugere algo que se delonga, que se demora; a suspensão aponta para um adiamento e o *amor interrupts*, que visa apenas os prazeres preliminares sem que se atinja o ato sexual, circunscrevendo o objeto e evidenciando que o amor cortês é marcado por rodeios.

Conforme abordamos no Capítulo 2, para Lacan (1959-1960/1988) o amor cavaleiresco é anamorfótico, na medida em que projeta uma realidade não correspondente a representação do objeto, uma “maravilhosa ilusão”, uma “imagem muito bela da paixão” (p. 330). Ele também o é no sentido temporal, como menciona Byung-Chul Han (2017) e só pode ser alcançado por meio de um “adiamento infinito”. Trata-se de uma condição tal que o objeto nunca possa ser alcançado, em razão de sua impenetrabilidade e ocultamento, como *das Ding*.

Esse movimento temporal do amor cortês pode ser ilustrado na letra de *Futuros Amantes* (1993), canção de Chico Buarque:

---

<sup>9</sup> Villa-Lobos, Heitor; Vasconcelos, Dora. (1987). Melodia sentimental. In: *A Floresta do Amazonas* (1958), João Carlos Assis Brasil, Ney Matogrosso, Wagner Tiso, Jacques Morelembaum e Jurim Moreira, Gravadora Quarup Discos.

Não se afobe, não  
 Que nada é pra já  
 O amor não tem pressa  
 Ele pode esperar em silêncio  
 Num fundo de armário  
 Na posta-restante  
 Milênios, milênios  
 No ar

E quem sabe, então  
 O Rio será  
 Alguma cidade submersa  
 Os escafandristas virão  
 Explorar sua casa  
 Seu quarto, suas coisas  
 Sua alma, desvãos

Sábios em vão  
 Tentarão decifrar  
 O eco de antigas palavras  
 Fragmentos de cartas, poemas  
 Mentiras, retratos  
 Vestígios de estranha civilização

A música descreve um amor não correspondido, adiado, que fica suspenso para sempre, no ar. Passa milênios e, ainda assim fica à espera, sem pressa, escondido em silêncio. Um amor capaz de resistir a força do tempo, deixa rastros, retratos, ecos do passado que sobrevive mesmo debaixo d'água ou, se arriscamos fazer um paralelo, sobrevive nos porões do inconsciente e ali deixa suas marcas e cumpre sua função. Nessa cidade submersa, o Rio, nome que faz alusão a movimento, da passagem do tempo, evoca a dimensão da memória, de um antes e depois.

Trata-se também de um amor que não se pode capturar, é indecifrável, um amor do tipo cortês. Como destaca Lacan (1959-1960/), é um amor cujo objeto (feminino) “se introduz pela porta mui singular da privação, da inacessibilidade” (p. 185). Um amor obscuro, que é atravessado por vestígios de uma “estranha” civilização. O psicanalista francês elevou essa modalidade de amor à Coisa, que, por sua natureza, é estranha, ou *Fremde*, um brilho misterioso, capaz de criar enigma. É em torno desse estranho-familiar que gira todo o mundo simbólico, todo o movimento das representações [*Vorstellung*].

Dentro desse contexto, o amor cortês é um exemplo de “sublimação da arte” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 164), uma vez que o objeto de desejo é elevado a uma dimensão inatingível. Na sublimação há uma relação própria com o desejo que se caracteriza pelos rodeios e não pela substituição metonímica do objeto, mas no tratamento do objeto em si, que permanece o mesmo e ganha o valor da representação da Coisa (Lucero, 2011).

No caso do amor cortês, o objeto de que se trata, a Dama – que também se encontra na posição do Outro – está na condição de privação, tal como *das Ding*. A existência de um vazio, impossível de ser preenchido define o lugar de *das Ding*. Lacan (1959-1960/1988) faz uma analogia ao vacúolo, um vazio criado no “centro do sistema de significantes” (p. 186), em torno do qual cria-se novos caminhos, rodeios e obstáculos capazes de preservar o lugar de *das Ding*, sem jamais alcançá-la. A Dama no amor cortês é a representação desse vazio.

Enquanto preencher todas as condições do “Outro absoluto do sujeito” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 69) o objeto ali permanece, não para ser encontrado, já que ele não pode ser reencontrado, mas permanece “perdido como tal” (p. 69). O que se pode reencontrar são suas coordenadas de prazer e “é nesse estado de ansiar por ele e de *esperá-lo* que será buscado, em nome do princípio do prazer” (p. 69, grifo nosso).

O princípio do prazer orienta a busca pelo objeto e lhe impõe “esses rodeios que conservam sua distância em relação ao seu fim [...] que mantém a busca sempre a uma certa distância daquilo em torno do que ela gira” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 76-77). A distância orienta a posição do sujeito, segundo o princípio do prazer, na procura “de um estado eleito, de *um estado de anseio, de espera de que?* De algo que está sempre a uma certa distância da Coisa, ainda que seja regulado por essa Coisa, a qual está mais além” (p. 82). Nas palavras de Lacan: “alguma coisa está aí *esperando* algo melhor, ou *esperando* algo pior, mas *esperando*” (p. 69, grifos nossos).

Neste contexto, Lacan (1988) destaca a função da Coisa, em torno do qual “se orienta todo o encaminhamento do sujeito [...] ao mundo de seus desejos” (p. 69). E continua:

[...] afinal, encontra-se justamente aí, que, até um certo ponto, pode servir. Servir a que? – a nada mais do que a referenciar, em relação a esse mundo de anseios *e de espera* orientado em direção ao que servirá, quando for o caso, para atingir *das Ding* (p. 69, grifo nosso).

Percebemos essa relação do amor cortês com a temporalidade no caso de Freud da jovem homossexual, que sustenta seu amor por longo tempo mesmo diante da rejeição da dama. Em sua biografia é possível ter notícias de que esse amor perdurou por toda a vida. Perto de completar cem anos de idade, Margareth Csonka, verdadeira identidade da paciente de Freud, casou-se por conveniência, nunca deixou de ter uma vida dupla, mas confessa que todos os dias se lembrara da dama pela qual se apaixonou em sua juventude, durante todos esses anos (Freud, 1920/2020).

É possível localizar uma temporalidade envolvida no amor cortês, uma dilatação do tempo que mantém o sujeito que ama numa posição de espera, podendo exercer uma função

psíquica importante para o adolescente. Assim, não se trata de considerar o amor virtual como uma modalidade de amor cortês, mas de aproximar a dimensão temporal que o envolve do tempo lógico da construção da fantasia na adolescência. Esse tempo próprio a cada um, tempo de espera, se contrapõe à dimensão temporal no contexto do capitalismo digital, marcado pela urgência e a aceleração. Trata-se de um tempo lógico, subjetivo, que sustenta a falta e o amor. É o que procuraremos localizar no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 4: ADOLESCENTES E MODOS DE RESISTÊNCIA À COOPTAÇÃO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS VIA AMOR

*“Um toque de teu dedo no tambor desencadeia todos os sons e dá início à nova harmonia. Um passo teu recruta os novos homens, e os põe em marcha. Tua cabeça avança: o novo amor! Tua cabeça recua, – o novo amor! Muda nossos destinos, passa ao crivo as calamidades, a começar pelo tempo, cantam estas crianças, diante de ti. Semeia não importa onde a substância de nossas fortunas e desejos, pedem-te. Chegada de sempre, que irás por toda parte”*  
[A uma razão, Arthur Rimbaud (1886)]

*“Toda ordem, todo discurso que derivado do capitalismo deixa de lado o que chamamos simplesmente de coisas do amor, meus bons amigos”*  
[Jacques Lacan]

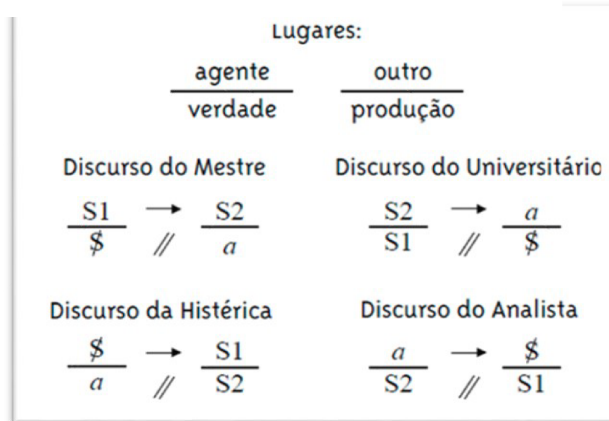
### 4.1 O declínio do amor no capitalismo digital

No *Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise*, Lacan (1969-1970/1992) postula que o discurso é uma estrutura que se encontra fundada na própria lógica de funcionamento da linguagem e de seus efeitos sobre a realidade. É o próprio discurso que passa a fundar a realidade do sujeito, pois não existe realidade pré-discursiva. Como laço social, o discurso passa a organizar as relações que se estabelecem entre dois campos: o do sujeito e o do Outro significante, onde as palavras só aparecem de uma maneira ocasional. A noção de discurso não contempla qualquer relação intersubjetiva, pois o laço social estabelece-se entre dois lugares. Em todo discurso subsistem certas relações fundamentais e estáveis entre seus elementos.

Neste mesmo seminário, Lacan (1969-1970/1992) estabelece quatro discursos que definem diferentes formas radicais de laço social: do mestre, da histérica, o universitário e do analista. Cada um possui uma estrutura básica, o matema, composto por quatro lugares ou postos, nomeados de agente, outro, produção e verdade. Esses postos são ocupados por quatro letras que neles irão circular: significante mestre ( $S_1$ ), saber ( $S_2$ ), sujeito ( $\$$ ) e objeto ( $a$ ). As letras se organizam e formam cada discurso, sempre obedecendo a uma ordem fixa e orientada, que não pode ser alterada:  $S_1, S_2, a, \$$ . Uma vez estabelecido um discurso, basta um movimento de rotação de um quarto de giro para que outra estrutura discursiva surja. As letras movimentam-se nessa operação de um quarto de volta, no sentido horário ou anti-horário, ocupando diferentes lugares a cada mudança discursiva, como demonstrado na figura 4.



Figura 4 - Os quatro discursos

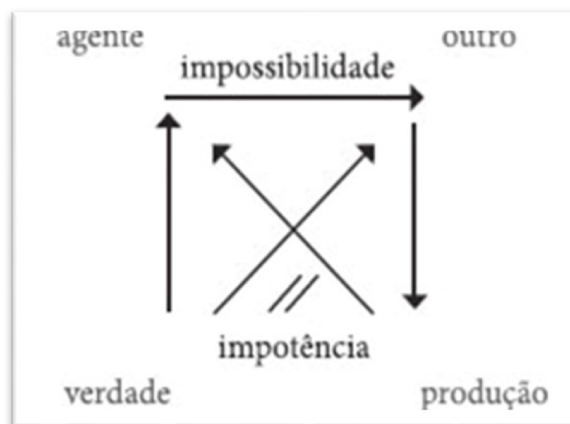


Fonte: adaptado de Lacan (1992).

Escritos sob forma algébrica, os discursos abordam, através de diferentes modos de laço social, o real da estrutura que funda e se transmite sob as profissões impossíveis descritas por Freud – governar, educar e analisar – ao que Lacan acrescenta: “fazer-se desejar” (Souza, 2008).

O que queremos destacar com essa breve apresentação dos discursos, é que os quatro discursos são marcados pela *impossibilidade* de se realizarem plenamente, por sustentarem a *impotência* da relação entre a produção e a verdade (Lacan, 1969-1970/1992), como demonstrado na figura 5, do matema:

Figura 5 - Esquema do matema discursivo



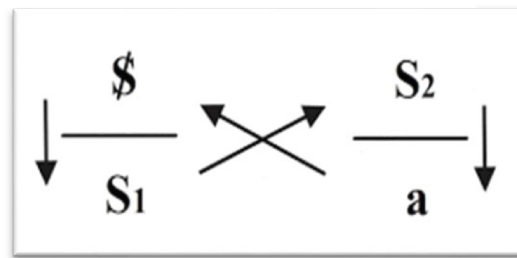
Fonte: Bousseyroux (2012).

A impossibilidade é apontada pelo vetor horizontal superior entre o agente e o outro, representando que o outro não responde à demanda do agente de forma plena, ou seja, não há

uma relação complementar entre os dois; e a impotência demonstrada pelas barras verticais [//] na parte inferior do matema, simboliza que não há relação entre a produção e a verdade.

Para esta pesquisa, não trabalharemos com as quatro estruturas discursivas, mas apenas com o discurso capitalista, com o objetivo de analisarmos sua incidência sobre o amor na atualidade. O matema do discurso capitalista foi introduzido por Lacan (1972/1978), em uma conferência realizada em 1972, em Milão, tendo tomado a forma representada na figura 6:

**Figura 6 - Discurso capitalista**



Fonte: adaptado de Lacan (1978).

O discurso capitalista constitui-se como uma exceção aos discursos radicais. Ao formalizá-lo, Lacan o faz transformando o discurso do mestre a partir de uma mutação das letras que ocupam os lugares do lado esquerdo do discurso, campo do sujeito, mantendo inalteradas as demais. Há também uma inversão do vetor desse lado do discurso. A escritura do discurso capitalista se organiza numa circularidade completa, já que todos os vértices do matema podem ser alcançados (Souza, 2008). Rompe-se, então, com a regra de que as letras só girariam no sentido horário e/ou anti-horário, já que a sequência é alterada.

Pode-se notar que nos demais discursos, o  $S_1$  se mantém distante do  $S_2$  – ainda que ligados por uma seta – seja pela barra, pelo impossível ou pela impotência, produzindo o sujeito dividido, como efeito da articulação da cadeia significante, garantindo também uma perda de gozo, representado pelo objeto  $a$  (Malcher & Freire, 2016). No discurso capitalista,  $S_1$  e  $S_2$  passam a se ligar diretamente por uma seta na transversal, o que significa que não há uma perda advinda da articulação significante. A solidificação entre  $S_1$  e  $S_2$  não produz um sujeito no intervalo entre ambos como, por exemplo, ocorre no discurso do inconsciente, representado pelo discurso do mestre. Assim, há uma tentativa de elidir o sujeito e, conseqüentemente, o inconsciente. O sujeito é comandado por um objeto que incita o gozo e visa eliminar o mal-estar. Desse modo, não se trata de objetos que causam o desejo, mas objetos consumíveis, que Lacan (1972-73/1985) denominou de *gadgets*, instrumentos germinados pelo discurso vigente, que tenta obturar a falta e escamotear o desejo.

Quando o sujeito ocupa o lugar do agente no discurso capitalista, ele adquire a condição de semblante de amo e se crê capaz de comandar, através do saber, o objeto mais-de-gozar. No entanto, a produção constante de objetos torna-se imaginarizada com voracidade pelo sujeito, que se transforma, ignorante do efeito que o objeto lhe causa, consumindo-o. O saber, por sua vez, tendo perdido boa parte de sua relação com o inconsciente, passa a significar uma injunção para a produção contínua de objetos. A transmutação do saber num bem de consumo produz uma subversão do desejo e altera sua própria relação com o ser falante.

Se até então havia uma impossibilidade estrutural e discursiva do sujeito ter acesso ao saber e ao objeto causa de desejo, desde que esse saber adquire o estatuto de um bem de consumo, ele vem continuamente oferecido como uma promessa de satisfação possível para o sujeito (Souza, 2008, p. 160).

Por suspender a impossibilidade, que se sustenta na impotência entre o lugar da verdade e o lugar da produção, há uma circularidade completa nos diferentes lugares do discurso. O semi-dizer da verdade também é anulado e não sofre o efeito da divisão do sujeito. A verdade passa a se constituir como capaz de ser “toda” dita. Lacan sugere um tipo de rejeição da castração que produz efeitos estruturais e discursivos, ou seja, efeitos no próprio laço social.

Para compreendermos os efeitos dessa mudança discursiva na estrutura social e subjetiva é preciso diferenciar o contexto social em que predominava o discurso do mestre do contexto atual, marcado pelo predomínio do discurso capitalista.

Na época freudiana, marcada pelo predomínio do discurso do mestre, a lei do pai orientava os sujeitos a partir da restrição da satisfação pulsional e dos grandes ideais, um grande Outro da linguagem, que Lacan denominou mais tarde de Nome-do-Pai. Segundo Albuquerque (2006), ao descrever o complexo de Édipo, Freud aponta para um pai consistente, representante da lei, o “pai de amor”, que fornece uma identificação e abre caminho para o desejo. A barra ao gozo do filho é a condição a ser realizada para se alcançar o amor. Desse modo, dentro da estrutura discursiva, o pai edipiano é um significante cuja função é fornecer um sentido capaz de orientar o gozo e apaziguar o sujeito, oferecendo a direção para sua inserção na cultura (Albuquerque, 2006).

Com a ascensão da ciência na modernidade há uma paulatina desautorização paterna. Como consequência, o inconsciente não mais se estruturará a partir dos fundamentos do pai, como na época freudiana. A queda do Nome-do-Pai, que anteriormente operava como barra ao excesso pulsional, uma interdição do gozo (Amorim & Barros, 2022), produziu uma vacilação das identificações. As formas tradicionais de regulação do campo pulsional, por não operarem

mais, deixaram os sujeitos desorientados nesse campo, diante da multiplicidade de modos de gozo ofertados no contexto atual. Assim, na contemporaneidade os antigos ideais enfraquecem e os sujeitos passam a ser regidos pela lógica do mais-de-gozar – tal como Lacan começa a nomear o objeto *a* no período discursivo –, por um imperativo de gozo ilimitado, ligados aos objetos de consumo (Albuquerque, 2006).

Segundo Miller (2004), na ditadura do mais-de-gozar, o objeto *a* adquire um novo estatuto, diferente de seu “estado natural”, descrito no *Seminário 10*, por Lacan (1962-1963/2005), em que o sujeito, diante da castração, lida com essa falta a partir da construção de uma fantasia ( $\$ \diamond a$ ). O objeto *a* se apresenta de modo diferente da era da produção industrial, impondo-se a um sujeito desbussolado, convidando-o a ultrapassar os limites do gozo, com a promessa de tamponar sua falta constitutiva, sendo esta a nova bússola da civilização hipermoderna, como hipotetiza Miller (2004).

A sociedade ganha um novo mestre: o Gozo. Se antes imperava o discurso do mestre, sendo o gozo regulado através dos ideais e da repressão representados e operado pelo Nome-do-Pai, hoje facilmente se escapa a essa dialética edipiana. Nesse caso, o desejo se vê desorientado e sob um domínio mais direto do pulsional, sujeito a um gozo que, não sendo adequado à esfera subjetiva, “não implica o amor, não implica desejo, não implica o Outro” (Malvine, 2011, p. 24).

Assim, a queda dos ideais promove o que Lacan (1970/2003b) chamou em *Radiofonia* da ascensão do objeto *a* ao zênite social. Segundo Miller (2004), a inexistência da relação sexual se tornou evidente, muito mais explícita desde que houve essa ascensão do gozo, que veio acompanhada do ofuscamento dos ideais. Outrora, na vigência do discurso do mestre, a não complementaridade entre os sexos – que só veio a ser postulada por Lacan posteriormente – se apresentava como uma verdade velada, recalcada pelo significante mestre. No entanto, os significantes mestres ofertados na cultura atual, que indicam uma construção precária dos véus, já não chegam a propor tentativas de produção da existência da relação sexual, o que viria na forma de um ideal de amor.

O capitalismo, enquanto modo de organização política na atualidade, se apresenta como avesso à dimensão amorosa, por engendrar uma recusa do amor, na medida em que visa foracluir a castração. Para Lacan (1971-1972/2001) o sujeito determinado pelos imperativos do discurso capitalista não pode se deixar ser tocado pelas “coisas do amor” (p. 49), já que a falta que o constitui, condição inevitável para o amor, está incessantemente sendo tamponada pelos objetos industrializados que operam o mais-de-gozar:

O que distingue o discurso do capitalista é isso: a *Verwerfung*, a rejeição, para fora de todo campo simbólico, de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso que derivado do capitalismo deixa de lado o que chamamos simplesmente de coisas do amor, meus bons amigos (Lacan, 1971-1972/2001, p. 49).

Ao pretender eliminar a dimensão da castração, o discurso capitalista visa destituir o amor de seu impossível, cernir o amor pelo aparelho simbólico, oferecendo-lhe um nome na tentativa de retirar a dimensão de real que o envolve, de neutralizar o incômodo que o amor desperta. O capitalista busca extrair do amor sua dimensão da incerteza e da contingência, nele localizando leis capazes de obter alguma previsibilidade, alguma garantia, uma lei que “falta ao real” (Ventura, 2021).

O discurso capitalista tende a reduzir o amor a uma fórmula universal, atravessado por uma pedagogia do encontro sexual, sendo a pornografia seu principal instrumento nessa transmissão. Associado ao discurso científico, esforça-se para rastrear o amor, controlá-lo e cientificá-lo, procurando localizar suas razões na genética ou em uma suposta química capaz de apreendê-lo, como destacou Ventura (2021).

Os adolescentes são os mais afetados pela “ordem simbólica em mutação” (Miller, 2015, p. 25), pois ficam desbussolados no momento em que procuram referências para além das figuras parentais. Diante do enfraquecimento dos ideais e do imperativo do gozo, os adolescentes experimentam maiores empecilhos em sua travessia adolescente pelo túnel vislumbrado por Freud. A historicidade do sujeito também se torna enfraquecida. Os adolescentes se vêm com dificuldades para se situarem no laço social e para estabelecerem vínculos contínuos e duradouros, inclusive no campo amoroso. A significação e o valor do laço não se encontram mais na historicidade, mas em um gozo fugaz e momentâneo (Jerusalinsky, 2003).

A socióloga Eva Illouz (2011) assinala em *O amor nos tempos do Capitalismo* que o “encontro rápido” se desenvolveu para satisfazer ao desejo do capital de maximizar o tempo e a eficiência, reduzindo as relações amorosas a uma delimitação temporal curta e rigorosa. Esse quadro foi denominado de “*fast capitalism*”, primeiramente por se tratar de uma tecnologia que se inclina à compactação do tempo, com o objetivo de ampliar os lucros. Em segundo lugar, porque o capitalismo “tende a causar a erosão das fronteiras e a negar às pessoas espaço e tempo privados” (Illouz, 2011, p. 52). Essas características se associam e a “tecnologia e as mercadorias colonizam o tempo e o espaço” (p. 52).

Segunda a socióloga, a tecnologia da internet lança mão de duas grandes lógicas, a da psicologia e a do consumismo, criando a demanda de encontrar para si o melhor negócio dos

pontos de vista econômico e psicológico. Nesse sentido, utiliza-se de categorias psicológicas para incorporar os encontros amorosos on-line à lógica do consumo, refinando progressivamente as preferências do “consumidor”, processo que sempre pode ser superado, incitando cada um a exibir um perfil cada vez mais bem posicionado segundo as demandas mercadológicas (Illouz, 2011).

A busca por um parceiro no espaço virtual é atravessada pelo capital, e, portanto, tem a forma de uma transação econômica, regulado pela lei da oferta e da procura. O encontro se torna o resultado de um conjunto de preferências e os contatos se transformam em nichos do mercado. O namoro pela internet inaugurou no campo amoroso os princípios do consumo de massa, “baseados numa economia de abundância, escolha infinita, eficiência, racionalização, orientação para alvos seletivos e padronização” (Illouz, 2011, p. 55). Como também coloca Teixeira (2011), fazendo menção à Marx e Engels, “a burguesia despedaçou impiedosamente todos os antigos vínculos humanos, para deixar subsistir somente o frio laço do interesse contábil” (p. 347).

Para Eva Illouz (2011), as relações amorosas não apenas passam a ser organizadas pelo mercado, como se transformam, elas próprias, em mercadorias produzidas numa linha de montagem, a serem consumidas velozmente, por um baixo custo. Reflexo disso é que até o vocabulário dos afetos se torna estritamente determinado pelos imperativos mercadológicos. Dessa forma, a tecnologia da internet ampliou a instrumentalização das interações românticas, que se tornaram reféns da lógica do consumo.

No cenário capitalista, a internet se apresenta como um campo a serviço do capital. Por intermédio desse instrumento, cada vez mais complexo e englobante, os mercados podem monitorar as ações de seus usuários a fim de amplificar seus lucros. Shoshana Zuboff (2020) denominou essa automatização humana de capitalismo de vigilância, que gera um novo modelo de dominação – o instrumentalismo, capaz de moldar o comportamento humano em prol dos interesses mercadológicos. Desse modo, a cultura digital não está dissociada da estrutura neoliberal. Com a lógica algorítmica, “os meios de produção estão subordinados a meios de modificação comportamental” (p. 22), operados mediante os algoritmos digitais.

Na busca por relações amorosas no espaço virtual, como por meio do Tinder<sup>10</sup>, atualmente o aplicativo de relacionamentos amorosos mais utilizado no mundo, além dos interesses particulares de cada usuário que procura um parceiro amoroso, tem-se um

---

<sup>10</sup> Criado em 2012, o Tinder é um aplicativo que localiza pessoas a partir da exibição de vários perfis, com fotos e uma breve descrição. Caso haja um interesse mútuo entre dois perfis acontece o “match”, os usuários são informados e podem iniciar uma conversa.

“intermediador”, que gerencia o aplicativo e possui apenas proveitos econômicos, como desvelaram Moreira et al. (2023). A intenção desse intermediador de encaminhar as relações para a esfera virtual, desenvolvida em um contexto onde há hipervalorização do capital, tem o lucro como centralidade, e não o amor. Embora esta seja uma proposta em potencial, ela não necessariamente se opera, pois o discurso capitalista é o único discurso que não faz laço. Se a monetização é seu principal objetivo, é conveniente para a empresa manter os usuários ativos na plataforma de encontros on-line, mas um relacionamento que se consolida implica em dois usuários a menos.

As estratégias criadas para lidar com esse paradoxo – já que mesmo se propondo como uma rede social que visa promover o encontro amoroso, interessa à empresa que seus usuários não abandonem o aplicativo – se dão pela execução de um controle de alta eficácia que é apresentado ao internauta, mas que implica em dinâmicas que alienam os sujeitos. Convém a esse modelo de negócio, o apagamento das subjetividades. Cria-se uma gamificação, modos de interação que estimulam uma competição entre os usuários, a partir da quantidade de curtidas obtidas em cada perfil, como também colocam Moreira et al. (2023). Há ainda um valor econômico atribuído aos perfis, que deixa as pessoas inseguras quanto ao seu valor nesse mercado competitivo, incitando-as a melhorarem suas posições. Este cenário gera uma tendência a potencializar os atributos da parceria encontrada, abrindo espaço para projeções e idealizações imensuráveis.

Torna-se inevitável que os encontros mediados por uma empresa que visa lucros, sejam modificados em sua constituição e passem a ser afetados diretamente pelas possibilidades que a virtualidade coloca. Nessas plataformas, estabelece-se um novo modo de se formar vínculos afetivos, uma vez que a escolha do objeto amoroso é atravessada por diversas variáveis. A interferência dos algoritmos no estabelecimento dos encontros amorosos é uma delas. Os algoritmos filtram os perfis que serão exibidos ao usuário do Tinder, inserindo-o dentro de uma bolha narcísica. O usuário também pode fazer uma descrição falsa no seu perfil, montado arbitrariamente ao gosto do “freguês”, conforme as exigências mercadológicas do momento.

Mesmo diante das “infinitas” possibilidades de escolhas que o cenário digital apresenta engendrado pelo discurso capitalista, nessas plataformas há pouco espaço para o amor. Os aplicativos e dispositivos virtuais interferem nas escolhas amorosas, nos modos de relacionamento e na própria forma de conceber o amor. Se o ambiente virtual oferece uma ampla oferta de “parceiros-produtos”, ele não garante o encontro nem o vínculo amoroso. Ainda que ocorra o “*match*” – sinal de interesse de um usuário por outro –, pode não evoluir para um laço amoroso. Ao sustentar a ilusão de que o próximo encontro pode ser melhor, as plataformas

promovem o rápido descarte do parceiro e à sua substituição por outro que oferece maiores vantagens, numa lógica de consumo que mantém o sujeito enlaçado ao aplicativo, e não às pessoas. O discurso capitalista sufoca o amor quando perfura o “encontro virtual”, introduzindo aí uma dinâmica mais próxima do gozo, uma promessa de satisfação plena que visa eliminar a impossibilidade de complementaridade entre os sexos, reduzindo os sujeitos a objetos de puro consumo.

O encontro permeado pela internet tende à racionalização da escolha do parceiro e dos afetos, indo contra a ideia do amor como uma revelação inesperada, pois “a internet marca um afastamento radical dessa tradição do amor” (Illouz, 2011, p. 55). Isso porque, como abordamos, os encontros virtuais nestes aplicativos passam por certo forjamento, sendo modulados conforme os interesses próprios das empresas movidas por uma lógica neoliberal, o que retira a beleza do acaso e da contingência do encontro. Neste cenário, a dimensão inconsciente também tende a ser rechaçada, em meio ao funcionamento dos algoritmos digitais e ao controle regido pelo interesse monetário. Nesses ambientes controlados, há pouco espaço para as “trombadas amorosas” e para o encontro de “dois saberes inconscientes” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 197), relação na qual todo amor se baseia.

Sabemos que o Tinder não é um aplicativo que possa ser acessado pelos adolescentes, ao menos até os dezoito anos. O amor on-line estabelecido por Lina e Ana, apesar de ser atravessado pela virtualidade, vivido em uma rede social onde os algoritmos governam, inclui algo do inesperado e do acaso. Primeiramente é preciso destacar que as adolescentes não pareciam estar à procura de um relacionamento amoroso. O TikTok, aplicativo onde se conheceram, a despeito de abrir espaço para interações, não é uma plataforma voltada para o encontro amoroso. Elas se conheceram espontaneamente, se identificaram a partir de elementos presentes no virtual, ou seja, curtidas de vídeos de interesse comum, quando começaram a conversar e se tornaram amigas. Aos poucos, surgiu o que elas designaram como “uma relação amorosa” e, posteriormente, estenderam o relacionamento para outros espaços virtuais, redes sociais além do TikTok.

Em *Elogio ao amor*, o filósofo francês Alain Badiou (2013) ressalta que o amor não é sem riscos, apesar dessa ideia ser intensamente vendida nas publicidades e nos sites de relacionamentos pela internet. É o que destaca a partir de frases como: "Tenha o amor sem ter o acaso", "Você pode amar sem cair de amores", "É perfeitamente possível amar sem sofrer", um verdadeiro "treinamento amoroso" (Badiou, 2013, p. 11). Trata-se da oferta de um amor selecionado e planejado, onde se vende a ilusão de que é possível ter acesso a tudo do outro, como fotos, gostos, data de nascimento, signo astrológico. Esse amor bem assegurado,



calculado, evita o encontro com a castração e com a questão incontornável da diferença entre os sexos. Tudo é feito para o conforto e segurança do consumidor, ou seja, um amor elevado à condição de produto a ser consumido e vendido com garantias ilusórias.

De acordo com Badiou (2013), o amor não é um evento que possa ser previsível ou planejado conforme as leis do mercado, mas se realiza no mundo, no acaso. As plataformas online de relacionamento amoroso, por mais que se proponham a isso, não podem preparar ou programar o encontro. O encontro amoroso é um evento que passa pela contingência, traz “as surpresas do amor”. Para a psicanálise o amor é puro acontecimento. Ventura (2021) acrescenta que ele se inscreve além de uma “verdade formalizada” ou dos “cativeiros imaginários” (p. 5) por onde percorre. É a partir da experiência do acontecimento que o amor pode se tornar novo, pode surpreender o sujeito, fazendo ressonâncias no inconsciente dos amantes.

Nessa perspectiva, Badiou (2013) se inspira no poeta Arthur Rimbaud para dizer que “o amor deve ser reinventado, como também simplesmente defendido, porque tem sido ameaçado de todos os lados” (p. 11). De acordo com o filósofo, o amor deve ser defendido não no sentido de mera conservação, pois o mundo é marcado pelo novo e o amor também precisa ser incluído nessa inovação. Como declara Ventura (2021), a partir das reflexões do filósofo, não se trata de “alarmar-se pela ausência das formas clássicas do amor, senão por fazer a aposta e poder testemunhar sobre as formas novas e singulares de sua presença” (p.7-8). O que é necessário reinventar é o risco e a aventura, num contraponto das falsas garantias que vem sendo oferecidas pelo mercado no campo amoroso.

Neste cenário, há duas ameaças que recaem sobre o amor, segundo Badiou (2009). A primeira, decorre da oferta de uma segurança ilusória, um acordo prévio, que não difere de muitos dos casamentos arranjados, que tentam evitar todo o acaso, todo o encontro e toda poesia existencial, tudo em nome da ausência de riscos. A segunda ameaça é negar-lhe sua importância, toda e qualquer importância, ao reduzir a dimensão amorosa a uma variante de um hedonismo generalizado ou, como coloca o filósofo, a uma variante das figuras de gozo. “Trata-se de evitar assim qualquer provação imediata, qualquer experiência autêntica e profunda da alteridade com que o amor é tecido” (Badiou, 2013, p. 13), embora seja impossível eliminar os riscos.

Para Badiou (2013), no amor é necessário se arriscar, mas também é preciso uma certa obstinação, uma insistência diante dessa nova temporalidade fluída que se confronta nas relações amorosas. O que mais encanta no amor, segundo o autor, não é o êxtase inicial, mas, antes de tudo, o fato de ser uma construção duradoura. Desistir no primeiro impasse, nas primeiras dificuldades, seria uma “desfiguração do amor” (Badiou, 2013, p. 25). O amor é aquele que triunfa de modo duradouro, diante dos obstáculos erguidos pelo espaço, pelo mundo

e pelo tempo. Trata-se de uma “aventura obstinada”, que inclui o risco e uma certa tenacidade. Nas palavras do filósofo: “o que interessa é a duração do amor; não a duração do tipo ‘o amor deve durar para sempre’ [...], mas que o amor inventa uma forma diferente de durar ao longo da vida” (Badiou, 2013, p. 26).

Diante deste quadro que aponta para um declínio do amor no capitalismo digital, há que se questionar se o amor está ameaçado de extinção na contemporaneidade, ou se ele estaria transvestido em novas roupagens, se manifestando como um novo amor ou novos amores. Para Ventura (2021), “os ecos do amor não deixam de ressoar” (p. 5). Ainda não se deixou de falar de amor; trata-se, talvez, de poder nomear um amor “mais digno”, mais autêntico “nesta época em que os véus se desgarram”, de tal modo que não se faça do gozo “pura obscenidade” (p. 5).

Não se trata também de restituir os velhos véus, o velho amor, mas a partir da relação essencial que o amor estabelece com o saber inconsciente, poder fundar o véu que convém quando se alcança o limite de uma construção: “quando as palavras cessam na impostura de pretender cernir o real, então é aí, nesse litoral que se abre, onde se pode escrever um significante novo sobre o amor” (Ventura, 2021, p.6). O que nos faz retornar à nossa segunda questão: o amor vivenciado exclusivamente on-line poderia ser, para alguns sujeitos adolescentes, uma modalidade de amor cortês na atualidade?

#### **4.2 Amor cortês na atualidade?**

O amor não é “imune ao tempo, ele existe no tempo” (Eizirik, 2018, p. 212) e “nas flutuações da história e das revoluções que marcam a existência humana no Ocidente” (p. 217). Lacan nos fala que “o amor é um fato cultural [...] nem se cogitaria falar de amor se não houvesse a cultura” (1962-1963/2005, p. 198). Desse modo, o amor está nessa envoltura entre a linguagem e a cultura, dois elementos que não são estáticos, se manifestando, portanto, de formas variadas, ao longo do tempo. O amor é construído no enquadre de um cenário histórico, político e social, e sofre os efeitos de suas metamorfoses, em um teatro onde nós somos seus protagonistas. O amor é a inspiração dos poetas, matéria dos sonhos, memórias e canções e se presentifica de diversos modos em cada época. Percebemos nos movimentos da história que a cada mudança de discurso há um novo amor, um novo laço, como prenunciou o poeta Arthur Rimbaud (1886/2012) em sua poesia *A uma razão*.

Como também enfatizam as psicanalistas Christian Ríos e Silvia Elena (2022), os significantes que inscrevem o discurso amoroso mudam, e com eles as modalidades de amar, embora algo do real em jogo no amor permaneça, como sua dimensão de sofrimento e de

felicidade. Lacan (1972-1973/1985), ao fazer referência ao poema de Rimbaud, diz que “o amor, nesse texto, é o signo, apontado como tal, de que se troca de razão, e é por isso que o poeta se dirige a essa razão. Mudamos de razão, quer dizer – mudamos de discurso” (p. 23).

Se “um novo amor”, como reitera o poeta, é signo da mudança do discurso, “diante do real, o amor sempre é novo, cada vez” (Ríos & Tendlarz, 2022, p. 2). O novo amor é para Lacan (1972-1973/1985) no Seminário *Mais, ainda*, um signo do surgimento de um novo discurso. Desse modo, os modos de amar e de expressar o amor assumem a forma da cultura vigente, do discurso operante e das modalidades de gozo predominantes em cada momento da história.

Na época atual, vimos que a hegemonia do discurso capitalista ressoou nos laços amorosos. O gozo proibido perde espaço para um gozo ilimitado que, além de não ser mais interdito, se torna uma exigência, um imperativo. Os significantes que ocupam um lugar dominante no discurso vigente apontam para desempenho, métrica, sucesso, maximização, eficácia, bem-estar, felicidade, liberdade, elementos que fazem alusão a esse gozo irrestrito (Aveggio, 2021) e remetem à ideia de que “não há tempo a perder”, afinal, “*times is money*”. Essas mudanças discursivas incidem diretamente sobre o campo amoroso, nos modos de enlace amoroso e nas formas de se amar, como foi visto ao longo desta pesquisa.

Dessarte, a passagem do tempo modifica os modos de amar, a partir dos discursos predominantes em determinada época ou cultura.

Entretanto, é preciso considerar, a partir do que observamos, que as manifestações do amor tanto podem ser consoantes aos discursos vigorantes de uma época ou se contrapõem a eles. É o que ocorreu, por exemplo, no caso do amor cortês, que apesar de representar o reflexo de alguns dos ideais civilizatórios medievais (Soares, 2021), inaugurou um discurso próprio da mulher, que passava a ganhar atributos elevados e divinos, num período da história em que era subjugada e reduzida ao papel da maternidade. Por essa razão, Lacan (1959-1960/1988) vislumbra o amor cortês como surpreendente, pois surge em uma época cujas coordenadas históricas nada sinalizavam para a ideia de uma promoção ou liberação da mulher. Na sociedade feudal, não existia lugar para a pessoa ou para a liberdade pessoal feminina, exceto pelo direito de exercer a prática religiosa.

Além disso, mesmo com a prevalência de um discurso em determinada época, é possível notar diferenças nas manifestações do amor a partir das especificidades locais, culturais e subjetivas. No livro *História do amor do Brasil*, de Mary Del Priore (2012), a autora destaca que no período colonial no Brasil, mais especificamente no século XVII, enquanto as mulheres brancas eram descritas em “tom cortês” pelo poeta brasileiro Gregório de Matos, preservando sua honra e pureza, as mulheres mestiças da Bahia eram referidas pelo mesmo poeta de modo

diferente: “Córdula da minha vida, mulatinha de minha alma”. Nesse caso, percebemos um movimento de exaltação do corpo da mulher negra brasileira, assim como também da indígena do século XVI, que eram vistas como objetos sexuais dos portugueses. Já em relação às negras da África, o poeta se referia com desprezo: "anca de vaca", "vaso atroz". Portanto, nos "amores tropicais", como declara a autora, "não faltavam pontas de racismo e de desprezo à mulher" (Del Priore, 2012, s.p.), em um período da história em que o amor cortês ainda mostrava seus sinais.

No contexto do Romantismo no século XIX, em plena ascensão da burguesia e da crença na individualidade, momento de eclosão da poesia afro-brasileira, alguns poetas, como Cruz e Souza (1861-1898), expressavam uma preferência pela cor branca em suas obras. Quando o poeta ama, o objeto desse amor é a mulher “da cor nupcial da flor de laranjeira”, e loura, “com doces tons de ouro” (s.p.). Já para o poeta Tobias Barreto (1839-1889), o amor era tomado como um sentimento unificador, que não se limitava às barreiras preconceituosas raciais (Del Priore, 2010).

Tu és morena e sublime  
 Como a hora do sol posto.  
 E, no crepúsculo eterno  
 Que te envolve o lindo rosto,  
 O céu desfolha canduras  
 De alvoradas e jasmins,  
 E passam roçando n'alma  
 As asas dos querubins<sup>11</sup>

É perceptível a força do enquadre histórico, político e cultural nos modos de amar, mesmo que surjam subversões e resistências aos modelos dominantes. O discurso predominante no contexto histórico que fez emergir o amor cortês é bem diverso do discurso dominante em nossa época. Para Santoro (2016), em *O amor nos tempos da Internet*, os modos de gozo vigentes, marcados por uma queda da idealização imaginária, pela discórdia e descontentamento, numa época em que o Outro ganha o estatuto de uma imagem virtual, apontam para um “amor descortês” (p. 169).

---

<sup>11</sup>Poema de Tobias Barreto, em *Dias e Noites*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 195.

Na mesma direção, Ríos e Tendlarz (2022), se referenciando na obra do filósofo coreano Byung-Chul Han (2017), *Agonia do Eros*, enfatizam que a questão que se coloca na atualidade e que contribui para a crise do amor é a erosão do Outro, uma tendência à exclusão da dimensão da alteridade. Na contemporaneidade, segundo Ríos e Tendlarz (2022), o direito ao gozo tem mais valor do que qualquer outro: “o eros reduzido ao real do gozo não só perfura a poesia própria do amor cortês, mas produz uma desertização da vida” (p. 1), na medida em que o Outro “perde profundidade e se torna um objeto de consumo” (p. 1). Neste contexto, ao se referir ao feminicídio e à violência contra as mulheres na atualidade, os autores afirmam que: “a mulher como objeto *a* no ponto zênite dá conta de amores já não abordados através da poesia do amor cortês, em que se evitava o encontro com o corpo da Dama” (p. 5).

Ainda que a época atual indique a predominância de um amor líquido e “descortês”, determinadas formas de manifestações amorosas do passado podem deixar rastros em nosso imaginário e ressurgir em épocas posteriores. Eizirik (2018) demonstra que os modos de amar e ser amado, apesar de sofrerem modificações ao longo do tempo, podem deixar vestígios: “O amor tem história, e *deixa marcas*: o amor platônico, o amor cortês, o amor romântico, o amor líquido” (p. 205, grifo nosso).

No *Seminário 7*, Lacan (1959-1960/1988), ao se referir ao amor cortês, enfatiza que se trata de um “exemplo de uma sublimação da arte cujos efeitos encontramos ainda vivos” (p. 164), havendo vestígios “dos efeitos indiscutíveis da construção significante primitiva que é determinante no fenômeno do amor cortês” (p. 164). Para o psicanalista francês, esse modo singular de amar, que se presentifica na história com diferentes signos, deixou rastros no inconsciente e se fez presente em sua época, sendo possível prever sua perpetuação no futuro: “esses ideais, em cujo primeiro plano está a Dama, se encontram em épocas ulteriores e até na nossa. Suas incidências são totalmente concretas na organização sentimental do homem contemporâneo, e aí perpetuam sua marcha” (p. 184). Desse modo, o autor nos permite cogitar que essa forma singular de amar pode se manifestar na atualidade, na medida em que se sustenta nos traços inconscientes.

Para Lacan (1959-1960/1988), há algo na essência do amor cortês que insiste, há um “certo emprego sistemático e deliberado do significante como tal” (p. 185). Intrigava o psicanalista o fato de uma criação poética ter exercido tanta influência, uma “influência determinante” (p. 185), inclusive em seus “prolongamentos históricos” (p. 185) e nos seus costumes, mesmo quando suas raízes haviam sido esquecidas.

Lacan procurou desvendar esse enigma a partir de um dos pontos que toca esta pesquisa, e que diz respeito à função que esse amor pode cumprir: “Mas não podemos julgar da função

dessa criação sublimada senão nos balizamentos de estrutura” (Lacan 1959-1960/1988, p. 185). Ou seja, pela estrutura podemos ter os balizadores que permitem localizar vestígios desta modalidade amorosa e de sua função. Independentemente da posição social do amante, havia sempre uma característica que se repetia no amor cortês: a Dama se inscrevia a partir de uma barreira que a cerca, que a “introduz pela porta mui singular da privação, da inacessibilidade” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 185).

Desse modo, há algo da estrutura do amor cortês que se preserva, a despeito da época em que se insere, e é a partir dessa estrutura que podemos localizar seus sinais, seus balizadores, como menciona Lacan. Ter a mesma estrutura não significa se apresentar da mesma forma, pois a estrutura remete à sua constituição e à sua natureza. A forma pode ser variável, o amor recebe diferentes roupagens de acordo com a cultura e com a época em que se insere.

Na cultura digital, não se trata mais da imagem do trovador com sua viola, suplicando pelo amor da Dama inalcançável. O amor cortês pode mostrar seus sinais em outros formatos, a partir de elementos que facilitam o contato entre pessoas na cultura digital, como os smartphones, os aplicativos e redes sociais – como o TikTok, Tinder, Instagram, WhatsApp –, desde que se mantenham as condições estruturantes desse modo de amar, preservando a pessoa amada inacessível e projetando na tela as idealizações que o sustentam.

O espaço virtual propicia condições favoráveis para que o sujeito mantenha o amor à distância, inalcançável e idealizado. A tela dos dispositivos tecnológicos se interpõe entre os corpos, operando como um obstáculo para o acesso ao objeto amado. O amor que Lina mantém com sua parceira apresenta algumas características do amor cortês: um amor idealizado, clandestino, que dispensa o sexo e se prolonga no tempo.

O amor on-line encena uma condição imprescindível para a realização de um amor do tipo cortês: um amor com caráter inalcançável, uma estratégia refinada que cria uma barreira diante do encontro com o real sexual. Na época dos trovadores, a Dama era idealizada e inacessível e havia sempre uma agrura que impedia a realização amorosa. O objeto amado só pode estar na condição de privação, é um amor que se inscreve na dimensão da falta.

Apesar de ser bastante investida no relacionamento on-line, como vimos, Lina não manifesta o desejo de encontrar-se pessoalmente com a namorada, mantendo o distanciamento físico. Em nossa época, marcada pelo predomínio do discurso capitalista, que impele ao mais-de-gozar ilimitado, sustentando a ilusão de que “nada é impossível”, criar um obstáculo ou barreira para o acesso ao outro pode ser uma forma de resistência ao ilimitado do gozo, perfurando a lógica neoliberal operante. Na falta de empecilhos para o encontro amoroso, eles são inventados.

Lina também projeta um amor idealizado, superestimado e valorizado, capaz de sustentar a fantasia de complementaridade entre os sexos. A dimensão narcísica do amor se mostra presente na medida em que se ama a própria imagem, seu eu ideal, sustentando uma fusão com o outro, na tentativa de fazer *Um*. Retomamos fragmentos de suas falas:

*“Somos muito parecidas, somos doces, gostamos das mesmas séries, filmes, livros e vídeos no TikTok e no caso dos gostos diferentes que temos, como uma banda musical, tratamos com muito respeito as diferenças, sem julgamentos, conversamos, não brigamos como meus pais”.*

No lugar idealizado, a dama só pode ser amada na condição da abstinência sexual, um obstáculo criado que visa velar o impossível da complementaridade entre os sexos. A internet pode criar as condições necessárias para uma barreira que evita o encontro corpo a corpo. Nesse modo de uso da internet, há uma subversão do paradigma de hipersexualidade presente nos dias atuais.

Lina estabelece um amor clandestino, escondido dos pais, tal como no caso freudiano da jovem homossexual, que também pode ser pensado como um movimento da adolescente de separação dos pais.

A internet tem sido usada para a exposição pública da vida amorosa. No entanto, é possível apagar as mensagens amorosas em um simples apertar de botão, o que fez Lina para esconder o relacionamento dos pais. Recordemos:

*“eles não confiam em mim, acham que eu não tenho caráter, nem opinião, invadem meu espaço e me arrancam o celular. Eu sempre apago todas as conversas que tenho com minha namorada para eles não verem. Isso é muito chato. Eles não deveriam fazer isso. Queria ter privacidade. Imagina se eu fizesse o mesmo com eles?”.*

A adolescente escolhe manter o amor à distância e privado numa época de imposição à transparência, em que todo e qualquer empecilho tende a ser rechaçado, uma vez que a distância cria obstáculos para o “aceleramento do circuito da comunicação e do capital” (Han, 2017, p. 20). No caso do amor cortês, o desejo não é transparente, mas curvo, pois a amada só pode ser conquistada indiretamente, por caminhos tortuosos e emaranhados. É indecifrável, como na anamorfose, na qual o conteúdo da imagem só é revelado como desfigurado, deformado. “É qualquer outra coisa menos evidente” (Han, 2017, p. 24). No amor cortês não é possível fazer qualquer representação de sua imagem, que se revela impenetrável, tal como *a Coisa*, seu real mistério (Lacan, 1959-1960/1988).

O amor de Lina também destoa da lógica da liquidez dos laços por ser um amor que se prolonga no tempo. Ele envolve um tempo de espera, tempo de cortejar, de enamorar-se, de sonhar. Um tempo que permite construir a fantasia de que é possível haver o encontro perfeito entre os sexos.

Assim, o amor on-line no caso da Lina apresenta características que se opõem à lógica capitalista digital que envolve a eliminação das distâncias, a exposição pública da intimidade e o imediatismo. Lina subverte essa lógica criando uma distância, um mistério e um prolongamento no tempo. No *Seminário 20*, Lacan (1985) diz que o amor cortês “brilhou na história como um meteoro, e viu-se retornar em seguida todo o bricabraque de uma pretensa renascença das velharias antigas” (p. 92). Para o autor, a reascensão e a insistência do amor cortês na cultura torna-se um grande enigma.

No contexto atual, marcado pela prevalência do discurso capitalista associado às tecnologias digitais, cada adolescente pode fazer um uso singular dos objetos da tecnociência. Lima et al. (2014), a partir da leitura de escritos de amor no ambiente virtual, consideram que é possível identificar manifestações do amor cortês em tempos de relacionamento virtual entre os adolescentes. Como veremos, essa modalidade amorosa on-line pode cumprir uma função subjetiva importante para o adolescente contemporâneo, na medida em que permite criar as condições para a construção da fantasia.

### **4.3 A função do amor on-line para uma adolescente**

Lacan (1974/2003a, p. 557) comenta, no prefácio que faz à peça *O despertar da primavera*, que para fazer amor com as moças é preciso que os rapazes tenham sonhado com isso. A fantasia é a resposta frente a irrupção de um gozo sem sentido, uma tentativa de produzir uma suplência do objeto que tornaria possível a relação sexual. Na puberdade, o que o real do sexo vai apontar é essa discordância fundamental entre os sexos. Esse mal-estar decorrente da impossibilidade da relação sexual como algo estruturante, o que aparece de maneira dramática para o adolescente (Lacan, 1974/2003a). Uma vez que a relação sexual não existe, é preciso que o sujeito a faça existir por meio da fantasia. A fantasia construída na infância não é capaz de lidar com esse novo real da puberdade, por isso, é necessário reconstruí-la. Segundo Stevens: “Os adolescentes têm que reconstituir sintoma e fantasia, quer dizer, modificar os precedentes, adaptá-los, ou têm que construir alguns novos. É o que chamamos adolescência. É o momento em que o sujeito busca uma resposta sintomática” (2013, p. 3). O despertar dos sonhos leva em



conta o começo do trabalho da fantasia como preparação para esse encontro amoroso que será sempre faltoso.

No entanto, conforme foi abordado, a contemporaneidade é marcada por condições que dificultam a construção da fantasia no primeiro tempo lógico da adolescência. Por um lado, há o levantamento do véu, em uma era esvaziada de ideais. Por outro, a pressa e a urgência modificam os modos de se enlaçar ao outro, o amor e o tempo estabelecem uma nova relação, se distanciando da lógica de outrora.

Diante deste cenário, Lina faz uso de uma estratégia refinada, a partir de um amor on-line, com muitas características do amor cortês, ela cria um intervalo no tempo para fantasiar, adiando se defrontar com a não relação sexual. A adolescente situa o seu amor como um “*apoio emocional*”. A retirada desse apoio emocional equivale à morte. Em suas palavras: se “*mata alguém por dentro*”. Assim, esse amor on-line cumpre uma função subjetiva importante para Lina. Ele oferece um apoio ao trabalho psíquico de construção da fantasia, que possibilita a constituição da adolescência como uma resposta singular ao real do sexo. A intermediação da tela permite a separação dos corpos, impondo uma distância geográfica e mantendo inalcançável o objeto de amor. Lina cultiva o amor através da fantasia de complementaridade entre os sexos. Se o amor está situado mais além do ser amado, além do objeto, ele assume uma função significante.

Lacan (1959-1960/1988) localiza uma função simbólica no amor cortês: “nunca se fala tanto nos termos mais crus do amor do que quando a pessoa é transformada numa *função simbólica* (p. 186, grifo nosso). O autor se refere a uma condição que o amor cortês pode cumprir, sublimando algo da pulsão, estruturando o desejo e criando uma barreira no acesso ao objeto amado, ao colocá-lo na condição de privação, tal como *das Ding*. Como vimos, a operação dessa função sublimatória do amor se dá a partir de uma dilatação temporal, de rodeios e obstáculos capazes de preservar o lugar de *das Ding* sem jamais alcançá-la. No contexto de sua adolescência ao inserir o amor (on-line) na impossibilidade, Lina sustenta e estrutura seu desejo através de um objeto de amor que opera como causa.

Neste enquadre, o primeiro tempo lógico é necessário para o adolescente “situar-se numa posição desejante que lhe seja própria em relação ao despertar pulsional que atravessa o seu corpo durante a puberdade” (Consenza, 2015, p. 2). O amor inacessível implicado no amor cortês pode cumprir, assim, a função de permitir ao adolescente estruturar seu desejo ao servir de suporte à fantasia.

Lacan (1959-1960/1988) também localiza uma função imaginária no amor cortês, ao articular o sujeito e o objeto em sua fórmula da fantasia, na qual o desejo se apoia:

É na *função imaginária*, muito especialmente, aquela a propósito da qual a simbolização da fantasia ( $\$ \diamond a$ ) nos servirá, que é a forma na qual o desejo do sujeito se apoia. Nas formas especificadas historicamente, socialmente, os elementos *a*, elementos imaginários da fantasia, vêm recobrir, engodar o sujeito no ponto mesmo de *das Ding*” (p. 126, grifo nosso).

Posteriormente, ao elaborar a noção de objeto *a*, Lacan irá compreendê-lo não mais como um elemento imaginário, mas como um ponto de real, resto da operação simbólica. Assim, o amor cortês pode ofertar um contorno ao real, ao circunscrever a pulsão, dando-lhe forma e narrativa a partir da construção de uma fantasia.

O amor cortês que se manifesta no espaço virtual, apresenta as condições necessárias para que o amado se mantenha numa posição idealizada, como *agalma*, uma joia rara, um brilho que atrai, mas que permanece ali, como objeto inacessível. Portanto, para Lina, esse amor mantido à distância tem a *função de véu*.

Freud, em seu texto *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), destaca a superestimação do objeto sexual na paixão. O sujeito apaixonado tem sua capacidade crítica comprometida, visto que os atributos do objeto amado são hipervalorizados e atribuí-se a ele virtudes subjetivas e também de caráter espiritual que se tornam justificativas para que ele seja amado. A idealização é o que sustenta o investimento na pessoa amada. Retomando a sua teoria do narcisismo, o autor explica que o que o amante idealiza é a parte perdida do próprio eu. Assim, na paixão, o objeto é investido como no próprio eu e tem sua libido narcísica transbordada para este objeto que ocupa um lugar de substituição do eu ideal. O ser amado abriga todas as perfeições narcísicas aspiradas pelo amante, e a superestimação sexual intensifica a paixão. O objeto cada vez mais valorizado pode levar a uma suplantação da satisfação sexual, na medida em que se torna sublime, precioso, levando o amante a perder o amor-próprio e a sacrificar-se pelo objeto. Freud (1921/2011) diz que “toda situação pode ser resumida numa fórmula: o objeto se colocou no lugar do ideal do Eu” (p. 72). No caso de Lina, apesar da idealização do objeto amado, não se pode falar que houve um empobrecimento narcísico e um sacrifício pelo objeto.

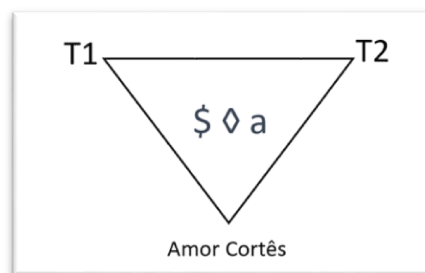
Lacan (1956-1957/1995), em *O seminário, livro 4*, aponta que o que é amado no objeto do amor visa alguma coisa que está além, está ali simbolicamente, encontra-se em uma das imagens mais fundamentais da relação do humano com o mundo: o véu. É aí que se permite desenhar a situação fundamental do amor. Nas palavras do autor: “Pode-se mesmo dizer que com a presença da cortina, aquilo que está mais além, como falta, tende a se realizar como imagem. Sobre o véu pinta-se a ausência” (p. 157). A cortina assume a função e seu valor por

ser aquilo que além de ocultar a falta, serve como uma tela sobre a qual “se projeta e se imagina a ausência” (p. 157), dando-lhe forma e uma representação imaginária e simbólica. O véu é essa construção de uma certa ilusão imprescindível das relações amorosas, que se situa além do objeto amado.

Por outro lado, esse amor (on-line), além da função de velar, também pode criar as condições da fantasia em seu sentido temporal, pois, ao tornar o objeto amado impossível e distante, introduz um tempo de espera. Desse modo, o amor da adolescente pode cumprir a função de *dilatação do tempo de compreender* que cria outra condição necessária para a tessitura de um véu, um tempo de resposta que adia o encontro com o sexual. A situação assemelha-se a uma vestimenta que vai sendo tecida, fio a fio, ponto a ponto, até formar um véu que vela a nudez do real para o púbere. Em tempos líquidos e acelerados, o amor cortês pode operar evocando esse intervalo necessário ao tempo do sonho.

Com a finalidade de ilustrar a função que o amor pode cumprir na adolescência em sua relação com a fantasia, montamos um esquema gráfico, sendo T1 o tempo do sonho e T2, o tempo do trauma (Cosenza, 2015). O trabalho da fantasia ( $\$ \diamond a$ ) envolve os dois tempos lógicos. Desse modo, ao mesmo tempo em que cria as condições para velar a não relação sexual, o amor cortês que se manifesta na virtualidade pode operar introduzindo uma dimensão temporal lógica que favoreça a criação desse véu na adolescência. O esquema visa evidenciar, assim, o entrelaçamento existente entre o amor cortês, o tempo e a fantasia, sendo a fantasia o produto dessa articulação, a função que o amor pode cumprir para uma adolescente inserida na cultura digital.

**Figura 7 - Função do amor on-line para uma adolescente**



Lina desenvolve o seu amor no campo da fantasia, como um véu que recobre a inexistência da relação sexual, uma construção que envolve uma temporalidade. Como sublinha Lacan (1972-1973/1985), o amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência da relação sexual, um modo de sair desse impasse com elegância.

Podemos pensar que o amor cortês é ainda mais refinado nos tempos atuais, marcado pela crise do pai que já não mais se encontra no lugar de estrutura simbólica a regular o gozo, introduzindo uma dimensão faltosa, o que deixa os sujeitos à mercê do seu mundo pulsional. A precariedade dos laços e a velocidade com que eles se desfazem apontam para isso. O amor inclui a falta, e pode fazer o gozo condescender ao desejo, onde o pai se ausenta.

Diante do declínio da função paterna no contexto contemporâneo, o amor é também um dos Nomes-do-Pai, uma vez que o impossível da relação sexual encontra sua resposta no amor, na ilusão de fazê-la existir a partir do encontro amoroso. O amor tem a função de conferir sentido onde não existe, de mascarar a dimensão contingencial do encontro amoroso, conforme declara Lacan (1972-1973/1985):

A contingência, eu a encarnei no pára de não se escrever. Pois aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual. Não é o mesmo que dizer que é somente pelo afeto que resulta dessa hiância que algo se encontra, que pode variar infinitamente quanto ao nível do saber, mas que por um instante, dá a ilusão de que a relação sexual para de não se escrever? [...] O deslocamento da negação, do para de não se escrever ao não para de se escrever, da contingência à necessidade, e aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo amor [...] tal é o substituto que – pela via da existência, não da relação sexual, mas do inconsciente, que dela difere – constitui o destino e também o drama do amor (p. 156).

No amor tudo se passa como se aquilo que escapa à contingência finalmente pudesse se escrever, ele “não cessa de se escrever”. Neste sentido, o amor tende a operar encobrendo a dimensão contingencial da escolha do objeto, com o véu imaginário que se fizer necessário. Por outro lado, toda aparelhagem pulsional aponta para aquilo que “*cesse de ne pas s’écrire*”, “não cessa de não se escrever, ou seja, o impossível que o amor tenta mascarar, de que a relação sexual não cessa de não se escrever, a impossibilidade estrutural da satisfação total da pulsão (Branco, 2014).

Assim, o impossível da relação sexual encontra sua saída no amor, na ilusão de que ela possa existir pelo encontro amoroso. O amor se apresenta, assim, com função de suplência, velando a não relação. Ao transformar a relação sexual em “não cessa de se escrever” opera como metáfora, tal como um sintoma, substituindo, como um dos Nomes-do-Pai de nosso tempo, o real do “não existe” (Branco, 2014)

O psicanalista argentino Fabian Fajnwaks (2021) nos dá um alento diante deste cenário em que as coisas do amor estão sendo deixadas de lado, com o predomínio do discurso capitalista:

[...] o amor como encontro contingente vem bloquear esse funcionamento, abrindo um intervalo para o sujeito no contínuo de gozo que circula entre os quatro termos. Os amantes se subtraem do circuito, abrindo espaço para outra coisa que não serve ao circuito em jogo (s.p.).

Os adolescentes, então, mesmo inseridos nesse tempo em que o discurso capitalista impera, podem abrir uma brecha fora do circuito do capital pela via do amor, como coloca Fajnwaks (2021): “um espaço para Outra coisa que racha, fissura, escande o gozo, dando lugar ao sujeito ali onde esse circuito o foraclui” (s.p.). Desse modo, por mais que o amor se apresente em declínio em nosso tempo, foi possível verificar que algo de um “ideal de amor” pode se preservar entre os jovens.

Dessa forma, cada sujeito, a seu modo, pode criar um furo nessa muralha mercadológica que sufoca o amor, como fizeram os personagens Martin e Mariana ao final do longa-metragem argentino *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*, de 2011. De modo inventivo, cada um abriu uma janela na parede dos seus apartamentos, uma rachadura na medianera condensada dos edifícios onde habitavam: um respiro em meio a essa prisão que tende a lançar o amor num circuito universal e fechado, que favorece apenas aos interesses mercadológicos. Uma abertura para o amor!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na experiência contemporânea, o amor é irremediavelmente afetado pelo ritmo veloz com que o discurso capitalista e as tecnologias imprimem ao tempo. O excesso de informações que a internet produz sufoca a imaginação, dando pouco espaço para a fantasia. Nesse contexto, o amor emerge como mais um dos objetos de consumo disponíveis nas prateleiras do mercado, especialmente no âmbito digital. O amor tem se liquefeito, como um líquido que escorre, se esparramando em meio às conexões e desconexões virtuais, sempre ameaçado de evaporar-se.

Quando o amor mostra visíveis sinais de um declínio progressivo, como cada um inventa o amor? Parece ser uma indagação cada vez mais pertinente.

A clínica nos ensina que o amor pode se manifestar de modos singulares, cumprindo funções específicas para cada sujeito. Conforme vimos, Lina, uma nativa digital, mesmo em tempos de amores líquidos faz um uso singular do tempo para sustentar o amor a partir dos dispositivos ofertados pelo capitalismo digital. Numa era de grande predominância do gozo e do imediatismo, a adolescente cria um intervalo temporal para a construção de uma fantasia que sustenta o desejo e envolve o amor.

O exemplo de Lina mostra-nos como os adolescentes podem se servir, a um só tempo, tanto de elementos contemporâneos quanto medievais, como as formas do laço digital ou do velho amor cortês, costurados de uma maneira própria, para poderem sonhar, reinventando o amor a partir de uma *bricolagem de sobras*<sup>12</sup>. O amor, intermediado pelos novos dispositivos tecnológicos, pode se servir das *velharias* medievais ou, no sentido inverso, o amor cortês ultrapassa o tempo e se transveste com uma roupagem digital. Esse movimento aponta para uma lógica temporal não linear, marcada por rupturas, escansões e, portanto, fragmentária, que se aproxima da dimensão inconsciente.

O discurso capitalista leva a uma elisão do tempo da divisão do sujeito, na medida em que promove a suspensão da castração, gerando uma colagem dos significantes sem intervalo. A elisão do intervalo entre um significante e outro, traz como consequência, o apagamento do sujeito, já que sua emergência se dá no intervalo entre um significante e outro. O amor, como avesso desse discurso, pressupõe a falta: amar é dar o que não se tem.

Se o amor está ameaçado, como ele pode ser incluído? Trata-se de testemunhar as formas singulares de sua presença. Lina sustenta o amor na medida em que cria um obstáculo para a sua realização. Utilizando-se dos recursos tecnológicos digitais, ela mantém a separação

---

<sup>12</sup> Conforme nomeou Stevens (2006), ao se referir ao amor na atualidade

espacial entre os corpos e instaura um intervalo que sustenta a fantasia de uma complementaridade no campo amoroso. O amor é antes de tudo uma construção, uma invenção que pode atravessar a história e se manter no tempo.

O cenário atual se apresenta como o avesso do contexto histórico e social do amor cortês. No entanto, esta velha forma de amar ressurgue como um meteoro, como um fenômeno luminoso e enigmático no céu escuro do ambiente digital. Emerge como uma centelha de amor em meio ao mar de gozos, uma faísca, que tanto pode se apagar, como incendiar. Seja como for, que o amor perdure! Que ele brilhe na escuridão!

## REFERÊNCIAS

- Akimoto, Cláudio & Goldberg, Leonardo. (2021). O lugar do sujeito na arquitetura digital. In: *O sujeito na era digital: Ensaio sobre psicanálise, pandemia e história*. São Paulo: Edições 70. (p. 73-127)
- Albuquerque, Judith E. R. de (2006). Declínio da autoridade: do nome-do-pai ao sinthoma. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho 3ª Região*, Belo Horizonte, v. 43, n. 73, p. 61-68, jan.-jun. Disponível em: [https://sistemas.trt3.jus.br/bd-trt3/bitstream/handle/11103/27011/Judith\\_Albuquerque.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://sistemas.trt3.jus.br/bd-trt3/bitstream/handle/11103/27011/Judith_Albuquerque.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 28 ago. 2022.
- Amorim, Jaqueline Oliveira & Barros, Rogério de Andrade. (2022). O Mal-Estar do Sujeito Contemporâneo: Os efeitos do Discurso Capitalista. *Psicologia, Diversidade e Saúde*, 11, e4117. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.2022.e4117>. Acesso em: 19 set. 2022.
- Aveggio, Ricardo. (2021). A Função Do Amor E A Época Neoliberal. *Lacan 21 - Revista Fabol Online*, NEL/AMP, Trad. L. Matos, v. 1, 30 maio 2021. Disponível em: <https://www.lacan21.com/sitio/a-funcao-do-amor-e-a-epoca-neoliberal/?lang=pt-br>. Acesso em: 23 dez. 2023.
- Badiou, Alain & Truong, Nicolas. (2013). *Elogio ao amor*. (Trad. Dorothée de Bruchard). São Paulo: Martins Fontes. Selo Martins.
- Barreto, Cristiane & Hage, Mônica. (2021). *Amor e sexo na adolescência*. Escola Brasileira de Psicanálise/AMP. Disponível em: <https://enapol.com/wp-content/uploads/2021/09/Amor-e-Sexo-na-AdolescenciaEBP-Portugues.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- Barreto, Tobias. (1951). *Dias e Noites*. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- Barthes, Roland. (2000). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1981)
- Bauman, Zygmunt. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Zygmunt. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



Benjamin, Walter. (1987). O Narrador. In: Benjamin, Walter. *Magia, técnica, arte e política. Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense. (p. 197-221) (Trabalho original publicado em 1936).

Bernardes, Angela Cavalcanti. (2008). *Razão poética e laço social*. Departamento de Psicologia – UFF. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n1/v1n1a13.pdf>. Acesso em 06 de fev. 2024.

Bondía, Jorge Larrosa. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de Educação*, n. 19, jan. fev. mar. abr.. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jan. 2024.

Bousseynroux, Michel. (2012). Práticas do impossível e teoria dos discursos. *A peste*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 101-112, jan.-jun.. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/a peste/article/view/22108/16217>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Branco, Felipe C. (2014). Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise. *Ágora*, Rio de Janeiro, 17(1), p. 85-98, jan.-jun.. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000100006>. Acesso em: 19 de set 2022.

Braunstein, Néstor A. (2010). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PTS): sexto discurso? *A peste*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 143-165, jan.-jun.. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/a peste/article/view/12079>. Acesso em: 18 set. 2022

Castro, Júlio Eduardo de. (2010). O método psicanalítico e o estudo de caso. In: Kyrillos Neto, Fuad & Moreira, Jacqueline de Oliveira. (orgs.). *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena, MG: UEMG. (pp. 24-35).

Cerqueira, Nilton. (2015). Ado(l)escência: de que padece esse corpo? *@gente Revista de Psicanálise: Nova Série*, Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia, n. 10, a. 4, dez.. Disponível em: [https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/010/009\\_nilton\\_cerqueira.html](https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/010/009_nilton_cerqueira.html). Acesso em: 22 jan. 2024.

Cervelatti, Carmen Silvia. (2020). O falo, entre amor e desejo. *Escola Brasileira de Psicanálise*. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/o-falo-entre-amor-e-desejo/>. Acesso em 10/01/2024.

CGI.BR; NIC.BR; CETIC.BR. (2019). Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. In: *TIC Kids Online*. São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online>. Acesso em: 14 ago. 2022.

Corso, Diana Myriam Lichtenstein. (2004). Amor nos Tempos da Adolescência. In: Costa, A. M., Backes, C., Rilho, V., Oliveira, L. F. L. (Orgs.). *Adolescência e experiências de borda*. Porto Alegre: UFRGS.

Cosenza, Domenico. (2015). A iniciação na adolescência: Entre mito e estrutura. *Almanaque, Revista Eletrônica do IPSM - MG*, n. 16. Disponível em: <https://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Domenico-Cosenza-A-iniciacao-na-adolescencia-Versao-final-2.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Cottet, Serge. (2008). El sexo débil de los adolescentes: sexo-máquina y mitología del corazón. (Trad. María Inés Negri). *Revista L'interrogant*, Barcelona, ed. 9. Disponível em: [https://revistainterrogant-org.translate.google.com/sexo-debil-los-adolescentes/?\\_x\\_tr\\_sl=es&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://revistainterrogant-org.translate.google.com/sexo-debil-los-adolescentes/?_x_tr_sl=es&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 08 ago. 2022.

Debord, Guy (1997). *A sociedade do espetáculo*. (Trad. Estela dos Santos Abreu). Rio de Janeiro: Contraponto. (Trabalho original publicado em 1967)

Del Priore, Mary (2012). *História do amor no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Contexto.

Dela Coleta, A. S. M.; Dela Coleta, M. F. & Guimarães, J. L. (2008). O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela internet. *Psicologia em Estudo*, 13(2), pp. 277-285.

Dessal, Gustavo. (2019). *Inconsciente 3.0: Lo que hacemos con las tecnologías e lo que las tecnologías hacen con nosotros*. Argentina: Xoroi Edicions.

Eizirik, Marisa Faermann. (2018). O amor, um pássaro rebelde. *Revista de Psicanálise da SPPA*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 205-229, abr.. Disponível em [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/987495/14\\_o-amor\\_marisa-eizirik\\_v25\\_n1\\_2018.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/987495/14_o-amor_marisa-eizirik_v25_n1_2018.pdf). Acesso em: 23 dez. 2023.

Fajnwaks, Fabian. (2021). O discurso capitalista e o impossível. II Jornada da EBP Seção Nordeste, Conferência pronunciada durante a *XXV Jornada da Seção Bahia da EBP e XXI*

*Jornada do IPB*, em 17 novembro de 2021. Disponível em: <https://ebp.org.br/nordeste/jornadas/2022/2022/08/16/o-discurso-capitalista-e-o-impossivel/>. Acesso em: 13 set. 2022.

Ferreira, Nadiá P. (2004). *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Figueiredo, Ana Cristina & Vieira, Marcus André. (2002). Psicanálise e ciência: uma questão de método. In: Beividas, W. (org.). *Psicanálise, pesquisa e universidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa. (p. 13-33). Disponível em: [https://www.litura.com.br/artigo\\_repositorio/psicanalise\\_e\\_ciencia\\_uma\\_questao\\_de\\_m\\_1.pdf](https://www.litura.com.br/artigo_repositorio/psicanalise_e_ciencia_uma_questao_de_m_1.pdf). Acesso em: 02 abr. 2023.

Forbes, Jorge (2016). Amor adolescente. Trabalho apresentado no *XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano*, São Paulo, 25 de novembro de 2016. Disponível em: <https://jorgeforbes.com.br/amor-adolescente>. Acesso em: 19 nov. 2023.

França, Rafaela Mota Paixão. (2016). O adolescente na rede e a rede no adolescente: reflexões sobre as conexões virtuais e suas incidências na subjetividade. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, (45), pp. 139-144. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n45/n45a14.pdf>. Acesso em 20 jun. 2022.

Freud, Sigmund (2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: Freud, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*: artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). (Trad. e notas Paulo César de Souza). *Obras Completas*, v. 10. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)

Freud, Sigmund. (1974). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Trad. J. Salomão, v. 7, p. 118-230). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, Sigmund. (1976). Dois verbetes de enciclopédia. In: Freud, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Trad. J. Salomão, v. 18, pp. 285-313). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, Sigmund. (1996a). Breves escritos: contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: Freud, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Trad. J. Salomão, v. 11, p. 217-218.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)

- Freud, Sigmund. (1996b). O mal-estar na civilização. In: Freud, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Trad. J. Salomão, v. 21, pp. 65-147). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, Sigmund. (1996c). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Freud, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Trad. J. Salomão, v. 14, p. 81-113). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, Sigmund. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In: Freud, Sigmund. *Obras completas* (Trad. P. C. de Souza, vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, Sigmund. (2020). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina In: Iannini, G.; Tavares, P. H. (Orgs.). *Neurose, Psicose e Perversão - Obras incompletas de Sigmund Freud*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica. (p. 157-192) (Trabalho original publicado em 1920)
- Garcez, Marcia Müller & Cohen, Ruth Helena Pinto. (2011). Ponderações sobre o tempo em psicanálise e suas relações com a atualidade. *Psicologia em Revista*, v. 17, n. 3, p. 348-362, dez.. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682011000300002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000300002&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 17 jan. 2024.
- Guerra, Andrea Maris Campos. (2022). Por que a clínica como paradigma da pesquisa psicanalítica?. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, n 25, v. 1, pp. 1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-44142022001001>. Acesso em: 03 fev. 2024.
- Guimarães, Roberto Medes & Bento, Victor Eduardo Silva. (2008). O método do “estudo de caso” em psicanálise. *Psico*, v. 39. n. 1, p. 91-99. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1484/2800>. Acesso em: 05 maio 2023.
- Gurski, Roselene, & Pereira, Marcelo Ricardo. (2016). A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, 27(3), p. 429–440. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420150005>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- Han, Byung-Chul. (2017a). *Sociedade da transparência*. (Trad. Enio Paulo Giachini). Petrópolis, RJ: Vozes.

Han, Byung-Chul. (2017b). *Agonia do eros*. (Trad. Enio Paulo Giachini). Petrópolis, RJ: Vozes.

História do amor no Brasil (2010). *Revista Cult*. Entrevista realizada com Mary Del Priore. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/historia-do-amor-no-brasil/>. Acesso em 22 dez. 2023.

Hollanda, Chico Buarque de. (1993). Futuros Amantes [canção]. *Paratodos* [Álbum fonográfico]. Gravadora BMG (Bertelsmann Music Group)/RCA.

Illouz, Eva. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Iribarry, Isac Nikos. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6 (1), p. 115-138. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>. Acesso em: 03 fev. 2021.

Jerusalinsky, Alfredo. (2004). Adolescência e contemporaneidade. In: Conselho regional de Psicologia - 7ª Região. *Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade*. Porto Alegre: Libretos. Disponível em <https://adolescencias.pbworks.com/f/jerusalinsky-adolescencia-contemporanea.pdf>. Acesso em: 06 de fev. 2024.

Kehl, Maria Rita (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.

Lacadée, Phillipe. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. (Trad. Cássia Rumenos Guardado e Vera Avellar). Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Lacan, J. (1978). Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue: *Lacan in Italia 1953-1978*. Milan: Salamandra. (p. 32-55)

Lacan, Jacques. (1985). *O seminário, livro 20: Mais ainda - 1972-1973*. (Trad. M. D. Magno, texto estab. por Jacques-Alain Miller). 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques. (1986). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud - 1953-1954*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, Jacques. (1988). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise - 1959-1960*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise - 1969-1970*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto - 1956-1957*. (Trad. Dulce Duque Estrada). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, Jacques. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (pp. 197-213) (Trabalho original publicado em 1945).

Lacan, Jacques. (2001). *O seminário, livro 19: O saber do psicanalista - 1971-1972*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

Lacan, Jacques. (2003a). Prefácio a O despertar da primavera. In: Lacan, Jacques. *Outros escritos*. (Trad. V. Avelar). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Campo Freudiano do Brasil), (p. 557-559). (Trabalho original publicado em 1974)

Lacan, Jacques. (2003b). Radiofonia. In: Lacan, Jacques. *Outros escritos*. (Trad. V. Avelar). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)

Lacan, Jacques. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia - 1962-1963*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques. (2006). *Meu Ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967-1968).

Lacan, Jacques. (2010). *O seminário, livro 8: A transferência - 1960-1961*. (Texto estabel. por Jacques-Alain Miller; trad. Dulce Duque Estrada). 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, Jacques. (2018). *O Seminário, livro 21: Os não-tolos erram / Os nomes do pai - 1973-1974* [recurso eletrônico]. (Trad. Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco). Porto Alegre: Fi.

Laurent, Eric. (2017). Gozar da internet. *Revue La Cause du Désir*, n. 97 - Internet Avec Lacan. Navarin Éditeur. (Trad. e publ. Revista Derivas Analíticas). Disponível: <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/gozar-internet>. Acesso em: 02 de maio 2022.

Lévy, Pierre. (1996). *O que é virtual?* (Trad. Paulo Neves). São Paulo: Ed. 34.

Lima, Nádía Laguárdia de, & Lisita, Helena Greco. (2020). Os adolescentes no espaço urbano: tempo e espaço na era virtual. In: Moreira, J. O. (Org.). *Juventudes Coleção Coletivo amarrações: psicanálise e políticas com juventudes - Juventudes e contemporaneidade: reflexões e intervenções*. Santa Cruz do Sul, SC: EDUNISC. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2905/1/Juventudes%20e%20contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Lima, Nádía Laguárdia de. (2009). *A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance*. Tese de doutorado. – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

Lima, Nádía Laguárdia de.; Anzalone, Ernesto; Cordeiro, Everton. Fernandes.; Berni, Juliana Tassara; Casula, Karina A. & Nunes, Mirella C. C. (2014). As manifestações do amor cortês em tempos de relacionamento virtual. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, 9(18), p. 17-35. Disponível em: [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_18/pdf/as\\_manifestacoes\\_do\\_amor.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_18/pdf/as_manifestacoes_do_amor.pdf). Acesso em 08 dez 2023.

Lipovetsky, Gilles (2007). *A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. (Trad. Maria Lúcia Machado). São Paulo: Companhia das Letras.

Lipovetsky, Gilles. (2005). *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. (Trad. Therezinha Moteiro Deutsch). Barueri, SP: Manole.

Lucero, Ariana. (2011). Amor cortês e sublimação em Jacques Lacan. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.10, p. 179-188, abr.. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/624>. Acesso em: 09 fev. 2024.

Malcher, Fábio & Freire, Ana Beatriz. (2016). Laço social, temporalidade e discurso: do Totem e tabu ao discurso capitalista. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online], Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, pp. 69-84. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982016000100005>>. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S151614982016000100005>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Matos, Olgária. (2008). O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo. *ComCiência*, Campinas/SP, n. 101. Disponível em [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542008000400008&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000400008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 jan. 2024.

Miller, J. A. (2015). Em direção à adolescência. *Minas com Lacan*. Intervenção de encerramento da 3a. Jornada do Instituto da Criança. EBP-MG / IPSM-MG:. Disponível em: <https://ciendigital.com.br/index.php/2018/11/28/apresentacao-do-texto-em-direcao-a-adolescencia-de-jacques-alain-miller/>. Acesso em: 06 fev. 2024.

Miller, J.-A. (2004). *Uma fantasia*. IV Congresso AMP, Comandatuba. Disponível em: <http://2012.congressoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

Miller, J.-A. (2008). Efeitos terapêuticos rápidos em Psicanálise – *Conversações Clínicas com Jacques-Alain Miller em Barcelona*, Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise - Scriptum Livros.

Miller, J-A. (2016). O inconsciente e o corpo falante. In: *Scilicet: O corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: <https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>. Acesso em: 06 fev. 2024.

Moreira, Ana Elisa Vilas Bôas; Magalhães, Gabriel; Norberto, Gladston [et al.]. (2023). O amor líquido no Tinder: Uma análise dos relacionamentos amorosos na pós-modernidade. In: Soares, Laura Cristina Eiras Coelho; Lima, Nádia Laguárdia de & Evangelista, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. (orgs.). *Aproximações da psicologia com o pensamento de Byung-Chul Han: Abordagens fenomenológicas, sociais e psicanalíticas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita. (p. 95-108). Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/cepc/wp-content/uploads/2023/10/Aproxima%C3%A7oes-da-psicologia-com-o-pensamento-de-Byung-Chul-2023.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2023.

Moreira, Jacqueline de Oliveira; Lima, Nádia Laguárdia de; Stengel, Márcia [et al.] (2017). A exposição do amor na internet: público ou íntimo?. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 69, n. 1, p. 5-18. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672017000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000100002). Acesso em: 22 jan. 2024.

Moreira, Jacqueline de Oliveira; Lima, Nádia Laguárdia de; Stengel, Márcia; Bento, Hugo Leonardo Goes; Santos, Lucas Ferreira Pedro dos & Costa, Gabriela Bouzada. (2017). O amor e o stalkador: novos recursos para a vigilância nas redes sociais. *Psicologia em Revista*, Belo



Horizonte, v. 23, n. 1, p. 106-122, jan./abr.. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682017000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000100007). Acesso em: 22 jan. 2024.

Moura, Alexandre Rambo & D'Agord, Marta Regina de Leão. (2012). O amor Sidonie: quando a amada precisa se manter inacessível. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 285-297. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v44n2/v44n2a03.pdf>. Acesso em 22 jan. 2024.

Nobre, Márcio Rimet. (2020). *Derivas do saber na cultura digital: O sujeito do inconsciente entre algoritmos e matemas*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

Pinto, Jeferson Machado. (1999). A instituição acadêmica e a legitimação da vocação científica da psicanálise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3). Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300009>. Acesso em: 02 fev. 2021.

Ramírez, Mario Elkin. (2020). Crime e castigo do gozo adolescente. In: Guerra, Andréa Máris Campos & Moreira, Jacqueline de Oliveira (orgs.). *Adolescências e narrativas memorialísticas* [recurso eletrônico]: escutando apostas inconscientes. (Trad. A. P. M. de Souza, G. M. de S. Diniz, L. A. Alves).1. ed. Santa Cruz do Sul, SC: EDUNISC. (p. 89-90). Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2913>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Rimbaud, Arthur. (1985). *Uma temporada no inferno e iluminações*. (Trad. intr. e notas Lêdo Ivo). 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1873)

Rimbaud, Arthur. (2012). *Iluminações*. (Trad. Janer Cristaldo). eBooksBrasil. (Trabalho original publicado em 1886) Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/rimbaud.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Ríos, Christian & Tendlarz, Silvia Elena (2022). O novo no amor e o de sempre. Trabalho apresentado no X ENAPOL - O novo no amor - modalidades contemporâneas dos laços sociais (8 a 10 de outubro de 2021). – Erosão de Eros. *XXVI Jornada da EPB Bahia. / XXII Jornada do Instituto de Psicanálise da Bahia*. Disponível em: <https://ebpbahia.com.br/jornadas/2022/wp-content/uploads/2022/06/O-novo-no-amor-e-o-de-sempre1-Tendlarz-Rios.pdf>. Acesso em: 02 de dez. 2023.

Rougemont, Denis de. (1988). *O amor e o Ocidente*. (Trad. P. B. & E. B. Cachapuz). Rio de Janeiro: Guanabara.

Ruffino, Rodolpho (2004). A condição traumática da puberdade na contemporaneidade e a adolescência como sintoma social a ela articulada. *Textura: Revista de Psicanálise*, 4(4), 1-12.

Santoro, Vanessa Campos. (2016). O amor nos tempos da Internet. *Estudos de Psicanálise*, (45), p. 167-170. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010034372016000100017&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372016000100017&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 23 dez. 2023.

Slongo, Cleudes Maria. (2016). Parcerias sintomáticas contemporâneas. *Revista Arteira*, Florianópolis: Escola Brasileira da Psicanálise – Seção Santa Catarina, n. 8, p. 39-44. Disponível em <https://revistaarteira.com.br/images/pdf/Arteira-8.pdf>. Acesso em 08 jan. 2024.

Soares, Cássio Eduardo. (2021). O amor cortês: Um desejo de contenção? *Revista Interfaces*, v. 12, n. 2, p. 154-163 Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/6850/4871](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6850/4871). Acesso em out. 2023.

Söhnle, Ernesto. (2015). A literatura e suas modalidades de amor. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul, RS, v. 40, n. 69, pp. 110-121, jul./dez.. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/6572>> Acesso em: 10 fev. 2024.

Soler, Colette. (2011). O Discurso Capitalista. In: Trabalho crítico com os conceitos. *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 55-67, maio. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/816/513>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Soler, Colette. (2012). *Lacan, o inconsciente reinventado*. (Trad. Procópio Abreu). Rio de Janeiro: Cia. de Freud.

Souza, Aurélio. (2008). *Os discursos na psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Stengel, Márcia, Moreira, Jacqueline de Oliveira & Lima, Nádia Laguárdia de. (2015). O amor na internet: Um encontro amoroso de um adolescente. *Psicologia em Estudo*, v. 20, n. 2, p. 319-330. Disponível em: [https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/27407/pdf\\_54](https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/27407/pdf_54). Acesso em: 02 de jan. 2022

Stevens, Alexandre. (2006). Amor e Nome-do-pai. *Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, seção Leste-Oeste, n. 56. Disponível em: <https://ebp.org.br/slo/amor-e-nome-do-pai/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Stevens, Alexandre. (2013). Quando a adolescência se prolonga. *Opção Lacaniana Online*, a. 4, n. 11, jun. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_11/Quando\\_adolescencia\\_prolonga.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/Quando_adolescencia_prolonga.pdf) Acesso em: 22 jan. 2024.

Stevens, Alexandre. (2018). Fazer-se um corpo na adolescência. *Cien digital* #20, trad. A. M. Maia & M. R. Guimarães. Disponível em: <https://ciendigital.com.br/index.php/2018/11/28/fazer-se-um-corpo-na-adolescencia/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Taretto, Gustavo. (2011). *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*. Produtora: Rizoma Films.

Teixeira, Antônio. (2011). A bibliofilia contra a bibliometria. *Tempo Psicanalítico*, 43(2), p. 341-354. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v43n2/v43n2a06.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Teixeira, Fabiana Cristina. (2014). Medianeras: o traumático nas conexões e decepções amorosas. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 36, n. 68, p. 39-45, dez.. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v36n68/v36n68a06.pdf>. Acesso em 03 fev. 2023.

Ventura, Oscar (2021). O amor, sempre Outro. In: *Mutações do laço social: o novo nas parcerias*. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas. Belo Horizonte:. Disponível em: [https://www.jornadaebpmg.com.br/2020/wp-content/uploads/2020/09/texto4\\_oscar-ventura.pdf](https://www.jornadaebpmg.com.br/2020/wp-content/uploads/2020/09/texto4_oscar-ventura.pdf). Acesso 18 jan. 2024.

Vorcaro, Angela. (2010). Psicanálise e método científico: o lugar do caso clínico. In: Kyrillos Neto, Fuad & Moreira, Jacqueline de Oliveira. *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena, MG: UEMG. (pp. 11-23)

Zalberg, Malvine. (2011). Os tempos do amor. *Cógito*, v. 12, p. 21-25. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792011000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792011000100004&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 11 jan. 2024.

Zuboff, Shoshana. (2020). *A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. (Trad. George Schlesinger). Rio de Janeiro: Intrínseca.